TESTEMUNHOS

Sumário

Sumário 3
Cap Eng Telmo Travassos de Azambuja 5
Cel QEM José Antônio Carneiro Borges 13
Ten-Cel Inf Walter Chiarato..... 23
Cel Eng Zauri Tiaraju Ferreira de Castro 39
Gen Ex Joaquim Silva e Luna..... 59
Cel Av Renato Meirelles 75
ST Vet Luiz Mário Severo Ávila 79
Gen Div Décio dos Santos Brasil 85
Cel Inf Gélio Augusto Barbosa Fregapani..... 101
Cel Inf Wesley Antônio Maretti..... 109
Missões Nada Evangélicas..... 116
Álvaro Paulo da Silva (Paulo Mineiro) 131
Bibliografia 153

(Ordenados pela data da Oitiva)

Cap Eng Telmo Travassos de Azambuja

Aos 29 dias do mês de agosto de 2022, às 15h00 (Horário de Brasília), em audiência virtual, realizada por intermédio da plataforma Teams, tendo como objetivo compor o laudo pericial antropológico do Assistente Técnico da União dos autos da ação cívica Waimiri-Atroari n° 1001605-06.2017.4.01.3200, vamos iniciar a inquirição com o testemunho do Cap Eng Telmo Travassos de Azambuja.

O Sr. poderia me informar seu nome completo: Telmo Travassos de Azambuja; identidade: 1.402.481, SSP-PE; CPF: 074.723.150-87; Patente: Capitão; estado civil: casado; naturalidade: Porto Alegre, RS; filiação: Antônio Carlos de Azambuja / Noely Travassos de Azambuja; residência: Itaipava, Petrópolis, Avenida das Acácias n° 736.

Vamos então às perguntas:

Pergunta: o Sr. serviu no 6° Batalhão de Engenharia de Construção [6° BEC] em que período?

Resposta: Eu servi em 1976 e 1977. Para ser mais preciso, oficialmente eu entrei no dia 2 de março de 1976, saindo do CPOR de Recife, onde ajudei a formar 4 turmas de Oficiais da Reserva, e sai dia 17 de fevereiro de 1978. Eu falo de 1976 e 1977 porque, na verdade, no final do ano, eu me preparava para viajar.

Pergunta: o Sr. participou da construção da BR-174, caso positivo qual sua função e em que período?

Resposta: Logo que eu cheguei, fui destacado para o Destacamento Norte, responsável pela construção da BR-174 no sentido Caracaraí-Manaus. O Destacamento

Sul era ao contrário Manaus-Caracaraí. Mal cheguei já fui para a Selva e lá fiquei até fechamento da estrada.

Pergunta: o Sr. tomou conhecimento, na época, dos massacres perpetrados pelos Waimiri-Atroari ao Posto Alalaú II (no dia 01.10.1974), à turma de desmatamento – os maranhenses (no dia 18.11.1974), e ao Posto Abonarí II (no dia 29.12.1974)?

Resposta: Eu tomei conhecimento de maneira geral, sem a precisão de datas. Inclusive tenho uma foto, junto à estrada, com uma cruz com os nomes de alguns mortos pelos índios. Então eu tinha conhecimento ao entrar no Destacamento Norte e ao comandar comecei a juntar estas informações, não com precisão de datas, eu estava mais ligado à construção da estrada em si.

Pergunta: o Sr. após estes massacres observou mais alguma atividade hostil por parte dos nativos?

Resposta: Havia um temor permanente por causa da instabilidade do relacionamento com os índios, isso passado pela própria FUNAI, e o histórico dos ataques feitos, mas a parte com os índios era com a FUNAI. A mim cabia coordenar a construção, havia uma diferença muito grande entre estas duas atividades. Resumindo, temíamos sim, tínhamos a orientação para não reagir e qualquer situação que envolvesse os índios era para entrar em contato com a FUNAI.

Pergunta: o Sr. teve algum contato direto, em alguma oportunidade, com os nativos?

Resposta: Tive, em duas oportunidades, uma quando estava visitando um Posto da FUNAI, dentro da nossa área de trabalho, e ao visitar o Posto com meu motorista Aniceto (descendente, inclusive, dos indígenas, soldado do EB, na época), fomos surpreendidos, eu,

meu motorista e uns dois, aproximadamente, funcionários da FUNAI com a chegada de índios da borda da estrada, uma quantidade razoável, imagino em redor de trinta, entre mulheres, crianças além de cachorros, eles com arco e flechas e outros aparatos chegaram ao Posto da FUNAI, onde eu estava, tive este contato com eles. Não esqueço de uma situação em que um deles olhou para um facão que eu trazia na cintura e quis pegar direto, eu evitei a ação dele com o máximo de delicadeza possível e desviei a atenção dele para as prateleiras da FUNAI que tinham alimentos, em latas e em pacotes, peguei alguns e dei pra ele, e ele me devolveu a gentileza, digamos assim, com flecha e algum outro artefato, que não estou mais lembrado exatamente o que era e depois deste evento, alguns minutos apenas, um funcionário da FUNAI veio falar comigo que era melhor eu me afastar dali porque o ato de eu não ter permitido ele sacar a minha faca poderia causar algum problema de agressividade, então eu sai com meu motorista. Pelo que eu soube nada aconteceu depois. Mas este foi o primeiro contato. Outro contato foi com os índios Wai-Wai, em 1976, eu estava numa camionete vistoriando as obras quando vi índios na orla da selva. Os índios Wai-Wai. Mais contatados, inclusive com roupas comuns a nós, estavam na beira da estrada um tanto agitados, parei e dei carona para eles para levá-los até o Posto da FUNAI, eram cerca de oito índios, o restante dos índios não posso quantificar porque estavam dentro da mata, e levei-os para a FUNAI. Os Wai-Wai, ao chegarem à FUNAI, investigaram o local todo e eu soube depois que tinha sido um contato feito da FUNAI para tentar convencê-los de viver naquela região com o intuito de, digamos assim, amenizar a agressividade dos WAi. Pelo que eu soube eles não gostaram da área, testaram até a terra e não

gostaram muito do local. É a única coisa que eu sei, mas foram dois tipos de índios que eu encontrei e convivi pessoalmente. Tenho fotos de todas estas coisas.

Pergunta: o Sr. pode apontar quais foram as alterações na rotina dos trabalhadores do 6° BEC após a chegada do 1° BIS?

Resposta: A rotina era de 24 horas de trabalho por dia. Os que trabalhavam de dia dormiam à noite e vice-versa, era um trabalho incessante e a rotina era de ter o cuidado de não entrar na mata e qualquer visão de índios avisarem-nos para que contatássemos a FUNAI, não reagir nem nada. Nosso centro de atenção, pois, era a construção da estrada.

Pergunta: o Sr. em alguma oportunidade viu ou ouviu supostas rajadas de metralhadora ou a explosão de dinamite para afugentar os nativos? Caso positivo, presenciou ou apenas ouviu à distância ruídos que se assemelhavam a disparos e explosões, qual a frequência destes eventos, teve a oportunidade de identificar quem eram os autores e como se vestiam?

Resposta: Não, nunca aconteceu isso, nunca ouvi nada disso, mesmo porque não havia este tipo de armamento no local. Nós, militares da arma de engenharia, éramos concentrados na construção. Eventualmente tínhamos a tradição de levar as pistolas, uma faca, algo assim porque o ambiente era hostil de animais e tudo mais. Mas não tinha armamento pesado, metralhadora, nem fuzis, isto é de uso militar, o FAL e coisas assim são fantasia.

Pergunta: o Senhor em alguma oportunidade viu índios serem transportados por caminhões do Exército?

Resposta: Nunca.

Pergunta: o Senhor notou, neste período, o sobrevoo de aeronaves militares sobre a área, além dos aviões da FUNAI ou do 6°BEC?

Resposta: Não, os únicos aviões que vieram foram os aviões que nós usávamos um Seneca ([1]) e outro monomotor para o transporte de Boa Vista até o acampamento e, às vezes, do acampamento até Manaus. Era a única forma de trajeto que nós tínhamos. Estes eram os aviões que nós usávamos, nenhum outro avião eu vi passar por lá.

Pergunta: o Sr. sabe informar se a FUNAI, a partir de 1975, acompanhava os trabalhos de abertura das picadas pela equipe de topografia?

Resposta: Eu posso afirmar do período que estava lá. De 1976, bem no início do ano, até a conclusão da estrada a FUNAI se concentrava nos Postos dela em contatos que eu não acompanhava, eu não sabia o que faziam. Tínhamos contato para a informação de algum fato ou alguma coisa, mas eu não acompanhava os trabalhos da FUNAI.

Pergunta: o Sr. sabe informar se houve alguma iniciativa, por parte da FUNAI, para afastar os indígenas das frentes de trabalho?

Resposta: Nunca, mesmo porque a FUNAI, na área em que eu estava, tinha apenas um ou dois funcionários – alguma coisa assim, raramente, se houve, mais de dois eu não acompanhei. Mas, geralmente eram dois funcionários, um número insuficiente para adentrar a

---

[1] Piper Seneca: aeronave bimotor de pequeno porte, com capacidade para transportar um piloto e cinco passageiros. (Hiram Reis)

mata em busca de índios. Isso é uma fantasia sem tamanho.

Pergunta: o Sr. presenciou algum suposto ato hostil por parte dos trabalhadores em relação aos Waimiri-Atroari?

Resposta: Não, eles tinham um temor e um cuidado só, mas tinham muita confiança pela calma que normalmente reinava no período em que lá estive, não teve nenhuma agitação deste tipo aí. E qualquer coisa que tivesse acontecido ninguém, absolutamente ninguém, ninguém mais do que eu saberia, porque eu era o número 1 em toda a área, tudo que acontecia eu tomava conhecimento, desde os mateiros até os militares eu tinha o controle de absolutamente tudo, toda informação era concentrada em mim e repassada para o Batalhão e para quem quisesse. É impossível alguém saber mais do que eu neste período.

Pergunta: o Sr. poderia relatar qual a orientação dos comandantes das frentes de trabalho em relação aos Waimiri-Atroari?

Resposta: No meu caso, que cheguei em 1976, ela não foi muito, digamos assim completa, foi que tínhamos a missão de construir a estrada, a questão dos índios, era atribuição da FUNAI e pronto. A concentração de informações era mais relativa ao trabalho, como se os índios fossem algo à parte do nosso trabalho – índio é FUNAI, a construção da estrada 6° BEC.

Pergunta: o Sr. notou a presença de algum estrangeiro na área neste período?

Resposta: Em 1976, recebemos por volta de uns 10 Cadetes chilenos, da Academia Militar do Chile, que passaram um período conosco lá. Foram muito bem recebidos, acompanharam as obras e ficaram encantados com a selva amazônica e com a qualidade e intensidade dos nossos trabalhos, não tiveram nenhum contato com os índios ou algo parecido, mesmo porque não era o assunto predominante do nosso trabalho.

Pergunta: o Sr. poderia relatar qual o comportamento da mídia, em geral, às ações Governo Nacional no período chamado de Regime Militar?

Resposta: Bem eu posso falar de antes e durante o meu período na BR-174. Na BR-174, eu praticamente ficava muito isolado a não ser quando ia para Boa Vista, na sede, ou então a Manaus. A concentração era muito forte no trabalho e não tínhamos, desta forma, oportunidade de ficar vendo o que estava saindo na mídia, mas antes de eu chegar, como eu disse fiquei 4 anos em Recife, no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, a mídia toda era favorável, eu vivia isso intensamente numa capital de renome, como Recife.

Totalmente favorável, nada maculando a atuação do Exército. Depois que eu sai, também no período da EsAO, sempre foi uma visão de uma interpretação de que o que o Exército fez era necessário.

Pergunta: o Sr. Não acha que qualquer ataque perpetrado pelas Forças Armadas, no final da década de 60 e na de 70 seria amplamente explorado pela mídia?

Resposta: Eu acho que sim, tudo que era informação convinha para um lado e para o outro, oficialmente ou não oficialmente, todo mundo sabia de tudo.

Pergunta: o Sr. gostaria de acrescentar mais algum comentário?

Resposta: O meu comentário é muito individual, depois que eu sai da ativa do Exército eu participei de muitos eventos no Brasil inteiro, conheço o Brasil inteiro, sou consultor na área de gestão e tenho um currículo bem farto, e me revoltou algumas vezes, entrando na internet, vendo algumas besteiras ditas em alguns sites, e em dois que eu entrei, desdizendo, me revoltei tanto com mentiras ditas na construção da estrada, e eu entrei e questionei – olha quem está falando aqui é quem esteve lá e o que está dizendo aí é uma besteira, para o dono do site não é, então por duas vezes a resposta é de que o site ficou mudo.

O que eu vi assim foi gente falando sem a mínima noção da realidade por motivos sei lá, que interesses ou objetivos que estão por trás aí. Eu sempre procuro falar com quem esteve no local, ou estudou muito e foi atrás de informações verídicas para comentar. Então me revoltei muitas vezes com notícias quando aletoriamente entrava na internet e via absurdos que até hoje ainda tem.

E como nada mais disse e nem lhe foi perguntado dou por encerrado o Presente depoimento à 15h17 (Horário de Brasília).

Cel QEM José Antônio Carneiro Borges

Aos 29 dias do mês de agosto de 2022, às 16h30 (Horário de Brasília), em audiência virtual, realizada por intermédio da plataforma Teams, tendo como objetivo compor o laudo pericial antropológico do Assistente Técnico da União dos autos da ação cívica Waimiri-Atroari n° 1001605-06.2017.4.01.3200, vamos iniciar a inquirição com o testemunho do Cel QEM José Antônio Carneiro Borges.

O Sr. poderia me informar seu nome completo: José Antônio Carneiro Borges; identidade: 036.811.921-0, emitida pelo EB/MD; Patente: Coronel; estado civil: casado; naturalidade: Porto Alegre, RS; filiação: Virgílio Carneiro Borges / Lygia Monteiro Carneiro Borges; residência: Porto Alegre (RS), Petrópolis, Av. Nilópolis, 210 ap. 703.

Vamos então às perguntas:

Pergunta: o Sr. serviu no 6° Batalhão de Engenharia de Construção [6° BEC] em que período?

Resposta: Sim, eu servi em dois períodos, no 6° BEC, o primeiro período foi de abril de 1975 a fevereiro de 1976 e o outro de fevereiro de 1980 a fevereiro de 1982.

Pergunta: o Sr. participou da construção da BR-174, caso positivo qual sua função e em que período?

Resposta: Eu trabalhei na construção da BR-174, nestes dois períodos. A primeira vez eu cheguei e permaneci dois meses na sede do Batalhão e depois fui para o Abonari, sede do Destacamento Sul, e lá fiquei até completar o meu tempo que foi em fevereiro de

1976, quando fui para o para o 1° BECmb, no Rio de Janeiro. A segunda vez após a conclusão do curso do IME (Instituto Militar de Engenharia) fui para o 6° BEC lá chegando em fevereiro de 1980 e fique por lá até fevereiro/março de 1982.

Pergunta: o Sr. tomou conhecimento, na época, dos massacres perpetrados pelos Waimiri-Atroari ao Posto Alalaú II [no dia 01.10.1974], à turma de desmatamento – os maranhenses [no dia 18.11.1974], e ao Santo Antônio do Abonarí I [no dia 29.12.1974]?

Resposta: Eu soube dos massacres quando eu cheguei ao Abonari a primeira vez por contatos com outras pessoas que tinham participado principalmente do resgate dos corpos do pessoal do massacre do Abonari e também me falaram sobre estes dois outros massacres, mas "*an passant*" ([2]), porque ninguém sabia exatamente como tinha acontecido, mas o massacre do Abonari I eu conheci as pessoas que trabalharam e tiveram contato com os índios, no caso o Coronel Tiaraju, na época Tenente da minha turma que também fez o resgate dos corpos do pessoal da FUNAI.

Pergunta: o Sr. após estes massacres observou mais alguma atividade hostil por parte dos nativos?

Resposta: Bom como eu cheguei no Batalhão depois de terem acontecido os massacres, eu não vi nenhuma diferença do antes e do depois, porque eu não tive o antes, só tive o depois.

Mas o depois; eu fui para Boa Vista, quando cheguei e fiquei dois meses lá e por volta do mês de abril fui para o Destacamento Sul, trabalhar na 1ª CiaCnst, do 6° BEC que ficava no Alalaú e aí que eu comecei a ter

---

[2] An passant: superficialmente, ligeiramente. (Hiram Reis)

contatos quase que diários. O pessoal ainda tinha medo, receoso, a obra tinha ficado parada após os massacres e tinham reiniciado novamente. Então não sei te dizer se ouve uma diferença do antes e do depois porque eu não estive lá antes.

Pergunta: o Sr. em alguma oportunidade viu ou ouviu supostas rajadas de metralhadora ou a explosão de dinamite para afugentar os nativos? Caso positivo, presenciou ou apenas ouviu à distância ruídos que se assemelhavam a disparos e explosões, qual a frequência destes eventos, teve a oportunidade de identificar quem eram os autores e como se vestiam?

Resposta: Não. Nunca ouvi falar nada sobre isso, sobre estes tiros, rojões, etc. Nunca vi nem ouvi falar que isso tenha ocorrido.

Pergunta: o Sr. em alguma oportunidade viu índios sendo transportados por caminhões do Exército?

Resposta: Não, nunca vi.

Pergunta: o Sr. notou, neste período, o sobrevoo de alguma aeronave militar sobre a área, além das aeronaves da FUNAI ou do 6°BEC?

Resposta: Não. Somente, naquela época, o que mais voava por lá eram os aviões fretados pelo Batalhão, um monomotor que ficava no Destacamento Sul e outro bimotor que ficava Destacamento Norte, avião militar nenhum.

Pergunta: o Sr. sabe informar se a FUNAI, a partir de 1975, acompanhava os trabalhos de abertura das picadas pela equipe de topografia?

Resposta: As picadas da topografia foram na verdade realizadas pela equipe que fez o projeto da Estrada e esta empresa, se não me falha a memória, pois estava escrito nos projetos eu acho que era a empresa LASA. A LASA é que executou os projetos e as picadas da topografia. Então não tinha ninguém da FUNAI acompanhando as picadas da topografia que eu saiba. Se houve foi antes do meu período e deve ter sido por alguém da equipe do Gilberto, que morreu.

Pergunta: o Sr. sabe informar se houve alguma iniciativa, por parte da FUNAI, para afastar os indígenas das frentes de trabalho?

Resposta: Não, não sei de nenhuma, de nada que tentassem fazer com que os índios saíssem, ao contrário, que eu saiba eles tentavam estabelecer contatos através de índios que eles levaram de outras tribos para lá, principalmente Suruís que levaram de Rondônia para lá.

Pergunta: o Sr. presenciou algum suposto ato hostil por parte dos trabalhadores em relação aos Waimiri-Atroari?

Resposta: Não, o pessoal até tinha medo, mas eles ficavam a maior parte do tempo no eixo da estrada, então ato hostil mesmo depois que houve os contatos que eu presenciei nunca houve nenhum ato hostil que eu tenha visto de qualquer militar ou civil que estivesse trabalhando lá contra os índios.

Pergunta: o Sr. poderia relatar qual a orientação dos comandantes das frentes de trabalho em relação aos Waimiri-Atroari?

Resposta: A ordem era tratar os índios com benevolência, tentar sempre a amizade deles, então podemos dizer que a orientação que nos foi dada era de que jamais deveríamos nos mostrar como inimigos e sim, sempre como amigos dos índios.

A primeira relação deveria ser a mais amistosa possível e também a primeira coisa que deveríamos fazer assim que tivéssemos contato com os índios era avisar a FUNAI, às vezes não era possível, ou quando ela chegava o contato já tinha sido feito, mas nunca houve nada de hostil contra os índios.

E também a ideia era essa sempre tentar manter a amizade e até aprendemos algumas palavras da língua-gem deles uma é "*maré*" e a outra é "*marupá*" – "*maré*" significa tudo que é bom e "*marupá*" tudo que é ruim, então quando nós víamos os índios de longe já começavamos a gritar "*maré, maré, maré*". Essa era a nossa orientação.

Pergunta: o Sr. notou a presença de algum estrangeiro na área neste período?

Resposta: Sim. A FUNAI depois que houve o massacre do Abonari, praticamente ficou sem ninguém por lá e como houve necessidade de refazer seus quadros levaram para lá três Sertanistas. Sendo que um deles já tinha certo renome – Apoena Meireles, era da família Meireles. Os irmãos Meireles também junto com os irmãos Villas-Bôas eram praticamente os ídolos da FUNAI. Então foi o Apoena Meireles para lá e junto com ele foi um sertanista daqui do Rio Grande do Sul Aimoré e outro conhecido com Zebel (acho que deve ser apelido – José Belo, ou algo assim).

Esses três Sertanistas passaram a morar no Posto do Abonari, não no Abonari Acampamento do Exército, e levaram para lá um casal que eu creio de americanos ou canadenses, falavam inglês, e estas duas pessoas tinham a finalidade, segundo a FUNAI, de fazer os contatos com os índios e tentar aprender a língua dos índios. Mas nunca falávamos com estes dois sozinhos porque estavam sempre acompanhados de um dos três sertanistas.

Pergunta: o Sr. poderia relatar qual o comportamento da mídia, em geral, às ações Governo Nacional no período chamado Regime Militar?

Resposta: Poderia dizer que haviam duas mídias, uma mídia que era favorável, ou pelo menos se mostrava favorável ao Regime e uma outra que tentava prejudicar e hostilizar tudo que acontecia. Estas eram as duas posições da mídia, sendo que esta segunda estava sempre procurando algo que ela pudesse espezinhar o Governo.

Pergunta: o Sr. não acha que qualquer ataque perpetrado pelas Forças Armadas, no final da década de 60 e na década de 70 seria amplamante explorado pela mídia?

Resposta: Sim, seria um "*prato feito*" para eles e se tivesse acontecido alguma coisa com certeza eles exploriam e teriam conhecimento o mais rápido possível.

Pergunta: o Sr. gostaria de acrescentar mais algum comentário?

Resposta: Sim, o que eu poderia dizer é o seguinte: posso ler? Eu escrevi algumas coisas sobre isso... O

melhor não é ler é falar. Quando eu cheguei ao Abonari, Destacamento Sul, maio/junho, pairava sempre aquele problema no ar que os índios nunca mais tinham feito contato direto, não se sabia o que ocorreria em um próximo encontro e aconteceu algo interessante no mês de agosto foi à frente de serviço um Padre, um Capelão Militar chamado Quinto.

O Padre Quinto passou pelo Abonari, ele ficava pouco no Abonari, e assim que ele passou pelo Abonari e, com autorização do comando do Destacamento, ele foi até a Frente de Serviço, no Alalaú onde ficava a sede da Companhia e lá ele exerceu suas funções religiosas, acho que rezou uma missa, eu não sei bem porque eu não sou católico, e ele queria ir para Frente de Serviço, até a ponta de serviço, e foi, ele insistiu tanto que lá dormiu de 13 para 14 de agosto de 1975 (eu me lembro do dia porque é o dia do aniversário do meu pai).

O Padre Quinto foi até a frente de serviço e passou por todas as nossas equipes – bueiros, terraplenagem, revestimento primário, e chegou à ponta do desmatamento onde estava o Ten Cláudio. Enquanto ele lá estava, as máquinas trabalhavam fazendo o desmatamento mecânico, dali a pouco, apareceram três índios, assim que estes três índios surgiram todo mundo parou, as máquinas pararam e ficou aquele clima tenso a equipe sentiu que estava cercada e como havia muito barulho no mato deveriam ter muitos índios por ali.

O Cláudio não estava sozinho com esse pessoal, estava com ele um GC (Grupo de Combate) do 1° BIS de Manaus, nove homens comandados por um Sargento e armados de FAL e o clima ficou tenso e o Padre Quinto teve a iniciativa de tirar um cintura um cinto NA, que

ele levava na cintura, e entregou a um dos índios que estavam armados de arco e flecha e esse índio pegou e deu uma flecha ao Padre Quinto. Isso aí então quebrou uma barreira, o último contato deles com os brancos que nos sabemos tinha sido em dezembro, um dia ou dois antes do massacre do Posto do Abonari.

Então desde dezembro foram oito meses, e ali as coisas começaram a melhorar, aos poucos os índios foram se aproximando de nós, eles surgiam quando a gente menos esperava.

Eu mesmo tive três ou quatro contatos com eles, Eles sempre apareciam querendo fazer trocas. O Padre deu o cinto e recebeu uma flecha outras vezes biju, redes e outros apetrechos deles em troca de coisas que a gente tinha. Tínhamos, então, sempre algo para dar a eles, espelhos, facões, panelas, e a coisa que eles mais gostavam, sobretudo, era a lima.

A lima para eles era o máximo, pois eles pegavam os outros objetos metálicos e limavam e faziam pontas de flecha. Estes contatos aconteceram vários, no começo só apareciam somente os índios adultos, os homens, depois começaram a aparecer adolescentes e por último começaram a aparecer mulheres e crianças e com isso aí as coisas começaram a ficar compactuadas, nunca mais, que eu saiba, teve algum contato inamistoso com os índios.

Eu fui embora transferido para o Rio de Janeiro e de lá para o 1° BECmb e de lá para o IME, e três anos depois eu voltei para o 6° BEC, fui corresponsável técnico pela construção da ponte do Alalaú, fronteira do Estado do Amazonas e, na época, Território federal de Roraima, hoje Estado de Roraima.

E naquela época os índios já estavam, a meu ver, os que estavam perto do Posto, aculturados, o acampamento deles era o nosso antigo acampamento da 1ª CiaECnst do lado Norte do rio Alalaú. E nesse período a Reserva já estava consolidada começando no rio Abonari e indo até Jundiá. Então são estas considerações, jamais vi qualquer encontro inamistoso com os índios.

E como nada mais disse e nem lhe foi perguntado dou por encerrado o Presente depoimento à 16h54 (Horário de Brasília).

Depoente: Cel QEM José Antônio Carneiro Borges

_____

Cel Eng Ref Hiram Reis e Silva

Ten-Cel Inf Walter Chiarato

No dia 30 de agosto de 2022, às 15h03 (Horário de Brasília), em audiência virtual realizada por intermédio da plataforma Teams, tendo como objetivo compor o laudo pericial antropológico do Assistente Técnico da União, nos autos da Ação Civil Pública – Waimiri-Atroari, n° 1001605-06.2017.4.01.3200, inicio a inquirição do Sr. Walter Chiarato.

O Sr. poderia informar o seu nome completo: Walter Chiarato; identidade: 025.821.511-0 – emitida pelo EB/MD; CPF: n° 321.743.817.53; Patente: Tenente-Coronel; estado civil: casado; naturalidade – Salto Grande, SP; filiação – Virgílio Chiarato / Ana Prezoto Chiarato; residência – Rua Coronel Arthur Ferreira de Abreu, n° 480, Curitiba, PR; CEP – 82.810.070.

Vamos então às perguntas:

Pergunta: o Sr. serviu no 1° Batalhão de Infantaria de Selva (1° BIS) em que período?

Resposta: Cheguei lá como Aspirante em fevereiro de 1975 e sai em janeiro de 1976.

Pergunta: o Sr. tomou conhecimento, na época, dos massacres perpetrados pelos Waimiri-Atroari ao Posto Alalaú II (no dia 01.10.1974), à turma de desmatamento – os maranhenses (no dia 18.11.1974), e ao Posto Abonarí II (no dia 29.12.1974)?

Resposta: Tomei conhecimento quando participei das missões lá do 1° BIS, que tinha ordem para, inicialmente, fazer um rodízio de tropa valor Pelotão de Fuzileiros para dar segurança à construção da estrada que estava em ritmo de desmatamento da abertura da

estrada e depois a terraplanagem. Então, em novembro de 1975, eu participei pela primeira vez desse Pelotão de Fuzileiros que foi designado para cumprir missão lá durante um mês. Era um rodízio de Pelotão e fui uma segunda vez, em agosto de 76, e dessa forma já não havia mais rodízio foi uma missão inopinada que foi solicitada pelo Destacamento do BEC. Então eu tomei conhecimento nessa época dos massacres, que tinham acontecido lá, conversando com os mateiros e com os funcionários da FUNAI.

Pergunta: o Sr. tem conhecimento de quais foram as medidas tomadas pelo Exército Brasileiro para dar continuidade aos trabalhos da BR-174, temporariamente suspensos após os ataques?

Resposta: Era a designação de uma tropa para fazer a segurança na região da abertura do desmatamento ao longo da picada, tinha uma picada inicial que tinha sido demarcada pela topografia e nessa picada seguia o desmatamento para poder fazer a terraplanagem. Nesse desmatamento o mais complicado era a travessia de uma parte alagada, aí vinha uma equipe, principalmente de funcionários civis, de uma firma contratada pelo 6°BEC, faziam a derrubada manual onde os tratores podiam passar com segurança para atravessar e fazer o desmatamento do outro lado desse charco, desse alagado. Então era uma tropa de valor Pelotão de Fuzileiros, não mais que isso, para dar segurança nos trabalhos ao longo da picada.

Pergunta: só para ilustrar qual era o efetivo para o pessoal que não é militar?

Resposta: O Pelotão de Fuzileiros tem em torno de 35 homens.

Pergunta: o Sr. fez parte de alguma tropa do 1° BIS encarregada da segurança dos trabalhadores da BR-174 e quantas vezes?

Resposta: Foram duas vezes, uma primeira vez era a segurança normal, era corriqueira, era um rodízio de tropa que fazia segurança quando houve, no caso, a ligação do desmatamento a ligação do desmatamento da Frente Norte com a Frente Sul foi suspensa essa segurança porque acharam que não tinha mais necessidade, porque não tinha ocorrido nenhum conflito e acharam que não havia muito risco pelo fato da estrada já estar desmatada em torno de 60 m.

Pergunta: o Sr. em alguma oportunidade teve de lançar mão de rajadas de metralhadora ou a explosão de dinamite para afugentar os nativos?

Resposta: Não, eu tive contatos duas vezes com eles, na primeira e a segunda vez, que foi motivada por já ter a certeza de haver este contato. Da primeira vez foi um contato fortuito e eles não apareciam na picada, quando eles tinham de aparecer eles apareciam na estrada e iam ao Posto da FUNAI que era montado ao longo da estrada. No desmatamento não tinha Posto da FUNAI no meio do mato era na estrada mesmo onde era montado um Posto da FUNAI e ele era deslocado conforme se avançava a estrada. A terraplanagem, o desmatamento também se deslocavam mais próximos às picadas. Então não foi necessário realizar nenhuma rajada nem nada e a nossa missão era de segurança, não era de atacar nem afugentar nem nada. Eu particularmente não, nem quando eles chegaram da primeira vez até a estrada, em novembro de 1975, nós tivemos um contato com eles que apareceram fortuita-

mente com mulheres crianças, tudo, no Posto da FUNAI. Aí nós tivemos um contato com eles.

Pergunta: O Sr. em alguma oportunidade viu índios mortos serem transportados por caminhões do Exército?

Resposta: Não. Nem mortos nem transportados em caminhões.

Pergunta: o Sr. notou, neste período, o sobrevoo de alguma aeronave militar sobre a área, além do avião da FUNAI e do 6° BEC?

Resposta: Não, nem uma aeronave, nem militar nem civil, nem da FUNAI, não teve sobrevoo de aeronave nesta época lá.

Pergunta: o Sr. sabe informar se houve alguma iniciativa, por parte da FUNAI, para afastar os indígenas das frentes de trabalho?

Resposta: Não, não, inclusive quando eles apareciam eles chegavam acompanhados de mulheres e crianças, como já disse, amistosamente e a FUNAI apenas fazia o contato, Alguns funcionários da FUNAI que conheciam alguma palavra do idioma deles tentavam fazer a comunicação, mas era difícil a comunicação com os Waimiri-Atroari porque era um caso bem particular, eles repetiam tudo que nós falávamos e sem sotaque sem nada, se eu dizia "*chave de fenda*" eles repetiam "*chave de fenda*", se eu falava "*pistola*" eles respondiam "*pistola*", se eu proferia fuzil respondiam "*fuzil*" com a mesma entonação de voz, não sabíamos onde eles aprenderam isso, mas eles tinham essa facilidade

de repetir o que nós falávamos com a mesma entonação de voz, mesmo sotaque, vamos dizer assim.

Pergunta: o Sr. presenciou algum suposto ato hostil por parte dos trabalhadores em relação aos Waimiri-Atroari?

Resposta: Não, não presenciei apenas tive conhecimento, mas não de ato hostil dos trabalhadores nem da FUNAI, mas sim deles contra o pessoal, mas sempre com algum motivo.

Pergunta: o Sr. poderia relatar qual a orientação recebida do escalão superior em relação aos Waimiri-Atroari?

Resposta: Era para fazer a segurança na região do deslocamento da trilha e não se afastar dela não perseguir nem nada é fazer a defesa caso fosse atacado, mas não teve esse caso, era segurança ao longo da trilha, essa segurança se baseava, dependendo da visibilidade da selva, em torno de 50 m mais ou menos, menos que isso talvez, mais que isso dependendo da vegetação, então nós não saímos do eixo da trilha, vamos dizer assim, do traçado da trilha que seria em torno de 50 m mais ou menos devido a visibilidade do pessoal que trabalhava também, era apenas segurança nada de ação de combate era a segurança do pessoal.

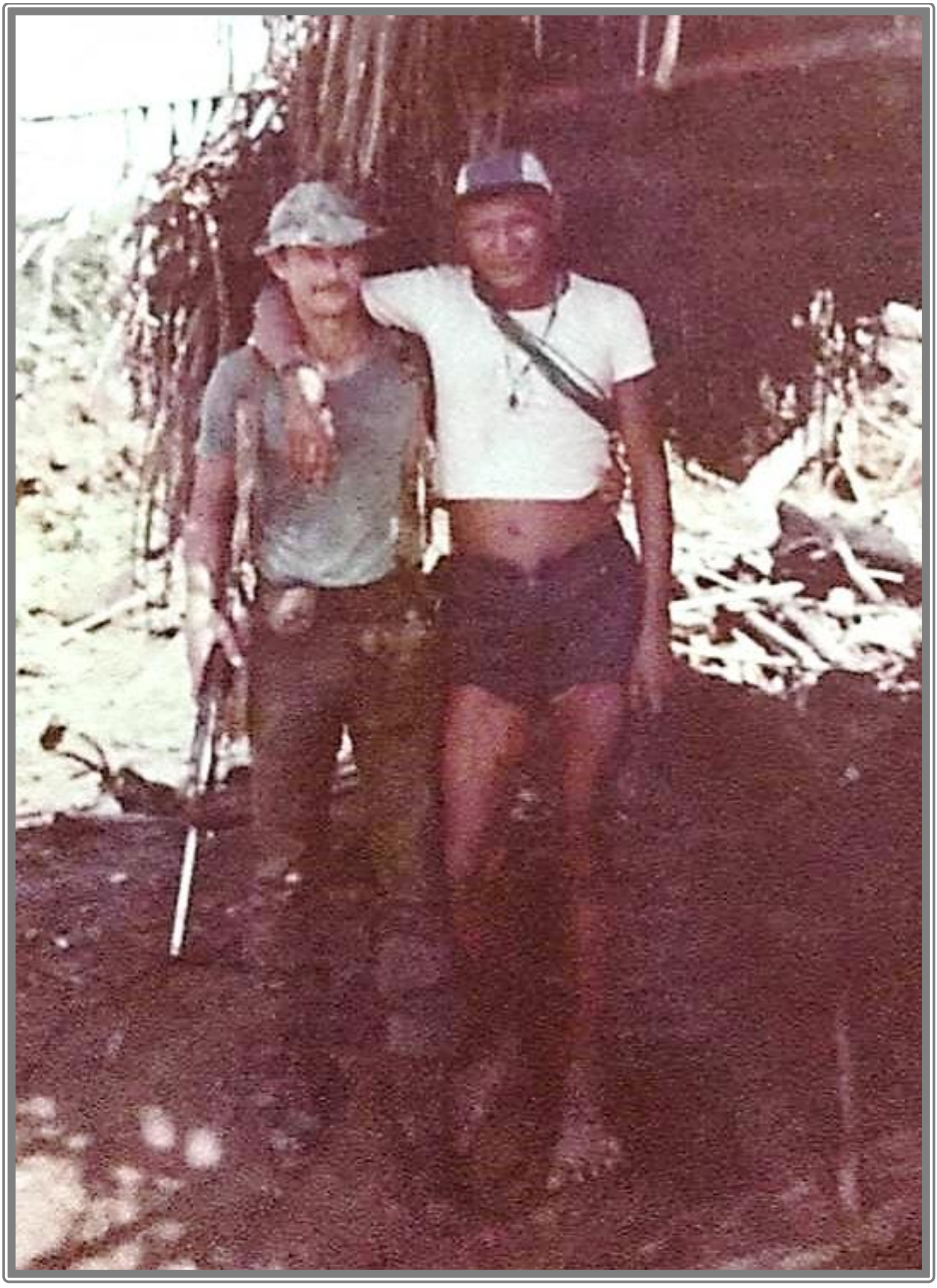
Pergunta: o Sr. gostaria de acrescentar mais algum comentário?

Resposta: da primeira vez eles chegaram, na estrada, no Posto da FUNAI ficaram lá um dia e foram embora. Da segunda vez é que nós recebemos a informação,

naquela época as comunicações eram bem precárias e não tinha como, às vezes, de se ter certeza. Eram feitas mediante aqueles rádios SSB que a gente tinha e cujo contato através dele era difícil, ficávamos muito tempo sem conseguir falar com Manaus e, então, chegou a mensagem no CMA (Comando Militar da Amazônia) que o Posto do Abonari, não do Alalaú, estava sendo atacado por índios e que o 1°BIS deveria ir até o Posto do Alalaú para dar segurança. Rapidamente, tipo infantaria, patrulha, missão inopinada, eu fui escolhido para comandar essa tropa. Organizei uma tropa valor Pelotão, claro que se estavam sendo atacados, levamos munição e um pouco de ração e nos deslocamos para área chegando lá à noite já avançada, não me recordo bem, já fazem quarenta e poucos anos. Chegando ao Posto do Alalaú ordenei que ocupassem o perímetro, e como estavam sendo atacados precisávamos ocupar o perímetro. Fui, então, fazer contato com o comandante do Posto do Alalaú do Destacamento de Engenharia e aí saiu de lá o Capitão apavorado que não sabia o que estava acontecendo, enfim não era nada daquilo, a situação era a seguinte os índios tinham aparecido no Posto da FUNAI e, se não me falha a memória, no Abonari, tinha outro rio à frente, agora não me recordo o nome, eles tinham aparecido no Posto da FUNAI, passaram por ali, eles eram nômades, passaram de um lado para o outro nas malocas deles, porque quando ficavam muito tempo no mesmo local começavam a aparecer carrapatos, bichos e outras tantas coisas, então eles saiam para esterilizar aquela área e iam para outra área até mesmo de caça, eles tinham ido para outro local e disseram que iam voltar daí tantos dias e iam passar por ali e se por acaso a FUNAI poderia arrumar voadeiras para eles (canoas) para levá-los rio acima que seria mais perto.

Esta era a situação lá, mas chegou no CMA que ia haver ataque. Ficamos aguardando no local, montamos acampamento, porque a FUNAI tinha medo deles e era justificado pelos dois massacres que os funcionários da FUNAI tinham sofrido, lá permanecemos e quando eles chegaram organizamos o transporte e como era muito índio não tenho como precisar nem posso citar o valor, eu só sei que tinham umas três ou quatro voadeiras. Fizemos umas duas ou três viagens para transportar todos eles até onde o rio tinha uma ponte de madeira. Da ponte nós fizemos o transporte deles em umas três ou quatro levas e nessa leva ia um soldado mais o piloto da embarcação que era da FUNAI e em torno de 6 a 7 índios de cada leva. Chegando ao local designado, eu e mais uns seis soldados e um sargento, desembarcamos junto com eles e lá ficamos com eles com um pouco de receio, mas naquela época estávamos preparados para tudo e terminado o transporte retornamos e não teve mais nenhum incidente lá.

Alguns pequenos entreveros ocorreram, agora não me recordo se foi da primeira ou da segunda vez, acho que da primeira vez. Não sei se foi com um funcionário civil da empresa contratada, porque quando os índios chegavam à estrada vinha um monte de gente ver por curiosidade, funcionários, soldados, às vezes até militares que não eram da segurança ou da FUNAI. Eu sei que houve uma troca por lá, como todo mundo ficava de olho nos arcos e flechas dos índios, para trocar, um indivíduo pegou um cachorro e o entregou para o índio pegando a flecha, mas o cachorro não era dele e eu vi que estava se formando um entrevero entre eles e eu fui ver o que era e me disseram que o índio estava bravo porque o dono do cachorro pediu um cachorro de volta e foi uma confusão danada, nessa época.



Tenente W. Chiarato e Comprido, novembro de 1975.

Chamei o Comprido, tem até uma foto com ele, conversei com ele, o abracei, tudo direitinho, conversamos e mandei buscar panelas o que tinha lá pra entregar para este índio que estava brabo e para o Comprido fiz uma troca com ele, acabei dando meu relógio pra ele e peguei, em troca, dois arcos e umas 5 ou 6 flechas, cobrei caro o relógio, mas ele deu tudo numa boa sem problema algum. Esse caso foi contornado sem problema, não me recordo se foi na primeira ou segunda vez que teve esse entrevero entre o pessoal e eles. Eu chamei a pessoa para que devolvesse o arco para o índio e ele não quis de volta porque disse que não era dele mais, deu para entender que não era mais dele, eles tinham um pouco de sentimento de posse.

Um fato chamou minha atenção, eu estava andando no meio deles e um índio se abaixou e achou um pedaço de uma vela de bateria no chão, aquele quadradinho de chumbo, ele pegou, olhou, e veio me oferecer e eu disse – não pode ficar para você. Eles tinham realmente um sentimento de posse, de propriedade, isto eu notei, mas não teve mais nada. Eu não sei, mas posso afirmar que quando eles vinham com crianças, com mulheres, não se via nenhum traço de hostilidade por parte deles. Em minha opinião, apesar de todo mundo dizer que eles eram hostis, traiçoeiros, acho que em respeito às suas mulheres eles não atacaram nessa época. Após esses dois massacres eu não vi nada que caracterizasse alguma atitude hostil por parte deles e posso comentar o que observei a esse respeito dessa hostilidade dos índios – não se isso é correto ou não.

O do Padre Calleri, eu estava na preparatória quando vi pelos jornais [...]

Pane na Gravação, Interrompida às 15h24min34seg de 30.08.2022 (Horário de Brasília)

No dia 09 de setembro de 2022, às 12h04 (Horário de Brasília), em audiência virtual, damos sequência à audiência de 30 de agosto de 2022, interrompida por pane no sistema:

Resposta: [...] os outros massacres eu tomei conhecimento quando estava ali em missão de segurança na região do Abonari, do Alalaú e outro rio que me falha a memória agora, mas quando estava na região em conversas e contatos com os funcionários da FUNAI e alguns trabalhadores que eram contratados pela empresa civil, que executava o desmatamento da floresta, eles disseram que o Padre Calleri tratava muito mal os índios e os índios não gostavam dele até que culminou com o massacre da sua equipe.

O massacre posterior, que foi conhecido como o do Gilberto, eles disseram que o Gilberto estava no Posto e não estava na maloca, na aldeia deles houve uma festa e nessa festa, isso foi o que eles disseram, uma festa com aquela bebida que o índio tinha, uma bebida destilada que era feita com abacaxi e mandioca que eles destilavam e bebiam e disseram que alguns funcionários FUNAI assediaram as índias e com isso os índios pegaram e massacraram eles. Como o Gilberto era muito adorado pelos índios, eles ficaram com medo que o Gilberto fosse ficar bravo com eles e se deslocaram e fizeram aquele massacre também do Gilberto.

Mas sempre os massacres tiveram algum motivo não teve aquela situação do índio chegar e vamos, vamos

matar o pessoal porque quando eles chegaram nas duas vezes em que eu lá estive, em novembro de 75, e se eu não me engano, agosto de 76, acho que foram estas datas mesmo, eles chegaram com as mulheres e crianças e chegavam de peito aberto e viam que ali naquele local só tinham homens, um pessoal adulto, não tinham crianças não tinha nada, eles talvez conhecessem os costumes, porque quando a gente falava alguma coisa para eles, eles repetiam sem sotaque sem nada da mesma forma por exemplo se eu falava assim "*eu vou ali*" eles falavam "*eu vou ali*", aí você dizia o nome de alguma outra coisa "*isso aqui é abacaxi*" eles falavam "*isso aqui é abacaxi*" sem sotaque sem nada do mesmo jeito, então eles já deviam ter tido algum contato há bastante tempo com o nosso pessoal ou era um dom deles repetirem isso daí, mas eles chegavam com a família toda. Por que que eles chegavam ali?

Porque sabiam que a estrada estava sendo construída e eles faziam o deslocamento de um lado para o outro, de um local de permanência para outro local e com isso eles poderiam ao estar passando por ali ter aquela atitude amigável.

Isso é uma avaliação minha, poderiam ter aquela atitude amigável porque estavam com as mulheres, com filhos, com todo pessoal e fazendo uma mudança de um local para o outro. Isso já fora constatado pela FUNAI, eles já tinham falado disso, que eles sempre faziam isso indo de um local para o outro até que novamente aquele local que eles tinham abandonado estivesse em condições, sem pragas, com a roça em condições de ser colhida, a caça já tinha voltado, já não era mais escassa, essas foram as informações que eu tive.

E pelo que lá foi demonstrado, as atitudes deles eram amigáveis, não tinham atitudes hostis e o pessoal da FUNAI e mesmo o pessoal civil sempre diziam que os dois massacres e o mais recente aconteceram em decorrência das atitudes do Padre Calleri que ele era muito rude e até batia nos índios e do Gilberto com a equipe dele porque houve esse incidente na maloca e eles não gostaram e depois foram atrás do Gilberto porque ele fazia parte da equipe e que o Gilberto também ia ficar bravo com eles, foi uma história contada, mas em síntese foi isso que aconteceu do contato que eu tive e tomei conhecimento a respeito desses dois massacres.

É claro que eles sabiam onde é que a gente estava, tanto que quando eles apareciam para serem vistos era no Posto da FUNAI, normalmente no Posto da FUNAI, e quando tinha a trilha, se por acaso eles estavam próximos da gente nunca houve um ataque, pelo menos enquanto eu estive lá.

Porque da primeira vez eu fiquei 30 dias na trilha e o pessoal estava fazendo a limpeza do leito da estrada, e nestes 30 dias a gente ficava no eixo da trilha e não se afastava de lá, nós não nunca tivemos informações de que eles estavam por lá nem de pegadas também, não dava para ver porque o pessoal entrava com um monte de gente na trilha, os trabalhadores, não posso precisar a quantidade, mas se tivesse vestígio não tinha o "*expert*" que fosse à frente para poder ver e quando saia do eixo da trilha em torno 50 m, no máximo devido a visibilidade na selva que é difícil, nunca cheguei a ver pegadas deles, mas que eles poderiam estar nos observando poderiam e quando eles permitiam ser vistos era no posto da FUNAI, um local aberto.

Portanto não houve indícios de ataque por parte deles, nem nada, durante esse período que eu fiquei lá, na primeira vez.

Na segunda vez foi uma missão inopinada que surgiu e lá também eles chegaram depois de uns dias que a gente estava no local, chegaram amistosamente e pediram o transporte para serem levados rio acima, acho que foi no rio Abonari. Conduzimo-los nas voadeiras e fizemos algumas vagas de transporte porque não cabiam todos, eu fui inclusive à frente junto com a voadeira e desembarquei no local deles, fiquei lá eu mais um Sargento e, acho que, um ou dois Soldados e o restante estava fazendo o transporte com piloto da embarcação que eu não posso agora precisar se era da FUNAI ou era do 6°BEC e mais um militar nosso, do meu Pelotão que ficava junto na embarcação também como um possível segurança da embarcação, mas depois do transporte nós retornamos e ficamos mais um tempo na região e não tivemos mais notícias.

Até que em torno de 45 dias depois da nossa chegada tentei me comunicar dizendo que não tinha mais problema e que estávamos sem suprimento, sem nada, e se podíamos regressar, depois de um certo tempo o CMA determinou que esse Pelotão, no caso o meu Pelotão, retornasse para Manaus e isso foi feito.

Mas na segunda vez como não era um rodízio normal ficamos em torno de 45 dias lá e não houve também nenhum deslocamento para fora do eixo da estrada que já estava aberta, já estava até compactada, transitável, não fizemos nenhum deslocamento fora do eixo, a gente fazia apenas um patrulhamento, dentro do possível, não é, quando tinha disponibilidade de viatura e com-

bustível, fazia um deslocamento na estrada embarcado sem maiores problemas e foi o que aconteceu nesta segunda vez.

Então não teve e nem vi no caso, maiores problemas e foi oque aconteceu nesta segunda vez. Nenhuma atividade hostil por parte dos índios. Foi isso que aconteceu dessas duas vezes que eu gostaria de acrescentar porque não senti neles uma atitude hostil, não sei se porque estavam com a família e tudo, mas as duas vezes que estive lá não houve nada assim que indicasse que eles tinham algum receio para conosco e que nós tivéssemos feito alguma coisa contra eles porque eles não iriam chegar de peito aberto se tivessem algum receio vendo que estávamos com nosso armamento individual, que apesar de ser um armamento individual era um fuzil, não é?

Então eles chegavam de peito aberto com flechas, apesar de que dentro da selva eles poderiam ter um pouco de vantagem com as flechas, e no local aberto nós teríamos ampla vantagem com o nosso armamento, mesmo sendo o fuzil.

Então eles chegavam de peito aberto, eles possivelmente conheciam o poder do nosso armamento e tinham um pouco de respeito porque qualquer um que chega desarmado e vê o pessoal armado de fuzil tem medo, mas eles não apresentavam nada de hostilidade não.

Pergunta: O Ministério Público afirma que: "*diariamente, os integrantes do 1° BIS deslocavam-se à área, com artilharia pesada*". Qual era o armamento de dotação do Pelotão do 1°BIS?

Resposta: O armamento de dotação era o armamento orgânico de um Pelotão de Fuzileiros, inclusive o armamento coletivo do Pelotão nós não o levávamos porque era inviável o deslocamento com ele dentro da selva, no caso, e não teria nenhuma finalidade, até você pegar uma metralhadora, no caso nosso a dotação do Pelotão de Fuzileiros de Selva era uma metralhadora MAG ([3]) e a metralhadora para executar o tiro teria de ser colocada em posição, teríamos de ter um local de defesa e como a gente se deslocava diariamente, e eles afirmam que nós deslocávamos diariamente para o local, não, nós já estávamos no local com o nosso armamento, mas o armamento de dotação do Pelotão de Fuzileiros era o armamento – individual, não levamos, não conduzimos o armamento coletivo que era a MAG (metralhadora automática a gás) também de calibre 7.62, a mesma munição do fuzil, do FAL, eu no caso levava mais uma pistola e tinha uma metralhadora de mão também, e os sargentos levavam uma pistola e a metralhadora de mão e um fuzil e o soldado levava somente o fuzil automático o FAL, que era 7.62, com carregador com 20 cartuchos.

Quando nos deslocávamos eu determinava que se levassem em torno de cem cartuchos em cada deslocamento que a gente fazia na trilha, no caso, e era para segurança e na segunda vez só amamento individual mais nada e levávamos munição 7.62, claro, eu levei mais munição, dessa vez, que ficava guardada no posto e também não tinha isso daí e também só falta de conhecimento, mesmo, para fazer tal afirmativa, não tinha como.

---

[3] A metralhadora FN MAG ("*Mitrailleuse d'Appui Général*" – Metralhadora de Apoio Geral), calibre 7,62×51mm NATO, desenvolvida e originalmente fabricada pela empresa belga FN Herstal. (Hiram Reis)

Pergunta: O Sr. tem mais alguma coisa a acrescentar Coronel?

Resposta: Não era só isso e às vezes a memória falha, mas, em síntese, foi isso daí que ocorreu e essas últimas informações foi o que eu ouvi lá no local e o que eu presenciei foi a atitude dos índios, aquele transporte que nós fizemos, eu inclusive tirei uma foto com um índio que era o chefe deles, o Comprido, me falaram que o pai do Comprido era o Maruaga que tinha falecido no combate com os Wai-Wai, por quê?

Porque os Wai-Wai eram mais aculturados, tinham mais contato com os brancos, estavam sediados ao Norte e faziam incursões nas tribos Waimiri-Atroari para roubar as mulheres e o Maruaga tinha sido morto num desses embates entre eles, entre os índios Wai-Wai e os Waimiri-Atroari e assumiu, então, o Comprido que era o Capitão Comprido.

E como nada mais disse e nem lhe foi perguntado, dou por encerrado o presente depoimento às 12h22 (horário de Brasília)

Depoente: Ten-Cel Inf Walter Chiarato

_____

Cel Eng Hiram Reis e Silva

Cel Eng Zauri Tiaraju Ferreira de Castro

No dia 30 de agosto de 2022, às 16h09 (Horário de Brasília), em audiência virtual realizada por intermédio da plataforma Teams, tendo como objetivo compor o laudo pericial antropológico do Assistente Técnico da União, nos autos da Ação Civil Pública – Waimiri-Atroari, n° 1001605-06.2017.4.01.3200, inicio a inquirição do Sr. Zauri Tiaraju Ferreira de Castro.

O Sr. poderia informar o seu nome completo: Zauri Tiaraju Ferreira de Castro; identidade: 017.183.301-5 – emitida pelo EB/MD; CPF: n° 224.258.027-20; patente: Coronel; estado civil: divorciado; natural de Caçapava do Sul, RS; filiação: Alvin Rodrigues de Castro, Eli Ferreira de Castro; sua residência: Av. Santos Dumont, n° 864, Vila Pinheiro, Caçapava do Sul, RS.

Vamos então às perguntas:

Pergunta: o Sr. serviu [trabalhou ou prestou serviço] no 6° Batalhão de Engenharia de Construção [6° BEC] em que período?

Resposta: eu servi por duas vezes no 6° BEC; de maio de 1974 a agosto de 1975 e depois, novamente, de 1978 a 1980.

Pergunta: o Sr. participou da construção da BR-174, caso positivo qual sua função e em que período?

Resposta: eu participei neste primeiro período que servi no 6° BEC destacado no Acampamento de Santa Cruz, e depois fui o primeiro morador, primeiro habitante com esposa, no acampamento do Santo Antônio do Abonari ali desempenhei funções administrativas tais quais supervisor e coordenador do rancho, do

Classe I, da alimentação do pessoal, do controle e administração do pessoal civil, de chefe da carpintaria, um administrativo inicial geral de um acampamento do Abonari. E nas férias de alguns companheiros da linha de frente eu substituí, por exemplo, o Tenente Mazoti quando entrou em férias, ele era o chefe da equipe de terraplenagem, então estive à frente da equipe de terraplenagem.

Pergunta: o Sr. tomou conhecimento, na época, dos massacres perpetrados pelos Waimiri-Atroari ao Posto Alalaú II [no dia 01.10.1974], à turma de desmatamento – os maranhenses [no dia 18.11.1974], e ao Posto Abonarí II [no dia 29.12.1974]?

Resposta: o primeiro massacre, o massacre do Alalaú, eu me encontrava na sede do destacamento em Abonari e sei desse massacre pela participação administrativa que nós tivemos, porque foram massacrados funcionários da empresa terceirizada que ia realizar um trecho de desmatamento manual e houve um sobrevivente que eu conheci e conversei com esse sobrevivente pessoalmente e ele contou como é que se deu esse massacre lá do Alalaú. Houve dois no Alalaú, na verdade, um às margens de uma balsa que tinha lá em que alguns funcionários da FUNAI escaparam, nadando no rio Alalaú e houve outro, mais adiante, que é esse que eu me referi anteriormente.

O do Santo do Abonari eu fui testemunha ocular e mais que testemunha ocular eu participei das ações que vieram a desencadear e desembocar neste massacre, eu fui o oficial responsável pela administração e guarda do acampamento, no final de dezembro de 1974, por ocasião da dispensa do pessoal civil e militar em função das festas de final de ano. Como muita gente tinha a família longe em outros estados foi dada uma larga

dispensa para esse pessoal eu fui voluntário para permanecer no acampamento porque logo depois quando o pessoal que estava todo fora retornasse eu entraria em férias, então fui voluntário para permanecer no acampamento, fiquei eu a minha esposa o 3° Sargento Goulart de engenharia e me parece que 13 militares e alguns civis, nós completávamos um efetivo em torno de 20 pessoas nesse acampamento num dia que eu não sei a data exatamente, na parte da tarde, 5 índios Atroari apareceram no nosso acampamento e o Sargento Goulart, que tinha uma compleição física – um pouco gordinho – assim como a gente fala na caserna, chegou na minha casa que ficava a uns 300 m do acampamento bufando, assustado porque os índios tinham chegado ao acampamento.

Imediatamente botei a farda e me dirigi para o acampamento e lá encontrei os índios comendo algumas bolachas, tomando suco, curiosos observando as instalações do acampamento, a minha mulher que ficou nervosa porque eu ia entrar em contato com os índios vestiu uma farda botou um chapéu Bandeirante e foi até o acampamento e quando ela chegou lá vestida de soldado os índios a identificaram como mulher e a chamaram Maria foi nessa hora que foi realizada uma troca, eles manifestaram o desejo de ofertar a ela um passarinho que estava preso numa gaiola feita de cipó e embira e ela como não tinha um presente ali para dar na hora conseguiu uma marmita dessas de metal, dessas que o gaúcho chama de vianda, uma marmitinha dessas e deu em troca para o índio.

Conversamos um pouco ali tentamos explicar algumas coisas para os índios e um índio foi na minha casa pegar esta marmitinha, acompanhado de alguns soldados, foi a pé assim uns 300 m buscar a marmitinha trocada

pelo passarinho e eu convidei os índios, mandei que colocassem umas latinhas vazias de goiabada a uns 20 m de distância, pedi para o Soldado de guarda que me emprestasse o mosquefal dele, mosquefal, você sabe não é Hiram, aquelas armas antigas do mosquetão adaptado.

Dei uns tiros pessoalmente e atirei naquelas latinhas, acertei e os índios imediatamente sentiram vontade e também atiraram de flecha, duas ou três flechadas e também acertaram as latas. Depois daquilo, eles retornaram para o acampamento do Abonari.

Foi contatado, pelo Posto da FUNAI, o Gilberto Pinto em Manaus, eu não me lembro se ele veio no outro dia de manhã de avião, me parece que sim, e foi combinada a vinda do Capitão, Bonilha que era Chefe da Seção Técnica em Boa Vista, também veio para o acampamento, porque foi um fato inusitado – os índios apareceram no acampamento do Exército –, foi um comentário muito grande, uma rebordosa e combinaram que no outro dia nós faríamos uma visita à estrada acompanhados pelo Gilberto Pinto e pelo Capitão Bonilha e que os índios passeariam pelo trecho da estrada na boleia de um caminhão do 6°BEC, parando de vez em quando e assim o fizemos.

Eu estava na carroceria junto com mais ou menos vinte índios, eles muitas vezes desejaram parar onde tinha um bueiro ARMCO ([4]) para gritar na boca do bueiro, desciam e gritavam na boca do bueiro para escutar o eco, eles gostavam muito escutar o eco dos seus gritos e nós tínhamos a missão do Gilberto Pinto de dizer a eles que o "*Caminzão*", a estrada era nossa, era do Exército, dos brasileiros, não era deles, mas que o

---

[4] Bueiro tubular metálico. (Hiram Reis)

restante permanecia deles, a estrada, as casas, mas eu tenho certeza de que eles não entenderam porque eles não entendiam como eu li no livro onde tem várias situações que conversaram com os índios, é impossível conversar com aqueles índios naquela época.

Os índios não entendiam português só entendiam "*maré – bom*", "*marupá – mau*" e "*Maria*" e pouco mais do que isso, não existe diálogo – foi explicado para os índios, os índios não conversaram com ninguém, nunca conversaram com ninguém, os índios não entendiam o português. Se nós repetíamos uma frase, pronunciamos uma frase para eles – "*vamos passear de caminhão*", eles respondiam – "*vamos passear de caminhão*", eles não entendiam o significado das palavras.

Passeamos e ao voltar deixamos os índios na margem do Abonari, na altura da ponte, cujo Posto da FUNAI ficava a uns 3 km a jusante, rio abaixo, e nós retornamos para o acampamento e isso já era parte da tarde do segundo dia da visita dos índios. O Gilberto Pinto permaneceu no acampamento com esses índios e eu voltei tranquilo, o Capitão foi embora para Boa Vista, retornou o Capitão Bonilha e eu fiquei tranquilo ali.

No outro dia, às seis e pouco da manhã, chegou à minha casa outra vez o Sargento acompanhado de um índio que eu não sabia, na época, mas hoje eu sei que era o Ivan, o sobrevivente do massacre, apavorado, dizendo inclusive – mataram todo mundo, mataram todo mundo, não conseguia falar. Eu lembro que dei-lhe meio copo de Whisky puro, ele estava em estado de choque. Ele era um índio aculturado, este sobrevivente tinha andado uns 3 km, atravessado a nado o rio Abonari, corrido uns 3 km até a ponte e cerca de mais seis até o nosso acampamento, então esse foi o trajeto que ele fez, ele estava esbaforido, muito cansado.

E eu comuniquei, de novo, a sede, em Boa Vista, que tinha havido um massacre, imediatamente o Capitão Bonilha retornou para o nosso acampamento, retiraram as mulheres que havia no acampamento, a minha esposa e a esposa do Tenente Eduardo que tinha ficado de férias no acampamento, não ia viajar não estava de serviço, mas permanecera no acampamento numa das casas da Vila Militar, vamos dizer assim, levaram essas senhoras para Manaus no avião que Capitão tinha vindo de Boa Vista.

Decidiu o Capitão que nós devíamos fazer uma patrulha para ir até o Posto do Abonari verificar o que realmente tinha acontecido e aí fizemos uma patrulha de 10 elementos a pé, mata adentro, na diagonal desse triângulo Posto – Ponte – Acampamento, diferente do que consta do livro ([5]) nós não fomos de canoas, nós fomos a pé dentro do mato, inclusive temerosos e bem protegidos uns pelos outros com cobertura, porque nós temíamos que os índios pudessem tentar nos atacar.

Na entrada, onde havia o Posto da FUNAI, havia uma clareira de, mais ou menos, uns 50 m de raio, a casa ficava na beira do rio e quando nós saímos da mata e ingressamos nessa parte desmatada já encontramos o primeiro funcionário da FUNAI morto com muitas flechadas no peito e muito machucado.

O Capitão Bonilha, num ato de coragem, ordenou a mim que permanecesse com meus homens no mato e que ele sozinho entraria no posto da FUNAI e que se dentro de 3 minutos ele não retornasse eu deveria avançar com os homens porque teria havido alguma coisa mais grave.

---

[5] PORFÍRIO DE CARVALHO. Waimiri-Atroari A História que Ainda não foi Contada – Brasil – Brasília, DF – Editado pelo autor, 1982.

Depois de algum tempo, que não chegou há 3 minutos, o Capitão apareceu na janela da casa e fez sinal para que nós avançássemos quando chegamos dentro da casa encontramos outro funcionário da FUNAI morto e logo abaixo da casa, uns 15 ou 20 m, quando muito, tinha o que eles chamam de casa de farinha, onde eles ralam a mandioca para fazer farinha e ali se encontrava o Sertanista Gilberto Pinto de bruços com três flechadas nas costas e cujas flechas apontavam o abdômen, duas pelo menos apontavam como querendo atravessar, mas não conseguiram atravessar.

Decidimos, então, que faríamos algumas buscas porque faltava ainda um funcionário da FUNAI, avistamos no entorno pedaços de arma, pedaços de rádio, garrafas de Fanta no chão e não havia rastro de índio nenhum e as canoas da FUNAI, que eram motorizadas não se encontravam mais na margem do rio.

Segundo o sobrevivente, de manhã o Gilberto desconfiou que os índios estivessem tramando algum ataque e mandou que ele esvaziasse as canoas com uma latinha, porque tinha um pouco de água dentro das canoas para levar logo esses índios embora, porque ia levar rio acima os índios com as canoas, eram 27 índios ao todo, iam transportar os índios com as canoas da FUNAI.

Neste momento ele disse que estava com um olho nos índios e outro olho na água da canoa e quando ele tirando a água da canoa olhou para os índios, um índio daqueles puxou a flecha, distendeu o arco para atingi-lo e nesse momento ele mergulhou na água do rio e atravessou e foi me avisar. Ainda tinha uma flecha dentro do Rio, cravada no pau de uma árvore caída, um pau meio podre dentro d'água, ainda tinha uma flecha cravada aí.

Nós decidimos transportar o corpo do Gilberto Pinto e dos outros dois em padiolas, botamos o corpo numa rede e amarramos as duas pontas da rede numa vara e cada um botava a ponta da vara no ombro para transportar. Não foi possível porque o corpo é muito difícil de transportar, fica muito pesado. Resolvemos, então, construir algo com as canoas que tinham lá. As que tinham sobrado, as dos índios e acho que uma da FUNAI, se não me engano, construímos balsas com as portas da casa e transportamos esses corpos para a região da ponte do Abonari. Terminamos este transporte à noite, então outra mentira ([6]), o Gilberto não chegou a Manaus no mesmo dia da sua morte, ele só chegou a Manaus no outro dia e acredito que tenha sido de avião, mas não tenho certeza absoluta. Eu cortei as hastes das flechas que estavam perfurando o corpo do Gilberto porque elas não saiam, tem fisgas, ficam trancadas dentro do corpo e eu acredito que em Manaus tenham tirado essas flechas, lá na autópsia devem ter extraído essas flechas do corpo do Gilberto Pinto. Eu tinha 24 fotos desta epopeia tiradas com a máquina Olympus Trip que foram requisitadas pelo pessoal do Batalhão e do Grupamento e nunca mais vi essas fotos.

No outro dia veio mais gente de Boa Vista e fizeram outra patrulha em que eu não participei e encontraram um quarto morto, uma quarta pessoa morta, com um cartucho detonado, eu acredito que tenha sido único tiro que foi dado naquela epopeia, o tiroteio que o pessoal disse que ouviu deve ter sido de um tiro de um funcionário da FUNAI que abateu um índio e esse funcionário tinha 11 flechas cravadas nas costas ([7]). É essa a epopeia.

---

[6] PORFÍRIO DE CARVALHO. Waimiri-Atroari A História que Ainda não foi Contada – Brasil – Brasília, DF – Editado pelo autor, 1982.

[7] Osvaldo de Souza Leal. (Hiram Reis e Silva)

Pergunta: ele certamente tinha acertado alguém?

Resposta: é ele matou um índio entrincheirado num tronco caído. Ele correu se escondeu atrás daquele tronco e os índios atacaram ele pela frente e ele matou um índio e os outros foram por trás e deram 11 flechadas nas costas dele.

Pergunta: o Sr. pode apontar quais foram as alterações na rotina dos trabalhadores do 6° BEC após a chegada do 1° BIS?

Resposta: as alterações foram muitas e atrapalhavam e prejudicavam o serviço de construção da BR-174 porque principalmente os funcionários civis, nós tínhamos cerca de 400 funcionários, principalmente os funcionários civis do 6°BEC. Deste tempo em diante, que lá permaneci, eles temiam se deslocar sozinhos, por exemplo, um mecânico que ia concertar uma máquina, um eletricista, um funcionário, um lubrificador, um operador de máquina isolada, o patroleiro do revestimento, esse pessoal não queria patrolar sozinho eles tinham medo – esses índios vão me matar –, então era obrigado a ter em cada equipe dessas um ou dois soldados do 1°BIS armados acompanhando, houve um prejuízo muito grande na rotina e inclusive o serviço ficou paralisado por alguns meses.

Pergunta: o Sr. em alguma oportunidade viu ou ouviu supostas rajadas de metralhadora ou a explosão de dinamite para afugentar os nativos? Caso positivo, presenciou ou apenas ouviu à distância ruídos que se assemelhavam a disparos e explosões, qual a frequência destes eventos, teve a oportunidade de identificar quem eram os autores dos mesmos?

Resposta: algum tiro houve, quando se desconfiava de algum movimento diferente, alguns tiros para o ar, mas nenhum tiro, por exemplo, pelo pessoal do 1°BIS, o pessoal do BIS tinha a munição mais ou menos contada e o cara que está no mato, vamos dizer assim, pronto para combater uma guerrilha, não vai querer gastar a munição dele à toa e arriscar ao ser atacado não ter mais munição e nós do Batalhão não tínhamos quase munição nenhuma, nós tínhamos um mosquefal velho e umas carabinas 7.65, se não me engano, ou 5.63, não me lembro mais do calibre, que aquilo era usado como uma bengala para algum deslocamento.

Alguns funcionários do Batalhão que já tinham prestado serviço militar foram transformados, também, em vigilantes e seguranças das nossas equipes. Houve algum tiro sim Hiram, mas não maciçamente e não em direção à mata, algum tiro de advertência, de alerta eu sei que houve.

Pergunta: o Sr. em alguma oportunidade viu índios mortos serem transportados por caminhões do Exército?

Resposta: nunca. Nunca vi e nunca ouve índio morto de jeito nenhum, até porque não era interesse nosso matar os índios, nós sabíamos que se matássemos um os outros poderiam vir e não era nossa intenção e nem da nossa índole, a nossa preocupação era a construção da estrada e havia sempre um respeito muito grande pelas recomendações e da política da FUNAI.

Havia uma convivência muito boa entre nós, os executores das obras e o pessoal do Posto da FUNAI que não era diretivo e sim executor do serviço deles, nós, inclusive, apoiávamos esse pessoal constantemente. Nunca houve, de jeito nenhum.

Pergunta: o Sr. notou, neste período, o sobrevoo de alguma aeronave militar sobre a área, além dos aviões da FUNAI ou do 6°BEC?

Resposta: Não. Não nunca vi.

Pergunta: o Sr. sabe informar se a FUNAI, a partir de 1975, acompanhava os trabalhos de abertura das picadas pela equipe de topografia?

Resposta: eu sei por que eu vi o Sydney Possuelo e outro, que eu não me lembro, acompanharem por certo tempo a equipe da topografia, inclusive eles eram o pessoal mais avançado na picada da topografia da estrada.

Pergunta: o Sr. sabe informar se houve alguma iniciativa, por parte da FUNAI, para afastar os indígenas das frentes de trabalho?

Resposta: havia uma preocupação da FUNAI de não deixar os índios entrarem em contato com os trabalhadores da estrada, esta preocupação havia, porque os postos eram na altura das vias navegáveis que os índios tinham acesso e fora do eixo da estrada, havia esta proteção da FUNAI para que os índios não se misturassem com o pessoal da estrada.

Pergunta: o Sr. presenciou algum suposto ato hostil por parte dos trabalhadores em relação aos WA?

Resposta: nenhum, inclusive no tempo em que estive lá, o pessoal tinha certo medo dos índios, certo receio de enfrentar os índios. Porque a maioria do pessoal que ali trabalhavam eram maranhenses, pessoal nordestino, e esse pessoal tinha medo de enfrentar os índios, e mais, durante o tempo que permaneci lá houve um contato amistoso depois desse massacre bem na frente

de serviço, senão me engano na equipe de desmatamento ou revestimento primário em que um ou dois índios embarcaram numa patrola (numa motoniveladora) e o operador da patrola quase morreu de medo, mas depois viu que não havia intenção de matá-lo e andou com os índios na patrola.

Pergunta: o Sr. poderia relatar qual a orientação dos comandantes das frentes de trabalho em relação aos Waimiri-Atroari?

Resposta: olha a orientação, para começar, o pessoal da frente de serviço não tinha segurança armada e passou a ter certa proteção depois que o 1°BIS apareceu e o pessoal do BIS que chegou lá muito precavido, muito pronto, logo em seguida foi se desmobilizando porque viram que os índios não apareciam nunca, então o cara ficava de guarda na periferia do desmatamento e não enxergava índio nenhum, os índios demoraram 5 ou 6 meses para aparecerem novamente. Então o nosso pessoal queria era distância dos índios, ninguém estava predisposto a exterminar o índio ou agredir os índios, de jeito nenhum nós queríamos era tocar a estrada e que eles não mais aparecessem.

Pergunta: o Sr. notou a presença de algum estrangeiro na área neste período?

Resposta: neste período eu acho que nós tivemos uns 2 ou 3 mochileiros que vinham a pé pela estrada, acho que pegando carona de Manaus, estávamos a 230 km de Manaus, então aparecia algum elemento querendo ir para a Venezuela, para o garimpo, atravessar a selva e esses eram desestimulados a fazer a travessia e mandados de volta para Manaus. Uns três casos, se não me engano.

E como nada mais disse e nem lhe foi perguntado, dou por encerrado o presente depoimento às 16h39 (horário de Brasília)

Depoente: Cel Eng Zauri Tiaraju Ferreira de Castro

_____

Cel Eng Hiram Reis e Silva

Canoa arrebentada pelos índios a machado

Voadeira avariada pelos índios

Posto S. Antônio do Abonarí II

Equipe de Resgate

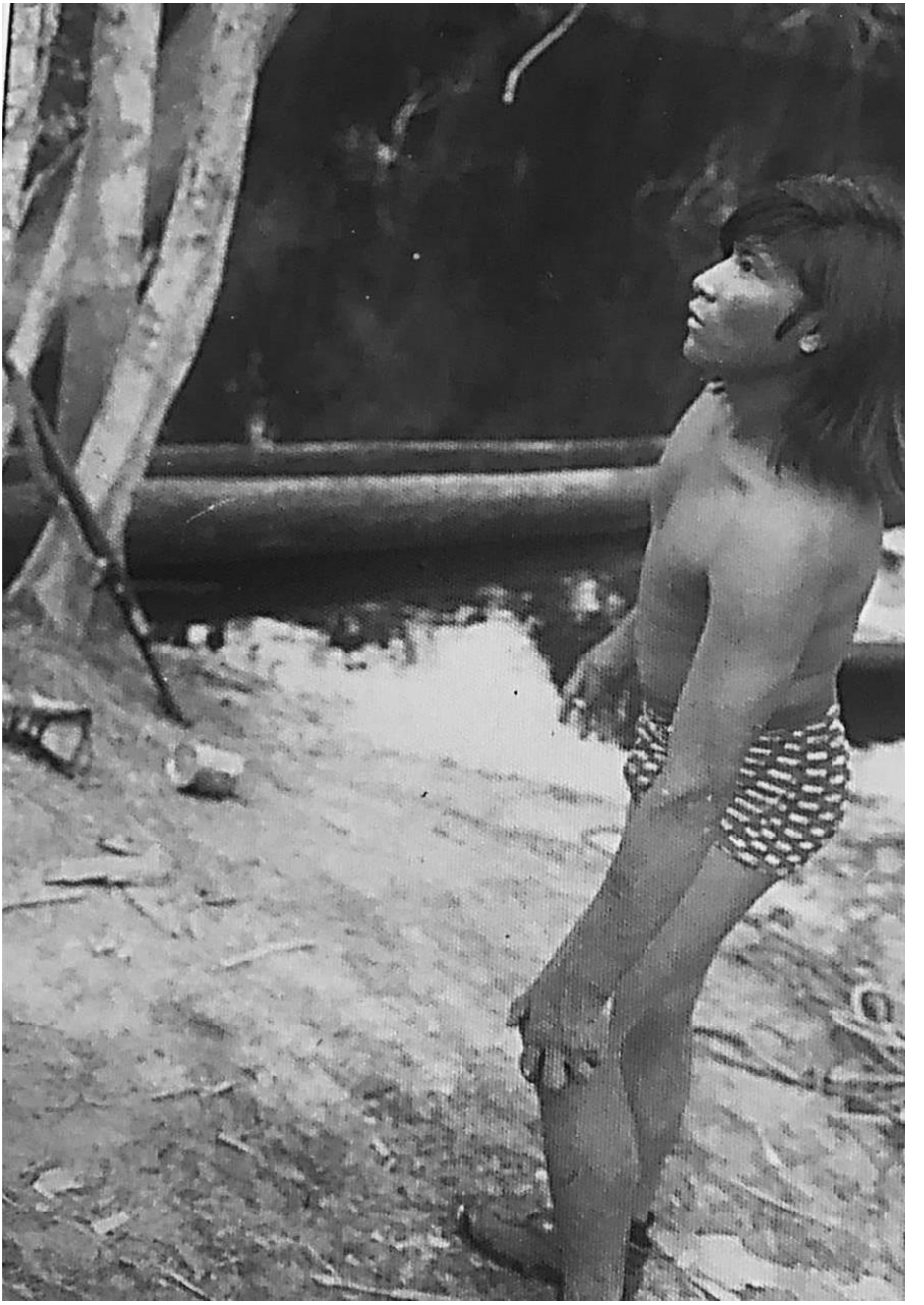
Sertanista Gilberto Pinto

Sertanista Gilberto Pinto

Servidor da FUNAI massacrado

Servidor da FUNAI massacrado

Material encontrado no Posto da FUNAI



Sobrevivente Ivan Lima Ferreira

Gen Ex Joaquim Silva e Luna

Termo de Depoimento do Sr. Gen Ex Joaquim Silva e Luna

Aos 31 dias de agosto de 2022, às 11h27 (Horário de Brasília), em audiência virtual, realizada por intermédio da plataforma Teams, tendo como objetivo compor o laudo pericial antropológico do Assistente Técnico da União dos autos da ação cívica Waimiri-Atroari n° 1001605-06.2017.4.01.3200, vamos iniciar a inquirição com o testemunho do Gen Ex Joaquim Silva e Luna.

O Sr. poderia me informar seu nome completo – Joaquim Silva e Luna; identidade – 01.718.219 1-1 – emitida pelo EB/MD; CPF 334.864.767.34; Patente – General de Exército; estado civil – casado; naturalidade – Barreiros, PE; filiação: Pedro Barbosa de Sá e Luna / Irinéia Silva Barbosa; residência Condomínio Park Su Prime Residence, Setor SGCV, Lote 30, Bloco E, ap. 306, Brasília, DF.

Vamos então às perguntas:

Pergunta: o Sr. serviu no 6° Batalhão de Engenharia de Construção (6° BEC) em que períodos?

Resposta: servi, servi em dois períodos. Servi como Capitão, após conclusão da EsAO, de dezembro 1981 até o início de 1985, e depois como Coronel comandante do Batalhão nos anos de 1996 a 1998.

Pergunta: o Sr. tomou conhecimento, na época, dos massacres perpetrados pelos Waimiri-Atroari ao Posto Alalaú II (no dia 01.10.1974), à turma de desmatamento – os maranhenses (no dia 18.11.1974), e ao Posto Abonarí II (no dia 29.12.1974)?

Resposta: eu tomei conhecimento por ouvir no Batalhão estórias contadas e depois tive a oportunidade de ler o livro do Porfírio de Carvalho numa viagem que fiz, mas isso já como Coronel, uma viagem que fiz a Manaus de avião e li o livro dele. Foi exatamente esta epopeia que ele chamou de massacre.

Pergunta: o Sr. tem alguma observação sobre este livro?

Resposta: achei que era a versão dele, a versão muito particular dele contada com um detalhamento feito por ele e que existiam outras narrativas com testemunhos verdadeiros que não concordam com aquela apresentação como estava sendo feita, esta foi a forma como tomei conhecimento destes fatos.

Pergunta: o Sr. presenciou ou ouviu falar de algum ato hostil por parte do exército em relação aos Waimiri-Atroari, no período em que lá serviu ou anterior a ele?

Resposta: nenhum, e pelo contrário, não só estabelecemos contatos e atividades que exatamente demonstram o contrário, o apreço e o cuidado, que o Exército tinha quando lidava com os Waimiri-Atroari.

Pergunta: o Senhor teve algum contato mais direto com os Waimiri-Atroari, depois de lá ter servido?

Resposta: tive, durante a minha ida quando fui comandar o Batalhão. Quando servi como Capitão eu não tive contato, porque comandava a 2ª Companhia destacada em Caracaraí, que estava bastante distante de lá, a área de atuação da Companhia não chegava à área dos Waimiri-Atroari, então não tive praticamente contato a não ser quando cruzava pela reserva, mas praticamente nenhum contato direto. Quando voltei como Coronel, uma das minhas primeiras tarefas foi justa-

mente reiniciar um trabalho que já estava paralisado, a quase um ano, do asfaltamento da rodovia e então tivemos quatro reuniões todas elas bastante, não vou dizer amigáveis, porque estávamos discutindo os termos de um compromisso que fora assinado, e em quatro reuniões, um mês depois nós reiniciamos o trabalho com eles e durante os dois anos nosso relacionamento foi sempre amistoso e sempre concordamos naquilo que era tratado, então não tivemos nenhum, nenhum problema, todas as solicitações, feitas na época, foram atendidas. Depois que saí de lá ainda voltei a ter contato com eles, inclusive como Ministro da Defesa, voltei lá, tenho imagens desses contatos que também foram bastante amistosos e até acrescento que se for preciso falar com os Waimiri-Atroari, agora neste momento em que estamos falando, eu consigo falar com eles. Eu tenho o contato deles através do Antônio Carlos e consigo falar com o Mário Parwe porque este contato nunca foi rompido.

Pergunta: o Sr. tem algum documento ou fotos que retratem esta interação?

Resposta: eu tenho fotografias e tenho condições de encaminhar estas fotos que foram tiradas na época, foram várias fotos, e essas foram de uma jornada ([8]) que durou um dia, onde fui acompanhado de uns Procuradores dos Estados do Amazonas e de Roraima, que participaram apenas como acompanhantes, de uma reunião para tratar exatamente da retomada da colocação de torres de transmissão dentro da faixa de domínio da estrada.

---

[8] O Gen Ex Silva e Luna, então Ministro da Defesa, a pedido do Ministro das Minas e Energia e do Presidente da República, em 2018, foi acompanhado do Comandante Militar da Amazônia, Procurador-Geral da Justiça de Roraima (MPRR), Procurador-Geral da Justiça do Amazonas (MPAM). (Hiram Reis)

A reunião inicialmente, uma discussão nunca começa de maneira afável, mas depois chegamos a um entendimento, assinamos um termo de compromisso que ficou selado e daí para frente retornaram os trabalhos. O impasse que estava acontecendo era porque era feito um pagamento e a partir de um determinado período este pagamento foi reduzido de 60%. Como houve a redução os WA reclamaram disso. Então houve uma retomada, o Ministério das Minas e Energia, na época me pediu para fazer esse contrato juntamente com o próprio Presidente da República. Nós estivemos lá e o contrato foi feito e tenho imagens que demonstram como o nosso contato foi amistoso e amigável.

Pergunta: este arranjo que o Sr. fez com a Marinha para conseguir uma lancha com motor de popa e cursos para os WA, poderia nos contar com mais detalhes?

Resposta: isso ai já eu tinha saído do Ministério da Defesa e estava presidindo a Itaipu Binacional no Paraná, em um contato do Antônio Carlos ele me perguntou se era possível os WA fazerem estes cursos. Fiz contato com a Capitania na época através do Comando da Marinha e eles concederam o curso, foi realizado o curso e entregues as carteiras, mais tarde foi renovado o curso novamente e, depois disso, eles pediram uma embarcação e nós conseguimos a embarcação inclusive com um acréscimo – colocando um motor de popa, foi feita esta doação também. Temos imagens desta entrega que demonstra um total apreço das Forças Armadas para com os WA, e eles reconhecem isso, tenho documento deles agradecendo e informando que tinham recebido. Detalhe, continuam solicitando esses cursos, não mais por meu intermédio porque eles já criaram um canal com a Marinha e fazem esta solicitação periodicamente à Marinha no estado do Amazonas.

Pergunta: o Sr. continua mantendo algum contato com o Mário Parwe?

Resposta: eu não mantenho contato por iniciativa minha, mas sempre que eles buscam eu retomo o contato com eles. Semana passada, casualmente, o Antônio Carlos fez um contato só para saber se eu estava bem de saúde e tal e uma mensagem pelo WhatsApp e terminou por aí.

Pergunta: o Sr. tem mais uma coisa a acrescentar General à respeito deste imbróglio?

Pergunta: eu me lembro que no período que nós estávamos fazendo o asfaltamento da BR-174, já bastante avançado, com mais de um ano, houve uma reunião em que eles pediram para retirar uma pedra onde estava gravada a relação das pessoas que foram mortas nestes incidentes e nós a tiramos, concordamos com eles. Era uma pedra de quase seis toneladas que colocamos em um caminhão com um guincho e ela foi colocada lá no 6° BEC, numa Praça criada para isto denominada Padre Calleri, e hoje está lá, imagino que esteja lá até hoje na Praça onde se encontra a relação das pessoas que morreram neste incidente. Nossa relação em todos os momentos, com os médicos, com os índios sempre foi muito amigável e amistosa.

E como nada mais disse e nem lhe foi perguntado dou por encerrado o Presente depoimento à 11h38 (Horário de Brasília).

Depoente: Gen Ex Joaquim Silva e Luna

_____

Cel Eng Hiram Reis e Silva

WAIMIRI ATROARI
AMAZONAS • BRASIL

CARTA

Comunidade Waimiri Atroari, 17 de dezembro de 2020.

Ao amigo
General Luna

Queremos agradecer ao nosso amigo, General Luna, pela amizade e respeito com o nosso povo, e por usar de sua autoridade e influência junto á Marinha para a doação de um barco voadeira para ser utilizado por nós no apoio à saúde. Ontem, dia 16 de dezembro de 2020, três lideranças Kinja receberam na Capitania dos Portos em Manaus, um barco voadeira junto com um motor de popa 50 HP. Ficamos muito felizes. Ele será muito bem utilizado por todas as aldeias dos rios Curiaú e Camanaú.

Muito Obrigado General Luna !

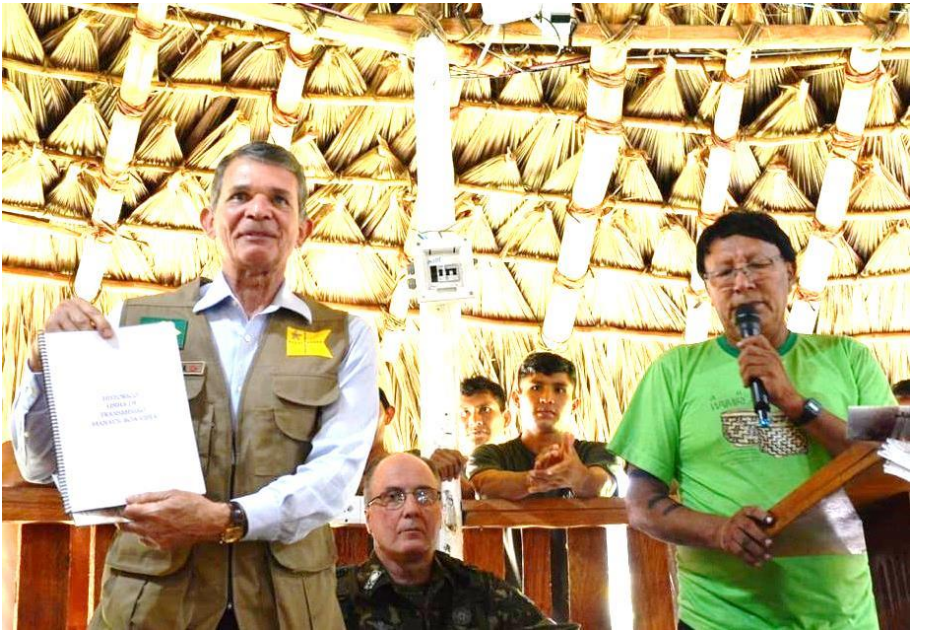
Atenciosamente,

Mario Parwe Atroari

Mario Parwe Atroari
Presidente da Associação Comunidade Waimiri Atroari

General Joaquim Silva Luna e Mário Parwe

General Joaquim Silva Luna e Mário Parwe



MARINHA DO BRASIL

RA/AS/10
512.52

CAPITANIA FLUVIAL DA AMAZÔNIA OCIDENTAL

MANAUS, AM
Em 27 de agosto de 201

ORDEM DE SERVIÇO Nº10-63/2018

Assunto: Matricula, Conclusão e Reprovação em Curso.

Para conhecimento desta Capitania Fluvial e devidos fins, torno público o seguinte:

1 – MATRÍCULA EM CURSO

Foram matriculados, no dia 12/06/2018, no Curso de Formação de Aquaviários Marinheiro Fluvial Auxiliar de Convés e Marinheiro Fluvial Auxiliar de Máquinas - Nível CFAQ-II C/M N1-T-04/2018 EXTRAFDEPM, na Etnia Indígena Waimiri no Município Novo Airão - AM, os alunos abaixo relacionados:

Nome completo: ALCENIR PEREIRA DOS SANTOS
Mãe: ALTINA PEREIRA DOS SANTOS
Data de nascimento: 14/04/1977
CPF: 618.441.952-87

Nome completo: AMIXA JOELSON WAIMIRI
Mãe: APA ELZA WAIMIRI
Data de nascimento: 24/04/1990
CPF: 706.575.422-70

Nome completo: ANTONIO FREITAS DA SILVA
Mãe: MARIA DA PAZ FREITAS DA SILVA
Data de nascimento: 17/08/1983
CPF: 823.200.202-68

Nome completo: ARIE ADRIANO WAIMIRI
Mãe: AIABYNA ANDRELINA WAIMIRI
Data de nascimento: 15/05/1992
CPF: 706.576.112-63

Nome completo: AWADJA ROBERT WAIMIRI
Mãe: DJAMA CARMELITA WAIMIRI
Data de nascimento: 15/05/1993
CPF: 706.575.122-81

Nome completo: DANANY JOVINO WAIMIRI
Mãe: ARYAMY NAZARE WAIMIRI
Data de nascimento: 01/07/1981
CPF: 540.576.712-34

Nome completo: DJE RUFINO WAIMIRI
Mãe: DJE ROSA WAIMIRI
Data de nascimento: 01/07/1965
CPF: 538.222.502-87

Nome completo: DJEE VIVALDO WAIMIRI
Mãe: IREKYBA DALVA WAIMIRI
Data de nascimento: 30/05/1994
CPF: 706.578.022-80

Nome completo: EWEPE ZILDO WAIMIRI
Mãe: IAMYDA MAROCA WAIMIRI
Data de nascimento: 01/07/1980
CPF: 706.570.752-05

Nome completo: IADYMA FRANCISCO WAIMIRI
Mãe: NARYMY RAIMUNDINHA WAIMIRI
Data de nascimento: 15/11/1988
CPF: 706.642.792-01

Nome completo: IAWA MAMEDE WAIMIRI
Mãe: ADJE ROSA WAIMIRI
Data de nascimento: 01/07/1981
CPF: 706.576.812-02

Nome completo: IAWYSY MARCIEL WAIMIRI
Mãe: WARYBA SILVANA WAIMIRI
Data de nascimento: 22/03/1994
CPF: 706.577.042-70

Nome completo: IRIEE ADEMIR WAIMIRI
Mãe: IWATYMY LUCILA WAIMIRI
Data de nascimento: 05/07/1992
CPF: 706.572.882-09

Nome completo: KAPETUWA RALNIR WAIMIRI
Mãe: KYNYNY JOANA WAIMIRI
Data de nascimento: 01/02/1991
CPF: 706.582.942-10

Nome completo: KWAXIRANY NILTON WAIMIRI
Mãe: ATA MARILZA WAIMIRI
Data de nascimento: 12/07/1989
CPF: 706.650.232-94

Nome completo: MASYWANY VALDIR WAIMIRI
Mãe: IREKYBA FLORINDA WAIMIRI
Data de nascimento: 13/07/1989
CPF: 706.579.172-65

Nome completo: NAWATA JOELMIR WAIMIRI
Mãe: MAKAIMY NETE WAIMIRI
Data de nascimento: 27/08/1996
CPF: 706.547.182-96

Nome completo: NE'SA BENE WAIMIRI
Mãe: MYRYMY GRACIETE WAIMIRI
Data de nascimento: 01/07/1985
CPF: 706.575.432-41

Nome completo: PAWUNA IVANILDO WAIMIRI
Mãe: AMABA EVANGELINA WAIMIRI
Data de nascimento: 12/11/1995
CPF: 706.575.082-50

Nome completo: RAIMUNDO LEANDRO CARDOSO FERREI
Mãe: ROSALBA CARDOSO
Data de nascimento: 19/07/1977
CPF: 649.607.302-34

Nome completo: SAME MARCIANO WAIMIRI
Mãe: TAMYNA JOAQUINA WAIMIRI
Data de nascimento: 13/11/1995
CPF: 706.579.012-61

Nome completo: SERYPANA OSCAR WAIMIRI
Mãe: MAKAIMY NETE WAIMIRI
Data de nascimento: 01/07/1983
CPF: 706.582.902-23

Nome completo: TAPE IVAN WAIMIRI
Mãe: AIABY MARIANA WAIMIRI
Data de nascimento: 05/06/1989
CPF: 706.572.072-17

Nome completo: TXAWE ZACARIAS WAIMIRI
Mãe: MINWANA JULIETA WAIMIRI
Data de nascimento: 01/07/1984
CPF: 706.574.502-35

Nome completo: TYKWAXINA SILVIO WAIMIRI
Mãe: ARYPEMY JULIA WAIMIRI
Data de nascimento: 01/07/1985
CPF: 706.632.712-82

Nome completo: TYKWEHNA NELSON WAIMIRI
Mãe: ARYPEMY JULIA WAIMIRI
Data de nascimento: 30/09/1994
CPF: 706.580.732-06

Nome completo: WAKRE ARTHUR WAIMIRI
Mãe: AMYNA LINDALVA WAIMIRI
Data de nascimento: 20/01/1994
CPF: 706.569.652-90

Nome completo: WANJA NILSON WAIMIRI
Mãe: MAIAMY MARGARIDA WAIMIRI
Data de nascimento: 30/06/1989
CPF: 706.645.342-52

Nome completo: WIRIBIA ORENCIO WAIMIRI
Mãe: WARYBA DIANA WAIMIRI
Data de nascimento: 01/07/1984
CPF: 706.580.222-10

Nome completo: XITAMY VALMIR WAIMIRI
Mãe: JOANA MAWASYNA WAIMIRI
Data de nascimento: 07/01/1989
CPF: 706.582.982-08

Nome completo: YRYMYNA PAULO MONTE WAIMIRI
Mãe: BIXIKIA ANA WAIMIRI
Data de nascimento: 07/12/1993
CPF: 706.645.292-59

Nome completo: ZILMAR LOPES LINHARES
Mãe: MARIA DE NAZARE LOPES LINHARES
Data de nascimento: 30/09/1980
CPF: 721.869.092-00

2 - CONCLUSÃO DE CURSO

Concluiram com aproveitamento o Curso de Formação de Aquaviários - Marinheiro Fluvial Auxiliar de Convés e Marinheiro Fluvial Auxiliar de Máquinas- Nível-I CFAQ-II C/M N1-T-04/2018 EXTRAFDEPM, realizado no período de 12/06 a 18/06/2018, na Etnia Indígena Waimiri no Município de Novo Airão - AM, devendo ser inscritos, por opção, na **categoria de Marinheiro Fluvial Auxiliar de Convés**:

ALCENIR PEREIRA DOS SANTOS
AMIXA JOELSON WAIMIRI
ANTONIO FREITAS DA SILVA
ARIE ADRIANO WAIMIRI
AWADJA ROBERT WAIMIRI
DANANY JOVINO WAIMIRI
DJE RUFINO WAIMIRI
DJEE VIVALDO WAIMIRI
EWEPE ZILDO WAIMIRI
IADYMA FRANCISCO WAIMIRI
IAWA MAMEDE WAIMIRI
IAWYSY MACIEL WAIMIRI
KAPETUWA RALNIR WAIMIRI
KWAXIRANY NILTON WAIMIRI
MASYWANY VALDIR WAIMIRI
NAWATA JOELMIR WAIMIRI
NE'SA BENE WAIMIRI
PAWUNA IVANILDO WAIMIRI
RAIMUNDO LEANDRO CARDOSO FERREIRA
SERYPANA OSCAR WAIMIRI
TXAWE ZACARIAS WAIMIRI
TYKWAXINA SILVIO WAIMIRI
TYKWEHNA NELSON WAIMIRI
WAKRE ARTHUR WAIMIRI
WANJA NILSON WAIMIRI
WIRIBIA ORENCIO WAIMIRI
XITAMY VALMIR WAIMIRI
YRYMYNA PAULO MONTE WAIMIRI
ZILMAR LOPES LINHARES

3 - REPROVAÇÃO EM CURSO

Foram considerados reprovados por falta de aproveitamento no Curso de Formação de Aquaviários - Marinheiro Fluvial Auxiliar de Convés e Marinheiro Fluvial Auxiliar de Máquinas- Nível-I CFAQ-II C/M N1-T-04/2018 EXTRAFDEPM, realizado no período de 12/06 a 18/06/2018, na Etnia Indígena Waimiri no Município de Novo Airão - AM, os alunos abaixo relacionada:

IRIEE ADEMIR WAIMIRI
SAME MARCIANO WAIMIRI

MARINHA DO BRASIL

CAPITANIA FLUVIAL DA AMAZÔNIA OCIDENTAL
Rua Frei José dos Inocentes, 36 – Centro
CEP 69005-030 – Manaus – AM
(92) 2123-4950 – cfaoc.secom@marinha.mil.br

Ofício nº 30-144/CFAOC-MB

Manaus, AM, 18 de dezembro de 2020.

Ao Senhor
ALCIR AMARAL TEIXEIRA
Presidente Substituto da Fundação Nacional do Índio
SCS, Quadra 9, Torre B, Ed. Parque Cidade Corporate
70.308-200 – Brasília – DF

Assunto: **Doação de Embarcação para FUNAI**

Prezado,

1. Cumprimentando-o cordialmente, e ciente do trabalho de qualidade realizado pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), participo que, em atenção ao Ofício nº 1393/2020/PRES/FUNAI, acerca do processo de doação da embarcação "Bote de Alumínio 5 metros de comprimento, modelo Tocantins, com motor de popa 50 HP, marca Suzuki", desta Capitania Fluvial, foi concluída a destinação definitiva do referido bem móvel permanente.

2. Ademais, em cerimônia realizada em 16 de dezembro de 2020, concretizou-se a entrega da referida embarcação e foi acordado o Termo de Doação, firmado pelo Representante da FUNAI – Coordenação Regional de Manaus, no qual a embarcação passou a integrar o patrimônio material dessa Fundação.

3. Por oportuno, colocamo-nos à disposição para maiores esclarecimentos, e almejamos que a embarcação em tela seja de grande valia para toda a comunidade Waimiri Atroari.

Atenciosamente,

PAULO ROBERTO DE OLIVEIRA FERREIRA JUNIOR
Capitão de Mar e Guerra
Capitão dos Portos

63043.005837/2020-11

INFORMAÇÃO PESSOAL
(nos termos da Lei nº 12.527/2011, regulamentada pelo Dec. nº 7.724/2012)

MARINHA DO BRASIL

COMANDO DO 9º DISTRITO NAVAL
Rua Bernardo Ramos, s/nº – Centro – Ilha de São Vicente
CEP: 69005-310 – Manaus – AM
(92) 2123-2295 – com9dn.secom@marinha.mil.br

Ofício nº 01.2-230/Com9ºDN-MB
01.2/091
62020.006421/2022-87

Manaus, AM, 20 de setembro de 2022.

Ao Senhor
ANDRELUCIO RICARDO COUTO
General de Brigada
Avenida Coronel Teixeira, nº 4715, Ponta Negra
69037-000 – Manaus – AM

Assunto: **Prestação de Informações – Processo nº 1001605-06.2017.4.01.3200**

Senhor Chefe do Estado-Maior,

1. Em atenção ao Ofício nº 64/AAAJur/EM Esp/EM, incumbiu-me o Comandante do 9º Distrito Naval de participar a realização de doação da embarcação com motor de popa e a condução de cursos de qualificação de aquaviários para indígenas da comunidade Waimiri-Atroari, conforme documentos anexos.

2. Por oportuno, reitero minha disposição em ampliarmos os laços de cooperação, apresentando meus sinceros protestos de elevada estima e distinta consideração.

Atenciosamente,

ALEXANDRE ITIRO VILLELA ASSANO
Contra-Almirante
Chefe do Estado-Maior

Cel Av Renato Meirelles

No dia 1° de setembro de 2022, às 11h08 (Horário de Brasília), em audiência virtual realizada por intermédio da plataforma Teams, tendo como objetivo compor o laudo pericial antropológico do Assistente Técnico da União, nos autos da Ação Civil Pública – Waimiri-Atroari, n° 1001605-06.2017.4.01.3200, inicio a inquirição do Sr. Cel Av Renato Meirelles.

O Sr. poderia informar o seu nome completo: Renato Meirelles; identidade: 202776 – emitida pelo Comando da Aeronáutica; CPF: n° 715.434.908-59; patente: Coronel; estado civil: casado; natural de Porto Alegre, RS; filiação: Loreto Brum Meirelles, Maria de Lourdes Pereira Meirelles; sua residência: Rua Vasco da Gama, n° 283, ap. 401, Canoas, RS.

Vamos então às perguntas:

Pergunta: qual a sua experiência em helicópteros e aviões da FAB?

Resposta: de helicópteros eu tenho um total de 3.000 horas de voo, sendo que 1.500 horas neste tipo de aeronave que foi trazida ao assunto, UH-1D/H, eu sou qualificado como Instrutor nesse equipamento. Se acrescentar a minha experiência acumulada também em aviões, perto das 7.000 horas totais.

Pergunta: o helicóptero, como plataforma de emprego de armamento, é usado para Lançamento de Bombas?

Resposta: vamos ressaltar o seguinte, os helicópteros que a FAB comprou, adquiridos em 1967, eram do modelo UH-1D, e foram destinados para a Busca e

Salvamento ([9]) e outra parte foi destinada também para Instrução e Emprego. Como emprego a gente entende o uso do helicóptero ou da aeronave como uma plataforma de armas. Na FAB, os helicópteros foram armados com metralhadoras frontais e laterais e com lançadores de foguetes, também frontais. Nunca se firmou Doutrina de uso do helicóptero como plataforma para lançamento de bombas. Este emprego de lançar bombas era exclusivo para aeronaves de asa fixa.

Pergunta: a FAB utiliza uniforme camuflado para seus aeronavegantes?

Resposta: não. No ano que houve inclusive essa Operação de Resgate da Expedição Calleri o uniforme padrão que a FAB usava era macacão de voo azul-marinho, era um azul-escuro. O uniforme camuflado para uso da tropa foi adotado por volta da década de 80 e os aeronavegantes não usavam macacão camuflado e, aliás, não usavam e não usam até hoje.

Pergunta: no período considerado entre 1968/1974 saberia informar qual uniforme usava o PARASAR?

Resposta: perfeitamente, lembro muito bem que era um uniforme verde-oliva claro, era diferente, liso, sem camuflagem. E era só o PARASAR que usava este uniforme.

Pergunta: qual a autonomia do helicóptero UH1H?

Resposta: o UH1H tinha uma autonomia com seus tanques internos de duas horas e quarenta, e ele tem um alcance da ordem de 510 km. Ele dispõe de tanques auxiliares para poder fazer traslados em etapas mais longas, o que aumenta bastante a autonomia dele, mas

---

[9] SAR – Search and Rescue. (Hiram Reis)

só que penaliza a carga-paga, o quanto pode embarcar, então bota querosene e fica a carga no chão ou o passageiro. Essas são as opções que nós temos.

Pergunta: por que na operação de resgate da expedição do Padre Calleri foi montada uma base de apoio em Moura?

Resposta: por uma razão bastante simples, o helicóptero ao decolar tem, com os tanques internos, a capacidade de ir até o destino e regressar. A partir de Moura a distância aproximada era da ordem de 150 km para se chegar à região que tinha fazer o atendimento, então ele tinha condições de sair, partindo de Moura, ir até a área e regressar sem necessidade de reabastecimento. Se partisse de Manaus, a distância só na perna de ida seria de 275 km, o que obrigaria a reabastecer em algum ponto, algum lugar, por isso é que fizeram uma base em Moura exatamente para não sacrificar tanto a missão.

Pergunta: o Exército tinha este modelo de helicóptero nesse período?

Resposta: não, o Exército Brasileiro na realidade reativou a sua Aviação somente no final da década de 80 e jamais operou com este modelo de helicóptero.

Pergunta: o Sr. tomou conhecimento de alguma operação aérea com o objetivo de exterminar os Waimiri-Atroari?

Resposta: em toda a minha carreira na Força Aérea eu nunca ouvi falar de qualquer coisa a respeito ao contrário a nossa experiência foi sempre de companheirismo e buscar a aproximação com os índios de forma pacífica, cordial e por onde nós passamos sempre deixamos esta máxima haja vista que por diversas vezes eu tive

a oportunidade congraçar com índios, não desse grupo, mas de outros, e sempre foi uma coisa pacífica.

Nós sempre nos pautamos por aquele lema do insigne Marechal Rondon: "*Morrer, se preciso for; matar, nunca*". Então mantínhamos esta conduta.

Pergunta: o Sr. teria mais alguma coisa a acrescentar à sua oitiva?

Resposta: apenas a minha surpresa de saber de aparecer uma narrativa como essa acusando as nossas Forças Armadas de participar de algo assim tenebroso, não é. Foge por completo de nossa característica, a família militar nunca, nunca se envolveu nesse tipo de atrocidades, não é da nossa inclinação fazer isso aí. Eu fui tomado de surpresa quando soube disso aí. É tudo que eu teria para relatar.

E como nada mais disse e nem lhe foi perguntado, dou por encerrado o presente depoimento, às 11h15 (horário de Brasília).

Depoente: Cel Av Renato Meirelles

_____

Cel Eng Hiram Reis e Silva

Cel Av Renato Meirelles

No dia 1° de setembro de 2022, às 11h08 (Horário de Brasília), em audiência virtual realizada por intermédio da plataforma Teams, tendo como objetivo compor o laudo pericial antropológico do Assistente Técnico da União, nos autos da Ação Civil Pública – Waimiri-Atroari, n° 1001605-06.2017.4.01.3200, inicio a inquirição do Sr. Cel Av Renato Meirelles.

O Sr. poderia informar o seu nome completo: Renato Meirelles; identidade: 202776 – emitida pelo Comando da Aeronáutica; CPF: n° 715.434.908-59; patente: Coronel; estado civil: casado; natural de Porto Alegre, RS; filiação: Loreto Brum Meirelles, Maria de Lourdes Pereira Meirelles; sua residência: Rua Vasco da Gama, n° 283, ap. 401, Canoas, RS.

Vamos então às perguntas:

Pergunta: Qual a sua experiência em helicópteros e aviões da FAB?

Resposta: De helicópteros eu tenho um total de 3.000 horas de voo, sendo que 1.500 horas neste tipo de aeronave que foi trazida ao assunto, UH-1D/H, eu sou qualificado como Instrutor nesse equipamento. Se acrescentar a minha experiência acumulada também em aviões, perto das 7.000 horas totais.

Pergunta: O helicóptero, como plataforma de emprego de armamento, é usado para Lançamento de Bombas?

Resposta: Vamos ressaltar o seguinte, os helicópteros que a FAB comprou, adquiridos em 1967, eram do modelo UH-1D, foram destinados para a Busca e

Salvamento ([10]) e outra parte foi destinada também para Instrução e Emprego. Como emprego a gente entende o uso do helicóptero ou da aeronave como uma plataforma de armas. Na FAB, os helicópteros foram armados com metralhadoras frontais e laterais e com lançadores de foguetes, também frontais. Nunca se firmou Doutrina de uso do helicóptero como plataforma para lançamento de bombas. Este emprego de lançar bombas ficou exclusivo para aeronaves de asa fixa.

Pergunta: A FAB utiliza uniforme camuflado para seus aeronavegantes?

Resposta: Não. No ano que houve inclusive essa Operação de Resgate da Expedição Calleri o uniforme padrão que a FAB usava era macacão de voo azul-marinho, era um azul-escuro. O uniforme camuflado para uso da tropa foi adotado por volta da década de 80 e os aeronavegantes não usavam macacão camuflado e, aliás, não usavam e não usam até hoje.

Pergunta: No período considerado entre 1968/1974 saberia informar qual uniforme usava o PARASAR?

Resposta: Perfeitamente, lembro muito bem que era um uniforme verde-oliva claro, era diferente, liso, sem camuflagem. E era só o PARASAR que usava este uniforme.

Pergunta: Qual a autonomia do helicóptero UH1H?

Resposta: O UH1H tinha uma autonomia com seus tanques internos de duas horas e quarenta, e ele tem um alcance da ordem de 510 km. Ele dispõe de tanques auxiliares para poder fazer traslados em etapas mais

---

[10] SAR – Search and Rescue. (Hiram Reis)

longas, o que aumente bastante a autonomia dele, mas só que penaliza a carga-paga, o quanto pode embarcar, então bota querosene e fica a carga no chão ou o passageiro. Essas são as opções que nós temos.

Pergunta: Por que na operação de resgate da expedição do Padre Calleri foi montada uma base de apoio em Moura?

Resposta: Por uma razão bastante simples, o helicóptero ao decolar tem, com os tanques internos, a capacidade de ir até o destino e regressar. A partir de Moura a distância aproximada era da ordem de 150 km para se chegar à região que tinha fazer o atendimento, então ele tinha condições de sair, partindo de Moura, ir até a área e regressar sem necessidade de reabastecimento. Se partisse de Manaus, a distância só na perna de ida seria de 275 km, o que obrigaria a reabastecer em algum ponto, algum lugar, por isso é que fizeram uma base em Moura exatamente para não sacrificar tanto a missão.

Pergunta: O Exército tinha este modelo de helicóptero nesse período?

Resposta: Não, o Exército Brasileiro na realidade reativou a sua Aviação somente no final da década de 80 e jamais operou com este modelo de helicóptero.

Pergunta: O Sr. tomou conhecimento de alguma operação aérea com o objetivo de exterminar os Waimiri-Atroari?

Resposta: Em toda a minha carreira na Força Aérea eu nunca ouvi falar qualquer coisa a respeito ao contrário a nossa experiência foi sempre de companheirismo e buscar a aproximação com os índios de forma pacífica, cordial e por onde nós passamos sempre deixamos esta

máxima haja vista que por diversas vezes eu tive a oportunidade congraçar com índios, não desse grupo, mas de outros, e sempre foi uma coisa pacífica.

Nós sempre nos pautamos por aquele lema do insigne Marechal Rondon: "*Morrer, se preciso for; matar, nunca*". Então mantínhamos esta conduta.

Pergunta: O Sr. teria mais alguma coisa a acrescentar à sua oitiva?

Resposta: Apenas a minha surpresa de saber de aparecer uma narrativa como essa acusando as nossas Forças Armadas de participar de algo assim tenebroso, não é. Foge por completo de nossa característica, a família militar nunca, nunca se envolveu nesse tipo de atrocidades, não é da nossa inclinação fazer isso aí. Eu fui tomado de surpresa quando soube disso aí. É tudo que eu teria para relatar.

E como nada mais disse e nem lhe foi perguntado, dou por encerrado o presente depoimento, às 11h15 (horário de Brasília).

Depoente: Cel Av Renato Meirelles

_____

Cel Eng Hiram Reis e Silva

ST Vet Luiz Mário Severo Ávila

Ao dia 1° de setembro de 2022, às 11h56 (Horário de Brasília), em audiência virtual realizada por intermédio da plataforma Teams, tendo como objetivo compor o laudo pericial antropológico do Assistente Técnico da União, nos autos da Ação Civil Pública – Waimiri-Atroari, n° 1001605-06.2017.4.01.3200, inicio a inquirição do Sr. ST Luiz Mário Severo Ávila.

O Sr. poderia informar o seu nome completo: Luiz Mário Severo Ávila; identidade: n° 34.846 – emitida pela Secretaria de Segurança Pública do Estado de Roraima; CPF: n° 015.229.812-68; Graduação: Subtenente; estado civil: casado; natural de Santa Rosa, RS; filiação: Waldir dos Santos Ávila, Oscarina Severo Ávila; sua residência: Rua Pedro Teixeira, 676, Bairro Aparecida, Boa vista, RR.

Vamos então às perguntas:

Pergunta: o Sr. serviu, trabalhou ou prestou serviço no 6° Batalhão de Engenharia de Construção (6° BEC) em que período?

Resposta: eu pedi transferência para o 6° BEC por conclusão do meu curso na ESA ([11]) em 1969, e cheguei a Boa Vista nos primeiros dias de 1970 (em janeiro) e permanecendo no 6° BEC até abril de 1982. Retornando, novamente, ao 6° BEC em 1987 permanecendo no 6° BEC até outubro de 1994.

Pergunta: o Sr. participou da construção da BR-174, caso positivo qual sua função e em que período?

---

[11] Escola de Sargentos das Armas. (Hiram Reis)

Resposta: durante toda a minha permanência no 6° BEC a minha participação foi muito efetiva na construção da BR-174. Eu fui o topógrafo responsável pela topografia do trecho Boa Vista – Pacaraima e do trecho desde o rio Alalaú até o Rio Branco em Caracaraí.

Pergunta: o Sr. tomou conhecimento, na época, dos massacres perpetrados pelos Waimiri-Atroari ao Posto Alalaú II (no dia 01.10.1974), à turma de desmatamento – os maranhenses (no dia 18.11.1974), e ao Posto Abonarí II (no dia 29.12.1974)?

Resposta: sim. Estas notícias, na época, foram amplamente divulgadas e nós estávamos no Batalhão acompanhando o desenrolar através das fonias entre o André e o comando do Batalhão.

Pergunta: o Sr. após estes massacres observou mais alguma atividade hostil por parte dos nativos?

Resposta: os Waimiri e Atroari nunca tiveram alguma..., sempre nos trataram com gentileza e com harmonia nunca houve desarmonia com os militares. Houve uma preocupação após estes massacres em função do nosso contingente militar que trabalhava no local.

Pergunta: o Sr. pode apontar quais foram as alterações na rotina dos trabalhadores do 6° BEC após a chegada do 1° BIS?

Resposta: o pelotão do 1° BIS foi para proteger e resguardar o nosso material e equipamento. Houve uma paralização temporária e logo em seguida, um ou dois meses depois, as atividades voltaram ao normal sem nenhuma alteração.

Pergunta: o Sr. em alguma oportunidade viu ou ouviu supostas rajadas de metralhadora ou a explosão de dinamite para afugentar os nativos? Caso positivo, pre-

senciou ou apenas ouviu à distância ruídos que se assemelhavam a disparos e explosões, qual a frequência destes eventos, teve a oportunidade de identificar quem eram os autores e como se vestiam?

Resposta: durante minhas idas, que eram constantes ao trecho, nunca ouvi falar que tivesse acontecido algum tipo destes incidentes.

Pergunta: o Sr. em alguma oportunidade viu índios serem transportados por caminhões do Exército?

Resposta: tomei só conhecimento através do comandante da Companhia, mas não cheguei a ver.

Pergunta: o Sr. notou, neste período, o sobrevoo de alguma aeronave militar sobre a área, além do avião da FUNAI e do Exército?

Resposta: durante os trabalhos em que eu estive no local as únicas vezes inclusive eu cheguei a fazer algum voo sobre as comunidades para ter uma visão em relação aonde eles se encontravam e a nossa linha de topografia com a finalidade principal de se saber estava longe ou perto destas comunidades.

Pergunta: o Sr. sabe informar se a FUNAI, a partir de 1975, acompanhava os trabalhos de abertura das picadas pela equipe de topografia?

Resposta: não, a FUNAI não procurava evitar contatos dos índios com as nossas equipes ela não acompanhou nossas equipes de topografia. Nessa época nós tínhamos a equipe de topografia do Batalhão para que o civil André, chefe equipe de desmatamento e, em 1974, também o DNER para fazer um projeto executivo para

pavimentação também sem o acompanhamento do pessoal da FUNAI.

Pergunta: o Sr. presenciou algum suposto ato hostil por parte dos trabalhadores em relação aos Waimiri-Atroari?

Resposta: nenhum ato hostil houve de nossa parte ou da parte de nossos funcionários, todo pessoal foi sempre bem tratado e houve sempre um bom relacionamento tanto por parte dos militares como dos civis.

Pergunta: o Sr. poderia relatar qual a orientação dos comandantes das frentes de trabalho em relação aos Waimiri-Atroari?

Resposta: procurar evitar o contato com os índios e sempre que eles apareciam nos nossos acampamentos eram tratados como uma pessoa igual à gente, eram tratados com todo o respeito, nunca houve nenhuma interferência na vida ou em outras atividades.

Pergunta: o Sr. notou a presença de algum estrangeiro na área neste período?

Resposta: Durante os períodos em que estive lá não.

Pergunta: o Sr. gostaria de acrescentar mais algum comentário?

Resposta: Todo o efetivo militar que trabalhou durante a construção e da abertura da BR-174 sempre teve um ótimo relacionamento com ao Waimiri-Atroari. A equipe do André, a equipe de topografia, nossos companheiros do BEC e da companhia nunca tiveram nenhum incidente com os índios.

E como nada mais disse e nem lhe foi perguntado, dou por encerrado o presente depoimento, às 12h06 (horário de Brasília).

Depoente: ST Luiz Mário Severo Ávila

_____

Cel Eng Hiram Reis e Silva

Gen Div Décio dos Santos Brasil

Termo de Depoimento do Sr. Décio dos Santos Brasil

No dia 09 de setembro de 2022, às 11h00 (Horário de Brasília), em audiência virtual realizada por intermédio da plataforma Teams, tendo como objetivo compor o laudo pericial antropológico do Assistente Técnico da União, nos autos da Ação Civil Pública – Waimiri-Atroari, n° 1001605-06.2017.4.01.3200, inicio a inquirição do Sr. Décio dos Santos Brasil.

O Sr. poderia informar o seu nome completo: Décio dos Santos Brasil; identidade: 12.266.474.2-6 – emitida pelo EB/MD; CPF: n° 568.674.097-68; patente: General de Divisão; estado civil: casado; natural de Pindamonhangaba, SP; filiação: Décio de Almeida Brasil / Vera Margarida dos Santos Brasil; sua residência: Rua General Júlio Salgado 950, ap. 62, Pindamonhangaba, SP.

Vamos então às perguntas:

Pergunta: o Sr. serviu [trabalhou ou prestou serviço] no 6° Batalhão de Engenharia de Construção [6° BEC] em que período?

Resposta: eu cheguei no início de 1986, recém-promovido a Capitão, e fiquei até março/abril de 1988.

Pergunta: o Sr. poderia complementar alguma coisa à respeito deste período?

Resposta: sim, eu fiquei na sede do Batalhão primeiramente, até final de 86, quando fui designado para comandar a 1ª CiaECnst localizada em Santo Antônio do Abonarí, assumi o comando em meados de novem-

bro e fiquei até março de 88 lá no Abonari quando assumi o comando o Capitão Sadon Pereira Pinto, da turma de 77, e depois passei o comando para o Capitão Albano da turma de 80.

Pergunta: o Sr. tomou conhecimento, na época, dos massacres perpetrados pelos Waimiri-Atroari ao Posto Alalaú II [no dia 01.10.1974], à turma de desmatamento – os maranhenses [no dia 18.11.1974], e ao Posto Abonarí II [no dia 29.12.1974]?

Resposta: eu tomei conhecimento bem antes de chegar ao 6° BEC. Meu pai servia em Cruzeiro do Sul, AC, no 7°BEC, até o início de 75 e essas histórias corriam lá pelo 7°BEC, tanto as histórias do 6°BEC quanto as do 9°BEC que também teve eventos semelhantes com ataques de índios às equipes da construção das estradas, a BR-364 e a BR-163, se eu não me engano então essas histórias já corriam. Depois ao chegar ao Batalhão, já como eu tinha assumido também a função de S/3 e Relações Públicas na época, além de outras funções e a gente tratava desse assunto já e me aprofundei no conhecimento e ao chegar ao Abonarí, tive conversas com antigos servidores do Batalhão que trabalharam na abertura da estrada e que tinham o conhecimento real do que tinha acontecido, então eu conheci bem o assunto dos ataques que aconteceram e as providências que foram tomadas na época.

Pergunta: qual foi sua experiência com os Waimiri-Atroari?

Resposta: eu tive contato com os índios desde o início antes mesmo de assumir o comando conhecendo o trecho, as obras que estavam em andamento, e então já tive os primeiros contatos com os índios, um pouco ressabiado pelas histórias que contavam, mas acalma-

do pelo então Capitão Pereira Pinto que era comandante da Companhia e que tinha uma integração muito grande particularmente com os Waimiri que ficavam mais próximos do acampamento do Abonari e nesse momento eu já conheci o então o cacique da tribo dos Waimiri, o índio Tomás com quem mantive um relacionamento de amizade durante toda a minha permanência no trecho da 1ª CiaECnst e constantemente nós íamos à aldeia que ficava próxima do rio Abonarí, eles eram nômades, tinham várias aldeias espalhadas pelo território deles e quando a área ficava sobrecarregada, o cheiro que eles produziam, a falta de caça, eles mudavam para outra área. Então eles ficavam rodando pelas diversas aldeias que eles tinham, mas normalmente encontramos os índios sempre ali na aldeia próxima ao Posto da FUNAI que tinha na beira do rio Abonarí e sempre encontrávamos alguém quando a gente passava pelo trecho.

Pergunta: o Sr. notou, neste período, o sobrevoo de alguma aeronave militar sobre a área, além do avião da FUNAI ou do 6°BEC?

Resposta: não, não ouvi, além dos aviões e helicópteros da FAB que esporadicamente pousavam no campo de pouso do Abonari, que tinha um campo de pouso que aproveitava o leito da estrada que margeava o campo de pouso. Nós fazíamos questão de manter esse campo de pouso sempre em perfeitas condições que era a nossa possível válvula de escape numa emergência. Víamos os aviões da FAB, o Batalhão já não tinha mais aviões nessa época que antes eram contratados para executar trabalhos para o Batalhão então a FAB apoiava com seus aviões pequenos, Bandeirantes e outros menores e helicópteros que sempre quando nós precisávamos eles apoiavam. Avião estrangeiro eu não

vi outros tipos de aeronaves eu sei que na mina do Pitinga lá na Mineração Paranapanema (Taboca) tinha um aeroporto que depois foi ampliado, inclusive, e transformado em aeroporto internacional, mas nessa época eles tinham um aeroporto razoável no qual pousavam aviões de médio porte e esses aviões, normalmente faziam uma rota de Manaus por fora da reserva, olhando o mapa do Brasil vamos dizer assim a Leste da reserva, contornavam a reserva pelo Leste por cima do rio Uatumã e chegavam até esse campo de pouso, então dificilmente a gente via aeronave que não fosse da FAB ali no nosso acampamento.

Pergunta: o Sr. presenciou algum tipo de incidente na BR-174 e a presença de algum estrangeiro neste período?

Resposta: a passagem de estrangeiros pelo Abonari era também esporádica, mas tinha um movimento sim, algumas pessoas, normalmente autorizadas pela FUNAI ou pelo Governo Brasileiro, e aconteceram 2 episódios bastante marcantes para mim. O 1° foi de uma equipe de jornalistas da Dinamarca, dois casais jovens e umas moças muito bonitas, que ao passar por dentro da reserva o Viana, que era o Cacique dos Atroari, se apaíxonou por uma delas, pegou a equipe e prendeu-os numa aldeia que os Atroari tinham próximo ao Jundiá, que era o nosso limite da reserva, a reserva ia do Abonari ao Jundiá. Próximo ao Jundiá tinha uma aldeia dos Atroari e eu tive que ir lá negociar com Viana para liberar os repórteres dinamarqueses foi uma conversa amigável, não tivemos grande problema, O Viana era um índio aculturado, já tinha ido à Europa, não se trajava igual aos outros índios, usava calça jeans, camisa Apolo, tênis de marca era, portanto, um rapaz moço e totalmente aculturado, mas quando lhe convi-

nha ele era índio mesmo, e nessa ocasião ele vestiu a roupa de índio e não queria liberar o casal, almocei com eles, comi a comida deles e depois de muita conversa conseguimos liberá-los e nunca mais vi esses jovens dinamarqueses, eles não voltaram mais por ali.

Numa outra ocasião, a gente via que eram meninas turistas, se não me engano americanas que passaram pela Companhia, nós tínhamos na época o controle dos movimentos de viatura dentro da reserva, nós colocamos uma cancela no Abonari e outra no Jundiá, elas eram fechadas às 18h00 e abertas à 06h00, e todo aquele movimento de caminhão que ia em direção à Boa Vista parava num posto de gasolina que tinha em frente ao acampamento do Abonarí e essas pessoas normalmente iam lá, por curiosidade, na Companhia para saber o que se tratava ali e foi assim que eu conheci essas duas moças americanas que por curiosidade foram até a Companhia e me levaram as duas até o meu gabinete e eu conversei com elas e depois elas seguiram viagem, no outro dia, de carona num caminhão que transportava uma carga de madeira beneficiada e esse caminhão veio sofrer um acidente já depois da reserva e uma das moças acabou falecendo esmagada pela carga, foi um transtorno para nós, mas os órgãos de segurança e mais a diplomacia resolveram o problema do corpo, de tudo e não houve nenhum inconveniente para nós militares, mas lembro desses dois incidentes.

Mas movimentos de estrangeiros sempre tinha, alguém que passava por lá como jornalista montando um documentário para ir até a reserva, existia um Posto da FUNAI próximo, com um servidor apenas da FUNAI, não lembro mais o nome dele, mas ele frequentava nossa Companhia porque era casado com a filha de um

Cabo nosso, Cabo Cardoso, que era chefe da equipe de bueiros. Ele frequentava nosso acampamento, fazia educação física com a gente, participava das solenidades, das reuniões sociais e era muito amigo nosso e acompanhava esses estrangeiros quando entravam na reserva nas visitas que eles faziam.

Pergunta: o Sr. notou, neste período, alguma melhoria implementada que favorecesse os Waimiri-Atroari?

Resposta: nós não fizemos nada neste aspecto a não ser manter a estrada em perfeitas condições de tráfico porque achamos que os carregamentos de cassiterita que vinham da mina do Pitinga passavam pela BR-174, comboios enormes de carretas e a gente, não só por causa disso, mas a estrada sempre estava em perfeitas condições porque eles nos apoiavam muito, era mais ou menos uma troca de favores. Nós resolvíamos rápidamente os problemas na estrada para que os comboios não fossem parados, uma questão de segurança, o roubo de cargas, então as medidas de segurança eram muito rigorosas e nós tínhamos esse cuidado de resolver os problemas da estrada o mais rápido possível para não atrasar esses comboios que eram muito visados pela bandidagem.

Na época da construção da hidrelétrica de Balbina que era uma barragem no rio Uatumã, do qual o Abonari era afluente, o lago que ia se formar iria inundar uns trechos da estrada e esse foi o nosso trabalho num convênio que o Batalhão teve como Eletronorte que era altear o greide da estrada, construir pontes de concreto, construir bueiros celulares e tubulares num determinado trecho da BR-174, particularmente dentro da reserva.

O lago que se formou pegou alguns igarapés, eu não vi este lago formado, mas eles projetaram o lago e particularmente esta aldeia próxima ao rio Abonari, onde os Waimiri-Atroari passavam a maior parte de seu tempo, iria ser alagada e eles construíram próximo daquela clareira que tinha outra aldeia, fizeram tapiris como nós fazíamos nos nossos quartéis em toda a Amazônia, vamos dizer assim industrializados, não artesanais como os índios faziam, tapiris bem organizados, fizeram acessos melhores com pontes sobre os igarapés. Então eu lembro dessa época que a Eletronorte e a Andrade Gutierrez que estavam construindo a hidrelétrica de Balbina eles proporcionaram várias vantagens para os índios, armas de caça, veículos que eles passaram a transitar, cheguei a ver isso aí, com veículos próprios doados pela Andrade Gutierrez e pela Eletronorte que estavam construindo Balbina. Eu estive nessa nova aldeia, já próximo da minha saída do Abonarí, realmente eles fizeram um trabalho de limpeza da área, depois que eu conseguir achar algumas fotos aqui eu vou mandar para o senhor as fotos que eu tinha da época da antiga aldeia dos Waimiri-Atroari, dá para ver que o terreno é bem sujo com tocos de árvore e eles fizeram uma limpeza numa clareira no meio da mata para instalação dessa nova aldeia, foi isso que eu vi de melhorias para os índios. A Paranapanema, também, proporcionava, como eles passavam com seus comboios por dentro da reserva eles de uma forma ou de outra estavam sempre ajudando os índios.

Pergunta: o Sr. poderia detalhar este contato que manteve com o Tomás?

Resposta: o Tomás era um índio mesmo, embora ele já tivesse ido a Brasília, já tivesse tomado contato com a civilização, ele ainda mantinha as suas características

de índio, ele andava, nessa época os índios andavam nus ainda e quando eu saí de lá eles já andavam com roupa, mas nessa época que eu cheguei lá eles andavam nus ainda e o Tomás era um índio mesmo ele gostava de conversar comigo, às vezes ele ia ao PC quando eu estava na Companhia, para bater papo e às vezes eu ia à aldeia para bater papo, quando eu saía de arejamento, o nosso regime de trabalho lá era 27 dias de trabalho por três de arejamento, e trabalhava 24 horas por dia e nesse arejamento eu ia a Manaus com a minha família, minha mulher e meus filhos que moravam comigo lá no Abonarí e nessas ocasiões eu já herdei esse compromisso do meu antecessor de fazer uma cesta básica com alguns produtos alimentícios e produtos de higiene, eu lembro que o Tomás gostava do sabonete Phebo, então eu comprava para ele, eu mesmo não usava sabonete Phebo porque era muito caro naquela época, mas eu comprava sabonete Phebo para o Tomás e mantinhamos um relacionamento de amizade e eles nos permitiam transitar e fazer o que queríamos dentro da reserva. Nessa época o fechamento do greide, o senhor conhece bem a área, é um barro que se chover vira tabatinga, é muito difícil, e para você fazer a terraplanagem com esse material é muito complicado e nós descobrimos uma jazida de material de primeira classe dentro da reserva e não tivemos problema nenhum nem com a FUNAI, nem com os índios, de abrir uma clareira no meio da selva e explorar aquela jazida e toda a base e sub-base da BR-174 naquele trecho que foi alteado foi feito com este material tirado desta jazida de um cascalho muito bom e assim nós conseguimos fazer o nosso trabalho, mas só tinha essa jazida não tinha outra, pesquisamos em muitos lugares e não achamos.

Como também para fazer os bueiros tubulares encontramos num igarapé uma jazida de seixos rolados, não tinha brita era muito cara para vir de onde tinha. Nós conseguimos achar essa jazida de seixos rolados e fizemos todos os bueiros com ele, bueiros celulares com uma fábrica de tubos que nós construímos lá no Abonarí e fabricamos os tubos todos na Companhia em vez de usar brita usávamos os seixos rolados. Tudo dentro da reserva dos Waimiri-Atroari sem qualquer constrangimento sem qualquer problema sem nada como disse.

Nós controlávamos a cancela porque havia casos de caminhoneiros que perturbaram os índios, particularmente as índias e provocar reações dos índios para com os caminhoneiros, então para a segurança de todos havia esse fechamento da BR-174 na parte da noite. Depois que eu saí de lá houve um problema na época do asfaltamento da BR-174 em que os índios tomaram conta da cancela e cobravam um pedágio criando problemas homéricos, foi até narrado pelo Gen Silva e Luna que ele teve de negociar o asfaltamento da BR-174 dentro da reserva porque os índios começaram a criar problemas. Não havia qualquer interesse externo naquela ocasião, esse funcionário da FUNAI que estava lá era muito chegado ao nosso pessoal e também não criava nenhum tipo de problema, os interesses começaram a crescer e acredito que isso tenha criado uma nova mentalidade dos índios por influência de pessoas externas com outros interesses na área.

Pergunta: o Sr. gostaria de acrescentar mais algum comentário?

Resposta: sim, havia uma integração total não só com os índios, mas também com os colonos que viviam no

entorno da Companhia. A Companhia, vamos dizer assim, era a Prefeitura da área, embora o Município fosse de Presidente Figueiredo eles procuravam a Companhia. Portanto ali o Comandante da Companhia era o representante da Educação, da Justiça, da Paróquia, tudo o Comandante da Companhia assumia esse encargo. Eles procuravam por qualquer problema, até particulares, briga de casais, a gente tinha que interferir, a escolinha que nós tínhamos lá no Abonarí atendia as crianças até quarta série então junto com o Prefeito de Presidente Figueiredo nós conseguimos ampliar para quinta série para que as crianças não parassem estudar e tinha muita criança na área, não só filhos dependentes de militares, mas de colonos que moravam nas proximidades.

Então essas coisas para um jovem Capitão, recém-promovido, eram novidades impressionantes que talvez só a arma de engenharia possa proporcionar. Agora com os Pelotões Especiais de Fronteira talvez o Tenente lá também tenha essa experiência de ser único ente do Estado na área e tenha de cuidar de todos os segmentos sociais e ali também havia um fluxo muito grande de pessoas, nós tínhamos uma padaria na Companhia que produzia pão não só para o contingente, mas para Vila Militar, eram 15 famílias que moravam no Abonarí, mas os colonos e os índios também iam levar um produto que eles produziam na intenção de trocar por ovo, por pão e a gente quando tinha disponibilidade fazia isso, uma carne de caça que nos interessava, algumas frutas que eles cultivavam, a gente fazia essa troca que era extremamente benéfica para os dois lados.

A nossa integração era tão boa que não havia qualquer tipo de problema. A nossa subsistência fornecia nossos gêneros indo buscar em Manaus com o caminhão do

rancho, mas a carne só durava 20 dias e os outros 10 dias no mês nós tínhamos que nos virar e assim a gente conseguia dentro da reserva que tinha uma abundância muito grande de peixes e de caça e para isso nós tínhamos uma equipe de caça que, vira e mexe, entrava na reserva com autorização da FUNAI e com autorização dos índios, a gente ia lá e fazia uma pescaria eu mesmo acompanhei esta equipe algumas vezes, íamos ao anoitecer e voltávamos de manhã com alguma caça, paca, veado, anta que ajudava a manter o rancho funcionando os 30 dias do mês. E a abundância de caça e pesca dentro da reserva era notável, fora da reserva não tinha os colonos já tinham tomado conta.

E como nada mais disse e nem lhe foi perguntado, dou por encerrado o presente depoimento às 11h27 (horário de Brasília).

Depoente: Gen Div Décio dos Santos Brasil

_____

Cel Eng Hiram Reis e Silva

Aldeia dos Waimiri

Aldeia dos Waimiri

Aldeia dos Waimiri

Alteamento do greide

Alteamento do greide

Rio Abonari na cheia

Cel Inf Gélio Augusto Barbosa Fregapani

Termo de Depoimento do Sr. Gélio Augusto Barbosa Fregapani

No dia 14 de setembro de 2022, às 10h41 (Horário de Brasília), em audiência virtual realizada por intermédio da plataforma Teams, tendo como objetivo compor o laudo pericial antropológico do Assistente Técnico da União, nos autos da Ação Civil Pública – Waimiri-Atroari, n° 1001605-06.2017.4.01.3200, inicio a inquirição do Sr. Cel Gélio Augusto Barbosa Fregapani.

O Sr. poderia informar o seu nome completo: Gélio Augusto Barbosa Fregapani; Carteira de Identidade n° 032.618.840-6 – emitida pelo EB/MD, CPF n° 033.434.997-49; patente: Coronel; estado civil: casado; natural de Porto Alegre, RS; filiação: Estevão Fregapani / Thereza Barbosa Fregapani; sua residência: Av. Antônio Gil Veloso, 160, ap. 401, Vila Velha, ES.

Pergunta: o Sr. teve alguma vivência profissional na Amazônia Brasileira?

Resposta: muita vivência profissional, minha primeira ida à Amazônia, profissionalmente foi em 1962, em 1964 passei quase oito meses na Amazônia, e anualmente sempre tive alguma expedição ou trabalho para fazer na Amazônia, sendo que, em 1966, fiz parte da fundação do Centro de Instrução de Guerra na Selva [CIGS], onde permaneci até 1969; depois, continuei considerado como um especialista na Amazônia, sempre participando de missões em relação à Amazônia até assumir o comando do CIGS em 1980. Deixei o comando do CIGS, em 1982, e continuei, de alguma forma, especialista na Amazônia.

Depois que acabou o meu tempo de Exército, em 1989, eu entrei para a ABIN ([12]), onde também permaneci em função da Amazônia, dirigi na ABIN o GRUPO DE TRABALHO DA AMAZONIA (GTAM), que congregava os representantes, não só da ABIN, como da Marinha, do Exército, da Força Aérea, da Embrapa, da Polícia Federal e outros órgãos federais que quisessem tomar parte. Permaneci uns dois ou três anos nesta função, mas quando terminou meu tempo na ABIN, pela idade – 60 anos, aceitei a missão de Superintendente da ABIN em Roraima, mais esse período de Amazônia ([13]).

Depois ainda fiz trabalhos para a hidrelétrica do Jirau, evitando depredações, em Rondônia. De alguma forma, a partir de 1964, pelo menos, empenhei toda minha vida em função da Amazônia.

Pergunta: o Sr. conhece a história dos Waimiri-Atroari e seus primeiros contatos com os civilizados?

Resposta: sim creio que conheço, e conheço até mais que a maioria dos que pensam que conhecem. Deseja saber algum detalhe sobre eles?

Pergunta: sim, o Sr. poderia ampliar, de alguma forma essa resposta, falando dos massacres da Expedição Calleri e outros?

Resposta: bom, muito bem, eu sabia que os Atroari tinham atacado, no início do século passado, a cidadezinha de Moura que fica na confluência do rio Branco com o Negro e que tinha saído uma Expedição de Manaus, uma Expedição Punitiva, que matou vários deles, e aí se intensificou a rivalidade, eles retraíram para o rio Alalaú e ficaram atacando os garimpeiros e castanheiros isolados que eles pegavam.

---

[12] Agência Brasileira de Inteligência. (Hiram Reis)
[13] Durante dois anos. (Hiram Reis)

Bom, quando nossa Pátria precisou fazer uma ligação com seu mais longínquo e isolado rincão que estava mais próximo de qualquer estrangeiro do que dos brasileiros, que era Roraima, o encarregado desta missão foi o 6°BEC, desta gloriosa missão foi o 6°BEC, que deu de cara com os Atroari. As autoridades, então, não buscaram um elemento, um Padre que já tinha sido bem sucedido numa missão pacificadora lá no Norte de Roraima e esta Expedição, que eu tomei conhecimento com alguma profundidade porque este Padre estava hospedado onde estudavam minhas filhas, num Colégio chamado Adalberto Valle, e eu conversei com ele, era uma Expedição extremamente pacífica, inclusive levando mulheres para mostrar que não era uma expedição guerreira. E acampando nas margens dos rios que não é terra de ninguém, ou pelo menos eles achavam assim. Acompanhei, de alguma forma, as mensagens do Padre até a interrupção mensagens para o Colégio. Daí fomos procurando saber de alguma coisa de muitas partes desconhecidas, por exemplo, a existência de um indivíduo bem enigmático chamado Paulo Mineiro que apareceu um mês depois dizendo que tinha visto o massacre, que o Padre tinha dado tiros, tinha provocado uma rebelião, que ele se afastou, mas voltou e viu o pessoal massacrado fugindo numa canoa que virou perdendo armas e munições e apareceu um mês depois. Uma estória, definitivamente, falsa, eivada de falsidades. A primeira desconfiança foi do Diretor do Hospital Tropical, Dr. Dourado ([14]) que comentou comigo que este indivíduo não era mateiro, coisa alguma, que era um fazendeiro de quem ele já tinha tratado de

---

[14] Heitor Vieira Dourado (✳1938 / ✞2010): Logo após sua formatura, [...] transferiu-se para o Estado do Amazonas, onde fez uma brilhante carreira, como médico malariologista na Campanha de Erradicação da Malária, do Ministério da Saúde, no período 1964 a 1970 [...]. *(www.scielo.br/j/rsbmt/a/CzpbRQbQmCQnzDW68kHncpf/?lang=pt)*

casos de malária na fazenda dele, oque ele estaria fazendo lá disfarçado de mateiro? Provavelmente estava em contato com outra expedição que veio com um geólogo que os índios chamavam de "*Cron*", que veio da Missão de Kanashen ([15]) da Guiana com algum motivo, o principal era de interromper a nossa expedição a expedição brasileira de pacificar os índios. Na minha interpretação esse Paulo Mineiro teria sido muito bem pago para não deixar nossa Expedição chegar até as valorosas jazidas do Pitinga, que são as jazidas mais importantes que acho que temos no país e talvez no mundo. Então eles conseguiram fazer com que os índios massacrassem a Expedição. Tenho absoluta convicção disso, mas como a estrada tinha de ser aberta, nós tínhamos de chegar lá, o Exército abriu da maneira que podia, mas sempre cuidando o máximo de não promover danos aos índios. E a FUNAI, o papel da FUNAI? Para mim a FUNAI estava mancomunada com isso. O pessoal da FUNAI, de então, tinha lealdade a alguma coisa? Não era lealdade ao País. Na verdade fizeram todo o possível para evitar o entendimento.

---

[15] [...] Em 1950 o botanista Nicholas Guppy viajando do norte na Guiana foi bem recebido pelos índios e descobriu entre os Wai-Wai no rio Essequibo o missionário Claude Leavitt da Missão UFM [atualmente Crossworld-MEVA]. A família Leavitt trabalhou com os Wai-Wai por dez anos, e depois foram os primeiros para ter contato com os Trio no Suriname. [...] Os missionários estabeleceram um programa de assistência médica, proibiram bebidas alcoólicas e o genocídio infantil, que os Wai-Wai praticavam. Uma aldeia, Yakayaka, resistiu à mensagem cristã até o que pajé Ewká se converteu. Sua aldeia se mudou para Kanashen e Ewká organizou festas sem bebidas fermentadas. [...] Preocupado com o êxodo dos índios o Coronel João Camarão da FAB, organizou Operação Mapuera em 1962-3 para atrair os índios de volta para o lado brasileiro, mas não conseguiu. Finalmente quando a Guyana ganhou sua independência o governo expeliu os missionários e os Wai-Wai cristãos voltaram para sua aldeias velhas no Brasil. [...] (*antropos.org.uk/301wai-wai*)

Pergunta: o Sr. conhecia algum dos membros da equipe de resgate do PARASAR empenhados na busca dos restos mortais da equipe do Padre Calleri e teve alguma participação nestas buscas?

Resposta: eu conhecia a todos, pois todos eles tinham sido meus alunos ou de selva ou de paraquedismo, me dava muito bem com eles e a FAB é quem comandava as buscas, com as suas aeronaves, e levaram este Paulo Mineiro que pretensamente sabia onde é que tinha ocorrido o massacre e orientava as buscas, só que não achavam nada, quem achou foi um Sertanista chamado Peret ([16]). Nesse meio tempo, eu, pelos menos, desconfiava que o massacre tivesse sido feito pelo Paulo Mineiro, não pelos índios, mas quando foram achados os cadáveres se verificou que isso só poderia ser coisa de bárbaros, eles tinham sido mortos com uma pancada de Borduna na fronte, a maioria, pois o Padre Calleri foi flechado e as mulheres foram cortadas a facão desde o pescoço até a vagina, divididas ao meio. Dificilmente uma pessoa civilizada, por mais bárbara que seja, faria isso. Só podia mesmo ser coisa de índio e eu tenho certeza de que foi. Anos depois fiquei sabendo que eles tinham sido chefiados por um tal de Comprido, Comprido seria o apelido de qualquer índio Atroari que fosse alto, e instigados ou mesmo forçados por esse pessoal que veio sob a liderança do Paulo Mineiro.

Foi um episódio que não é agradável de recordar, mas ainda que se continuasse a debater muito sobre isso, isso acabou sendo, de alguma forma, esclarecido trinta anos depois, quando fui Secretário de Segurança de Roraima é que tomei conhecimento de mais alguns desses detalhes.

---

[16] João Américo Peret (*www.viafanzine.jor.br/entrevistas7.htm*)

Pergunta: o Sr. tomou conhecimento de alguma operação, nós estamos com dois marcos temporais, o primeiro após a Expedição Calleri e o segundo em 1974, que tenha lançado gás tóxico ou bombas napalm para eliminar os nativos Waimiri-Atroari em represália ao massacre que promoveram à Expedição Calleri ou a algum outro ataque que eles tinham sofrido?

Resposta: no do Padre Calleri não houve nenhuma, nenhuma ação repressiva, e os massacres de 1974 eu não estava na Amazônia, então não foi algo que eu tenha presenciado pessoalmente, só o que comentavam comigo, de qualquer maneira eu posso assegurar que não teve nenhuma Expedição Militar Punitiva ou o que fosse. Quanto à estória do Napalm isso é de uma falsidade absurda e a única coisa que tem de paralelo é que o tal geólogo que veio de Kanashen, Claude Leavitt, o "*Cron*", teria assustado os índios Atroari que já estava na hora, uma "*questão religiosa*". A expedição do Padre Calleri, que era católico, ia prejudicar os evangélicos lá de Kanashen, que eram americanos e que os Estados Unidos não iriam permitir isso e que se a missão prosseguisse, se eles não acabassem com a Expedição eles iam jogar fumaça que ia matar todos os índios.

Isso foi dito pelos índios um bocado de tempo mais tarde. É claro que naquela ocasião faltavam dados para nós e os dados que a gente tinha do Paulo Mineiro e do pessoal da FUNAI de fazerem parte dessa jogada por não terem nenhuma lealdade ao Brasil, pouco se importando com a ligação que teríamos com nossos rincões isolados, isso na época ainda era acreditado. Acredito que eu tenha vislumbrado isso e de qualquer forma, mesmo que eu não tenha dito algumas coisas, estes dados foram sendo confirmados ao longo do tempo.

Pergunta: o Sr. tem alguma coisa a acrescentar?

Resposta: sim, como as raízes da aversão dos índios aos civilizados são duas, primeiro em função daquela Expedição Punitiva que teria saído no começo do século passado para castigar o ataque de Moura, isso, de uma coisa bárbara de muitas maneiras, mas era o conceito da época. Os índios atacavam os não índios normalmente, os meio índios e até índios também. Isso era tão patente que, em 1980, quando estive no pico da neblina, não com os Atroari, e sim com os Yanomâmi, eles me propuseram um Tratado de Guerra, se o Exército entrasse em guerra eles entrariam também e eu não sabia por que, eles queriam esse Tratado, perguntei, então, se eles aceitariam enviar um pessoal comigo. Cinco Pajés e dois Tuxauas aceitaram contentes e eu levei comigo dois índios para o Quartel. Quando aprenderam português o suficiente eles me relataram que tinham sido atacados, em 1980, pelos índios chamados Maiá ([17]), que eu não conheci, eles tinham devorado 40 Yanomâmi, portanto eles estavam loucos por um Tratado de uma tribo contra a outra. Bom isso era só uma relembrança de como era o momento daquela época. O que tem nessa estória é o funcionamento das minas do Pitinga que quebraram o Cartel mundial ([18]) de estanho fazendo com que o "*Tin Brothers*" se reunisse para evitar a exploração das minas pelo Brasil, e, ainda hoje, temos reflexo destas ações. Quando a mina foi aberta houve um jogo judicial para fechar a estrada e não deixar niguém passar e, ainda hoje, a BR-174 é fechada à noite, arbitrariamente, sem qualquer justificativa para disso.

---

[17] Segundo o Cel Fregapani estes Maiá eram antropófagos. (Hiram Reis)
[18] Cartel mundial de estanho: Tin Brothers. (Hiram Reis)

Se Roraima não tem hidrelétrica ainda é função dessas disputas de um século atrás. Isso é essencial para a nossa Pátria – pacificar e de alguma forma integrar os índios nesta história e a FUNAI se empenha mais em isolar, manter a hostilidade entre os índios e não índios dividindo nosso país em Repúblicas. Nações indígenas, como a Bolívia fez, do que ter lealdade à nossa Pátria. Isso é uma coisa que nós ou nossos filhos e netos ainda terão de resolver.

E como nada mais disse e nem lhe foi perguntado, dou por encerrado o presente depoimento às 11h02 (horario de Brasília)

Depoente: Cel Inf Gélio Augusto Barbosa Fregapani

_____

Cel Eng Hiram Reis e Silva

Cel Inf Wesley Antônio Maretti

No dia 28 de setembro de 2022, às 15h02 (Horário de Brasília), em audiência virtual realizada por intermédio da plataforma Teams, tendo como objetivo compor o laudo pericial antropológico do Assistente Técnico da União, Cel Hiram Reis e Silva, nos autos da Ação Civil Pública – Waimiri-Atroari, n° 1001605-06.2017.4.01.3200, inicio a inquirição do Sr. Wesley Maretti.

O Sr. poderia, por gentileza, informar o seu nome completo: Wesley Antônio Maretti; identidade: 025.821.561-5 – emitida pelo EB/MD; CPF: n° 321.792.357.04; Patente: Coronel; estado civil: casado; naturalidade – Poços de Caldas, MG; filiação – Fausto Bernardo Maretti / Paulina Falcão Maretti; residência – FQS 302, Bloco D, apartamento 303, Asa Sul, Brasília, DF; CEP – 70.380.040.

Vamos então às perguntas:

Pergunta: o Sr. serviu no 1° Batalhão de Infantaria de Selva (1° BIS) em que período?

Resposta: cheguei em fevereiro de 1975 e deixei o Batalhão, se não me engano, em maio ou abril de 1977.

Pergunta: o Sr. tomou conhecimento, na época, dos massacres perpetrados pelos Waimiri-Atroari ao Posto Alalaú II (no dia 01.10.1974), à turma de desmatamento – os maranhenses (no dia 18.11.1974), e ao Posto Abonarí II (no dia 29.12.1974)?

Resposta: eu não me recordo destas datas, mas que eu tinha conhecimento era de um massacre ocorrido

contra o Padre Calleri e depois a um Posto da FUNAI que tinha sido instalado lá para permitir uma aproximação com os indígenas.

Pergunta: o Sr. tem conhecimento de quais foram as medidas tomadas pelo Exército Brasileiro para dar continuidade aos trabalhos da BR-174, temporariamente suspensos após os ataques?

Resposta: a BR-174 estava sendo construída pelo 6° Batalhão de Engenharia de Construção (6°BEC), uma unidade militar não apta para o combate, a maior finalidade dela era, portanto, a construção da estrada. Em razão disto o Comando Militar da Amazônia destacou em reforço ao 6°BEC um Pelotão Reforçado do 1° Batalhão de Infantaria de Selva onde eu servia e esse Pelotão foi para a região do Rio Alalaú com a missão de prover a segurança dos integrantes do 6°BEC e dos civis que trabalhavam para um empreiteiro que executava algumas obras na construção da estrada.

Pergunta: só para ilustrar, qual era o efetivo do pessoal que não era militar?

Resposta: o efetivo, vamos ver o seguinte, na primeira oportunidade em que eu fui destacado, em maio de 1975, não havia ainda moto-serra, e todo desmatamento que era executado nas regiões mais baixas por onde ia passar a estrada era manual, pelos contratados desse empreiteiro com machado. Era uma quantidade razoável de pessoas porque essas árvores tinham de ser derrubadas e depois retiradas do eixo da futura estrada, um trabalho muito difícil e eu imagino que lá estivessem umas 150 a 200 pessoas contratadas pelo empreiteiro de nome André.

Pergunta: o Sr. fez parte de alguma tropa do 1° BIS encarregada da segurança dos trabalhadores da BR-174 e, caso positivo, quantas vezes?

Resposta: não eram somente os trabalhadores civis que estavam sob a proteção do Exército e também os integrantes do 6°BEC – os militares. Eu estive lá em duas oportunidades, a primeira eu saí do Batalhão de Infantaria de Selva no dia 5 de maio de 1975 e a segunda vez eu saí em 12 de setembro do mesmo ano. Na primeira oportunidade eu fiquei por lá quase 50 dias na segunda eu fiquei 30 dias.

Pergunta: o Sr. em alguma oportunidade teve de lançar mão de rajadas de metralhadora ou a explosão de dinamite para afugentar os nativos?

Resposta: não, nestas duas oportunidades em que lá estive, quase três meses, nós nunca vimos pessoalmente os nativos, a gente sabia que eles circulavam em torno do acampamento do Rio Alalaú e nos locais onde estava sendo realizado o desmatamento porque encontrávamos pegadas de pessoas descalças, inclusive pegadas de crianças e não haviam crianças naquela área de trabalho, mas pessoalmente eu nunca vi um indígena nessa trilha no período em que eu estava cumprindo a missão e nunca disparei contra nenhum indígena também, não houve nenhum incidente nesse período em que eu lá estive envolvendo qualquer situação envolvendo indígenas.

Pergunta: O Sr. em alguma oportunidade viu índios mortos serem transportados por caminhões do Exército?

Resposta: não, se alguma alguma coisa saísse daquela região, com certeza eu tomaria conhecimento porque apesar de toda aquela área de destacamento ser comandada por um Major ou Tenente-Coronel de engenharia eu era o responsável pela segurança designado pelo Comando Militar na Amazônia.

Pergunta: o Sr. notou, neste período, o sobrevoo de alguma aeronave militar sobre a área, além do avião da FUNAI ou do 6° BEC?

Resposta: não.

Pergunta: o Sr. sabe informar se houve alguma iniciativa, por parte da FUNAI, para afastar os indígenas das frentes de trabalho?

Resposta: na oportunidade quem estava lá, não me recordo do nome dele, mas era filho do Apoena Meireles, que era chefe do Posto da FUNAI, e eles não ficavam no acampamento do 6° BEC, ficavam em uma posição mais afastada, mais próxima, vamos dizer assim, entre o que seria a aldeia indígena e a posição do 6°BEC. Justamente para tentar um contato antes que eles tivessem contato com os trabalhadores e com os militares que estavam na região e nunca construíram um local de permanência, uma cabana ou um tapiri, e no período que eu fiquei lá eu nunca ouvi nenhum relato que eles tivessem feito qualquer tipo de comunicação com a tribo dos Waimiri-Atroari.

Pergunta: o Sr. presenciou algum suposto ato hostil por parte dos trabalhadores em relação aos Waimiri-Atroari?

Resposta: não, porque nós não os vimos. Não tivemos contato com eles.

Pergunta: o Sr. poderia relatar qual a orientação recebida do escalão superior em relação aos Waimiri-Atroari?

Resposta: quando fui designado para esta missão, pelo Comando Militar da Amazônia (CMA), recebi uma Ordem de Operações do CMA, quando servia no 1° BIS, entregue pelo então Major Thaumaturgo Sotero Vaz, que depois saiu Oficial General e passou muito tempo na Amazônia e a recomendação era muito clara naquela Ordem, não sei se ainda se encontra isso, a Ordem era que ninguém nem o Pelotão de Segurança, conforme nós éramos chamados, nem nenhum integrante do 6° BEC ou pessoal civil poderia se afastar do eixo da estrada até um limite de aproximadamente 50 m de cada lado, ninguém poderia se afastar daquele local e se houvesse algum contato com a população indígena deveríamos buscar uma relação amistosa procurando contatar, imediatamente, o pessoal da FUNAI para que eles intermediassem isso. O que me recordo é que não havia nenhum funcionário indígena da FUNAI, naquele momento, que falasse a língua dos Waimiri-Atroari, mas eles diziam que havia algum tipo de comunicação que era mais ou menos geral em todas as linguagens indígenas e que se houvesse a ordem de abrir fogo só poderia ser dada por mim, Comandante do Pelotão de Segurança quando houvesse risco de vida do pessoal do meu Pelotão ou das pessoas que se encontravam naquele área, fora isso era terminantemente proibido qualquer atitude não amistosa com os indígenas.

Pergunta: o Ministério Público afirma que: "*diariamente, os integrantes do 1° BIS deslocavam-se à área, com artilharia pesada*". Qual era o armamento de dotação do Pelotão do 1°BIS?

Resposta: a Ordem do Comando Militar da Amazônia era de que nenhuma equipe do 6°BEC poderia trabalhar na construção da estrada sem a proteção de no mínimo um grupo de combate deste Pelotão de Segurança. O armamento que tínhamos era o armamento de um Pelotão de Infantaria de Selva, todo Pelotão era dotado de um fuzil, o FAL, eu tinha ainda uma pistola e esse era o armamento que nós dispúnhamos além de granadas ofensivas o que era conduzido pelo Pelotão, e eu tinha duas granadas comigo. Não havia nenhuma dotação de artilharia até porque o Batalhão de Infantaria de Selva, naquela época, em Manaus, não possuía morteiro, não possuíam canhão sem recuo, o armamento do Batalhão era basicamente o Fuzil e a metralhadora MAG, que não foi levada, nesse, caso para lá.

Pergunta: O Sr. tem mais alguma coisa a acrescentar Coronel?

Resposta: eu tenho, conforme disse, anteriormente, além do pessoal militar do 6°BEC estavam lá os funcionários civis do 6°BEC, que de alguma forma poderia ter algum controle pelo Comando Militar e desse Pelotão que passou a agir naquela área por ordem do Comando Militar da Amazônia. Havia, porém, uns 200 civis, e esses civis não tinham praticamente nenhum contrato de trabalho, eram pessoas que eram arrebanhadas em Manaus com a promessa de um pagamento e embarcavam num caminhão e iam trabalhar lá e ganhavam por produção. Eles não eram controlados, posteriormente, nem pelo seu André que era um empreiteiro e muito menos pelo Exército, além disso havia uma certa rotatividade desses trabalhadores civis. Se tivesse havido qualquer tipo de ação hostil com enfrentamento da população indígena, com tiros, com disparos ou com um ataque qualquer da Força

Aérea, essas pessoas teriam ouvido até porque o resultado disso poderia ser o de pessoas mortas tanto do lado indígena quanto do nosso pelotão ou os funcionários e trabalhadores que estavam na área com feridos e isso seria de conhecimento público, não haveria como esconder isso. Essa estrada, esse local que nós estavamos só tinha um eixo de estrada e ia até o Rio Abonarí e era uma estrada que era praticamente intransitável, só transitavam por lá viaturas com tração nas quatro rodas com muita dificuldade, e eu acredito que seria extremamente difícil que se tivesse ocorrido qualquer ação, conforme me foi perguntado, isso não tivesse chegado ao domínio público há muito tempo e nós estamos a quase meio século dessa história e de algo que eu nunca tinha ouvido falar vem à baila e se torna uma ação patrocinada pelo Ministério Público, algo que eu acho bastante estranho.

E como nada mais disse e nem lhe foi perguntado, dou por encerrado o presente depoimento às 15h19 (horario de Brasília)

Depoente: Cel Inf Wesley Maretti

_____

Cel Eng Hiram Reis e Silva

Missões Nada Evangélicas

Não Existem Nações "Amigas, e sim Estados que Comungam de Interesses Comuns

O Jornal, n° 14.480 – Rio de Janeiro, RJ
Domingo, 08.12.1968

Missionários Evangelistas Sabotaram Calleri

O espaço da minha reportagem de hoje é ocupado pela carta que Mr. William Neill Hawkins, Secretário Executivo da Cruzada de Evangelização Mundial enviou à FUNAI na qual oferece todos os recursos da instituição para executar a pacificação dos Atroari, quando o Padre Calleri, da Prelazia de Roraima, já preparava a sua fatídica expedição. É um documento que serve para o leitor tirar conclusões sobre o mundo de interesses em jogo na rica região do Território de Roraima, com diamante, ouro, petróleo, cassiterita, bauxita e outros minérios, disputados por poderosos grupos econômicos estrangeiros que financiam as mais diferentes "*missões religiosas*", aparelhadas com aviões e campos de pouso, onde os brasileiros não têm acesso. Eis o plano dos protestantes, segundo a redação original do próprio autor, William Neill Hawkins:

1. Avião Para Cobertura e Lançamentos de Gêneros Alimentícios;

2. Todas as Vantagens Para Tirar o Padre do Meio dos Atroari;

3. Plano da Cruzada de Evangelização Mundial à Fundação Nacional do Índio;

4. Esmola Grande, Cego Desconfia...

A Cruzada de Evangelização Mundial, sociedade evangelizadora, com sede e foro em Boa Vista, Território Federal de Roraima, representada por seu escritório Executivo, abaixo assinado, ora de passagem por esta cidade, vem com todo respeito e acatamento oferecer uma cooperação à Fundação Nacional do Índio, no sentido de atrair os Índios Atroari fora da região a ser atravessada pela estrada BR-174. Sabendo que representantes da FUNAI e da Prelazia de Roraima já estão empenhados num esforço que tem o mesmo objetivo de atrair os Atroari fora da região, onde a estrada em breve estará em obras, e de evitar, ou diminuir o mais possível, os choques e conflitos que poderiam surgir, a Cruzada apresenta aqui sua proposta como um plano alternativo, que poderá ser posto em execução futuramente, se houver situação imprevista em que seria do interesse da Fundação Nacional do Índio aceitar a cooperação da Cruzada de Evangelização Mundial.

I Para a execução do plano de ação explicado abaixo, a Cruzada dispõe dos seguintes recursos:

1. Índios Wai-Wai, que já tiveram contatos com Atroari do Rio Alalaú, em março de 1968, e que, por motivos religiosos, são altamente incentivados para procurar outro contato com eles, até com perigo de vida. No contato já realizado com os Atroari, os Wai-Wai deram-lhes presentes, mas negaram-lhes objetos que não puderam dar e, apesar do intenso desejo dos Atroari de possuir esses objetos da civilização, conseguiram sair com expressão de amizade da parte dos Atroari;

2. O missionário Claude Leavitt, que trabalha com os Wai-Wai e outros índios da família Caribe há mais de quinze anos. Claude Leavitt é homem de muita experiência nas matas, dirigiu a turma de Wai-Wai que acompanhou uma expedição internacional através da mata desde a fronteira da Guiana até a cidade de Manaus nos primeiros meses de 1968;

3. O missionário linguista, Russell Sasscer que, durante sete anos de trabalhos no Território de Roraima, tomou parte ativa na análise da língua Waíká, e que sabe lidar com índios primitivos e com línguas ainda desconhecidas, usando na análise das línguas o método do "*Summer Institute of linguistics*";

4. Uma picada, aberta na mata pelos Wai-Wai na sua recente viagem, que começa na pista de aterrissagem mantida pela Força Aérea Brasileira no alto do rio Anauá e que atravessa o rio Alalaú muitos quilômetros acima da primeira maloca dos Atroari;

5. A cooperação do avião Cessna da missão "*Asas de Socorro*", baseado em Boa Vista, que daria cobertura a uma expedição, e faria lançamentos de gêneros e outras necessidades;

II O plano de ação que a Cruzada oferece para a consideração da Fundação Nacional do Índio tem, como seu ponto principal, a aproximação aos Atroaras por trás, partindo da região do alto Alalaú. Em consideração das relações hostis entre os Atroari e os moradores do rio Jauaperí durante muitos anos, a Cruzada acha importante, durante os primeiros contatos, desassociar os componentes desta Expedição daqueles que os Atroari consideram como inimigos. O segundo ponto deste plano é que índios Wai-Wai fariam os primeiros contatos com os Atroari, com esperança de ganhar amizade de alguns destes para, depois convidá-los ao encontro com os missionários que estariam a alguma distância rio acima.

Se o tempo permitir, a Cruzada prepararia uma roça grande na região do alto Alalaú, lembrando-se de que os índios, normalmente, não hão de querer deslocar-se de uma região para outra se na região nova não tiver comida, amigos, e a possibilidade de ganhar objetos da civilização. Se a pressão dos acontecimentos não deixar tempo para fazer roça antes de começar a atração dos

Atroari a Cruzada ainda oferece sua cooperação, conforme a proposta esboçada acima, na esperança de achar alguma ajuda para fornecer os mantimentos necessários para um grupo de índios deslocados, até que a roça nova pudesse entrar em produção;

III A Cruzada, se for autorizada a fazer um trabalho desta natureza entre os Atroari, fará tudo em estreita colaboração com a Fundação Nacional do Índio, e dentro da orientação dessa entidade.

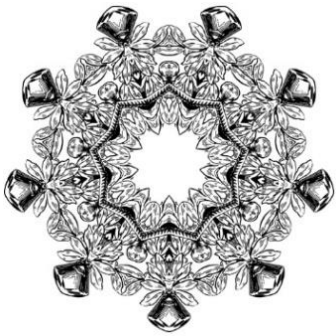
Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1968.

[As.] William Neill Hawkins, Secretário Executivo da Cruzada de Evangelização Mundial

ESMOLA GRANDE, CEGO DESCONFIA, DIZ UM VELHO ADÁGIO POPULAR

A Cruzada oferece tudo de graça, do avião ao plantio de uma gigantesca horta, víveres alimentícios etc., e não cobra um só centavo, desde que o Padre Calleri fosse afastado da pacificação dos Atroari, que habitam terras ricas em minérios, cujas amostras foram encontradas em 2 sacos junto aos corpos da malograda missão.

A morte de Calleri abriu caminho à Cruzada de Evangelização Mundial à aldeia dos Atroari. Quem será a próxima vítima religiosa na desenfreada corrida atrás das riquezas de Roraima? [Por Edmar Morel] (O JORNAL, N° 14.480)



Jornal do Brasil, n° 209 – Rio de Janeiro, RJ
Quinta-Feira, 10.12.1968

FUNAI Denuncia Interesses Escusos no Caso Atroari

A persistência de notícias sobre o extermínio da Expedição do Padre Calleri, por parte dos Atroari, deve encobrir interesses econômicos contrariados segundo afirmou ontem o Sr. José Maria da Gama Malcher, diretor do Patrimônio Indígena da FUNAI. Acrescentou o Sr. Gama Malcher:

> *Há muitos interesses estrangeiros nas terras dos índios, ricas em minérios. Missões norte-americanas protestantes utilizam-se de pseudo-missionários preocupados, na verdade, em pesquisa e contrabando de minérios.*

CASO CALLERI

O Sr. Gama Malcher acha que nova tentativa de pacificação dos Atroari só deve ser feita pela FUNAI. Ele condenou qualquer delegação de poderes a outras instituições ou pessoas, "*pois haverá fracassos em cima de fracassos*". Afirmou o diretor da FUNAI:

> *A reação dos índios a novos contatos, no momento, será violenta. Por isso esses contatos devem ser tentados apenas pelos experimentados sertanistas da FUNAI, talvez João Américo Peret e Gilberto Pinto Figueiredo Costa, que já esteve com os Atroari, mas foi obrigado a suspender os trabalhos por ter contraído uma doença desconhecida. Foi nessa ocasião que a Prelazia de Roraima ofereceu-se para pacificar os índios, através do Padre João Calleri.*

Acrescentou o Sr. Gama Malcher:

> *Quando o Padre Calleri estava se preparando para partir, o pastor William Nell Hawkins, da Cruzada de Evangelização Mundial [CEM], entidade protestante norte-americana, ofere-*

ceu-se para abrir uma terceira frente de pacificação daqueles índios. Depois de examinar a proposta, o Departamento de Pesquisa da FUNAI deu parecer contrário.

Essa Cruzada, segundo explicou o diretor do Patrimônio Indígena, pretendia atrair os Atroari para a Guiana Inglesa, utilizando os índios Wai-Wai, parentes daqueles índios e no meio dos quais atua o órgão protestante.

PROPOSTA ESTRANHA

Em sua proposta, a Cruzada afirma textualmente que apresentava um plano alternativo, que poderá ser posto em execução futuramente, "*se houver situação, imprevista*", em que seria do interesse da FUNAI aceitar a cooperação da CEM. Quando a Cruzada apresentou o plano, ela já sabia das atividades do sertanista Gilberto e que o Padre Calleri preparava-se para partir. Por isso, o Sr. Gama Malcher acha estranho que a entidade tenha frisado a hipótese de haver uma "*situação, imprevista*". Outro ponto que causou estranheza foi a afirmação da Cruzada de que um do seus, Claude Leavitt, que trabalha com os Wai-Wai:

Acompanhou uma expedição Internacional através da mata, desde a fronteira da Guiana até a cidade de Manaus, nos primeiros meses de 1968.

"*Que missão internacional é essa?*" – perguntou o Sr. Gama Malcher. Num terceiro item do plano chamou a atenção da FUNAI, pois a Cruzada afirma que teria "*a cooperação do avião Cessna da missão Asas de Socorro, baseado em Boa Vista, que daria cobertura a uma expedição e faria lançamentos de gêneros e outras necessidades*". "*Esta missão Asas de Socorro*" – afirma o diretor do Departamento do Patrimônio Indígena da FUNAI – tem sido apontada como acobertadora de contrabando de minérios na região. Há ainda um ponto considerado muito importante na proposta da Cruzada de Evangelização Mundial. Em certo trecho, ao revelar que já fizera contatos com os Atroari através dos Wai-Wai, declara o pastor Hawkins o seguinte:

No contato já realizado com os Atroari os Wai-Wai deram-lhes presentes, mas negaram-lhes objetos que não puderam dar e, apesar do intenso desejo dos Atroari de possuir esses objetos da civilização, conseguiram sair com expressão de amizade da parte dos Atroari.

Declara o diretor do Departamento do Patrimônio Indígena da FUNAI que a Cruzada de Evangelização Mundial não negou presentes ou objetos do interesse dos Atroari, mas convenceu-os de que esses utensílios poderiam ser obtidos com os missionários e os Wai-Wai, do outro lado da fronteira, na Guiana. Explicou:

Isto é, procurou atraí-los para o outro lado da fronteira, onde os Atroari seriam utilizados como mão de obra barata.

REPRESÁLIAS

"*Justificativas para penetrações de represália em territórios dos índios vão surgir e muitas*". Este foi o comentário do Sr. Gama Malcher, a respeito das novas notícias sobre o massacre da expedição do Padre Calleri. Uma dessas notícias dizia que o Major Gil Lessa, supervisor do resgate dos corpos da Expedição, afirmara, em se relatório, que os Atroari deviam estar orientados por alguém que conhece estratégia. O oficial do PARA-SAR, no seu relatório, declarou também que os índios utilizaram técnicas de guerrilha para massacrar a expedição, eliminando, em primeiro lugar, o radioperador. Disse ainda que os Atroari estavam usando flechas com ponta de aço e fazendo piquetes nas áreas livres das aldeias para evitar o pouso de aviões ou helicópteros.

CONTRABANDO

O diretor do Departamento do Patrimônio Indígena está preocupado com possíveis represálias contra os Atroari, a pretexto de vingança do massacre da Expedição Carelli ou sob justificativa de que os índios estariam sendo comandados por um branco, usando técnicas de guerrilha, etc.

Por trás da reabertura do caso dos Atroari deve haver interesse econômico contrariado ou alguém que deseja a terra dos índios.

Em apoio à tese, citou o Sr. Gama Malcher diversos casos conhecidos não só pela FUNAI, mas por outros órgãos federais, que envolvem interesses de particulares ["*muitas vezes de estrangeiros*"] nas terras dos índios.

> *Nas cabeceiras do rio Urariquera, há várias missões protestantes norte-americanas que possuem campos de pouso para aviões grandes. Esses missionários não permitem que nenhum brasileiro se aproxime da área, usando para isso numerosos guardas bem armados.*
>
> *Em 1961, o bolsista Ernesto Migliazza, do Museu Goeldi, do Pará, trabalhando com outro bolsista, Edson Dinis, para o Conselho Nacional de Pesquisas, foi estudar na área dessas missões. Ele não pode aproximar-se da região, pois foi impedido por guardas armados.*

Esta Informação está contida em um trabalho publicado pelo Museu Goeldi e foi transcrita em um relatório que o Sr. Gama Malcher preparou para a FUNAI. Outro caso é o das missões protestantes estabelecidas acima da Ilha de Maricá, região rica em minérios. "*Embora estejam na área há muitos anos*", declarou o Sr. Gama Malcher em seu relatório, "*não se conhecem resultados práticos dessas missões junto aos índios, mas sim sua impertinência e fiscalização sui generis [com homens armados] em seus domínios, não permitindo sequer a visita de pesquisadores brasileiros credenciados pelo CNPq*".

A LEI DA FORÇA

Outro exemplo de interesse econômico das terras dos índios foi o caso da firma paulista "*Apasa Apolinário*", que se dedica a projetos aparentemente agropecuários. Disse o Sr. Gama Malcher que esta firma comprou terras na região do rio Arinos, em Mato Grosso, onde vivem os índios Tapanhuna ou Beiço-de-Pau. Submetido o projeto à Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia [SUDAM], esta o enviou à FUNAI, para que a Fundação informasse se naquela área havia índios.

Com a resposta afirmativa, o projeto foi vetado. "*Entretanto*" – afirmou o Sr. Gama Malcher – apesar de a Constituição garantir ao índio a posse da terra onde vive, a Apasa começou a trabalhar na área, com tratores e construindo um campo de pouso na selva. A FUNAI, então, pediu e conseguiu a interdição da área. A Apasa, continuou a trabalhar em seu projeto que, segundo o Sr. Gama Maicher, "*é um dos maiores negócios de especulação imobiliária do País*". Sabendo que a interdição não fora cumprida, o Diretor do Patrimônio Indígena determinou à antiga Inspetoria de Cuiabá, hoje Delegacia da FUNAI, que tomasse providências, inclusive requisitando Força Policial Federal ou Militar, conforme determina a lei. Como essa comunicação foi feita há poucos dias, o Sr. Gama Malcher Ainda não sabe como está o caso. (JORNAL DO BRASIL, N° 209)

Jornal do Brasil, n° 14 – Rio de Janeiro, RJ

Quinta-Feira, 24.04.1969

Índio Matou Calleri por Estrangeiros

Uma missão estrangeira, que entrou no Brasil pela Guiana e incendiou uma maloca Atroari na margem do rio Alalaú está sendo apontada como a principal responsável pelo massacre da Expedição do Padre Calleri. A denúncia chegou à FUNAI através de um grupo de escoteiros de Roraima, que esteve em Georgetown, onde ouviu a história do chefe da missão.

Os técnicos da FUNAI investigam o fato e as ligações da Expedição com a missão "*Asas do Socorro*", frota de aviões que tem base em Boa Vista e é apontada como acobertadora de contrabando de minério. Acham que os Atroari massacraram a missão Calleri por vingança, pois foi a primeira a entrar em contato com os índios após o vandalismo. [Pág. 15]

Expedição da Guiana Implicada no Massacre da Missão Calleri

Boa Vista, Roraima – Uma expedição estrangeira, que penetrou na Amazônia vinda da Guiana Inglesa, teria sido a principal causa do massacre da missão do Padre Calleri pelos índios Atroari, em novembro último.

A suposição foi levantada por elementos ligados à Fundação Nacional do Índio, baseadas em informações de um grupo de escoteiros que esteve em Georgetown, em janeiro. Segundo declarações de um dos chefes do grupo, o líder da expedição, um inglês chamado Thompson, lhe afirmou ter queimado uma maloca Atroari, à margem do rio Alalaú.

VINGANÇA

A afirmação foi feita durante uma exibição de slides na casa do chefe dos escoteiros de Georgetown, Lawrence Thompson, irmão do chefe da expedição. Na ocasião, ele mostrou uma fotografia da maloca, dizendo que a havia destruído para evitar deixar vestígios.

O diretor do Património Indígena da FUNAI, Sr. José Maria da Gama Malcher, disse que a, destruição da maloca teria obrigatoriamente trazido uma reação dos índios, que recaiu sobre o grupo Calleri que foi o primeiro contingente de brancos que penetrou no território Atroari depois da expedição de Thompson, em março/abril.

Segundo ele, a reação vingativa seria normal entre qualquer tribo indígena, ou mesmo entre civilizados. No caso dos Atroari, a situação é mais delicada, pois eles são índios muito traiçoeiros e já atingiram um alto índice de atrito com os brancos. Disse o Sr. Gama Malcher:

> *Se realmente a maloca foi queimada antes do Padre Calleri chegar, é cem por cento certo de que eles se vingaram matando todos os membros da Expedição.*

Vários outros conhecedores dos costumes indígenas também manifestaram a, mesma opinião.

ROTEIRO

O escoteiro Ideo Garcia, chefe de Relações Públicas do grupo de Boa Vista, disse que a expedição saiu de Georgetown em março, descendo o rio Rupununi até Lethem, na fronteira com o Brasil. No caminho foi recrutando índios da tribo dos Wai-Wai, que são do mesmo grupo linguístico dos Atroari, e, por motivos religiosos, altamente interessados no contato com seus parentes brasileiros. De Lethem, a expedição desceu o rio Tacutu e depois o rio Alalaú ([19]), onde habitam

---

[19] Devem, na verdade, ter descido os rios Tacutu–Branco–Negro e subido o rio Jauaperí e, por fim, o Alalaú. (Hiram Reis)

os Atroari, atingindo a cidade de Manaus. Segundo informações extraoficiais, a Expedição teria entrado no Brasil com a aprovação do Governo do Amazonas, pois não consta nos arquivos da FUNAI nenhuma autorização para o grupo.

A FUNAI só veio a se inteirar do fato em setembro do ano passado, quando recebeu uma carta do missionário americano William Hawkins, chefe da missão da Cruzada de Evangelização Mundial na Guiana, pedindo autorização para abrir uma terceira frente de contato com os Atroari, e promover um apoio ao Padre Calleri. Na carta ele mencionava a experiência do missionário Claude Leavitt como "*expert em selvas e pacificações*", e dizia que ele havia participado da expedição de março.

Segundo o Sr. Gama Malcher:

> *Tudo isso é multo suspeito. Além do mais, a Cruzada disse que contava com a cobertura da missão "Asas do Socorro", baseada em Boa Vista. E essa missão tem sido apontada como acobertadora de contrabando de minério.*

A permissão foi negada no dia 27 de setembro, sob a alegação de que não havia, interesse e que a Guiana Inglesa vinha "*notoriamente se empenhando, há alguns anos, em atrair índios do Brasil*".

SUSPEITAS

Disse o escoteiro Ideo Garcia que as primeiras suspeitas surgiram quando outro chefe, um Detetive Federal, chamado Sabá Pinheiro, mostrou-se interessado pelo slide da maloca queimada, pedindo que ele fosse repetido e fazendo muitas perguntas. O inglês então parou de projetar slides da expedição e passou a mostrar fotos de flores, afirmando que os brasileiros já conheciam muito a região e que não havia mais interesse em continuar. Quando; eles voltaram a Boa Vista, ofereceram-se à imprensa local para declarações, mas depois de um breve contato não foram mais procurados, morrendo o assunto por alguns meses.

Segundo rumores não confirmados, a imprensa local teria recebido pressão do líder das missões americanas em Roraima, o pastor Niels Hawkins, que é irmão de William Hawkins.

Existem atualmente sete missões americanas espalhadas pelo Território, controladas pela Cruzada de Evangelização Mundial, sediada em Boa Vista, e apoiada pela frota de aviões da missão "*Asas do Socorro*", também controlada por protestantes americanos. Certas áreas do Território são quase que inteiramente habitadas somente pelos índios e missionários estrangeiros, e inúmeros sertanistas afirmam que elas se utilizam dos índios como polícia, não permitindo a entrada em suas áreas a quem não tiver sido convidado. [Mário de Aratanha – Enviado Especial] (JORNAL DO BRASIL, N° 14)

Jornal do Brasil, n° 16 – Rio de Janeiro, RJ
Sábado, 26.04.1969

Ação Estrangeira Será Investigada

A Fundação Nacional do Índio [FUNAI] pretende pedir aos órgãos de informação do Governo uma investigarão em torno da expedição estrangeira que saiu da Guiana no ano passado e queimou a maloca Atroari, razão principal do massacre da missão do Padre Calleri, em novembro. A FUNAI está coletando todos os dados sobre a expedição estrangeira, para encaminhá-lo ao Ministério do Interior. O órgão tem em seus arquivos alguma documentação sobre missão do Padre Calleri, mas só há pouco tempo soube da investida dos estrangeiros.

A DENÚNCIA

A Fundação pretende, agora, descobrir a veracidade em torno do incêndio da maloca Atroari. O fato foi denunciado pelo escoteiro Ideo Garcia, do Grupo Valério Magalhães, de Boa Vista, que visitou Georgetown e soube ali do ataque aos índios, pouco antes de o Padre Carelli procurá-los. Ideo Garcia assistiu a uma projeção de slides na casa do chefe local dos escoteiros, quando o líder da expedição, um inglês chamado Thompson, informou-lhe que queimara a maloca na margem do rio Alalaú, divisa entre Amazonas e Roraima.

A MISSÃO CALLERI

Acompanhado de seis homens e duas mulheres, o Padre Giovanni Calleri, 34 anos, membro da Congregação dos Missionários da Consolata, partiu de Manaus no dia 14 de outubro, para tentar um contato com os Atroari, índios altos e jovens. O plano da expedição fora, elaborado pela Prelazia de Roraima.

No dia 22, a expedição deixou seu último acampamento na BR-174 e subiu o igarapé de Santo Antônio, rumo à mata próxima aldeia dos Atroari. Nove dias depois, os contatos eram interrompidos. As buscas duraram quase um mês e no dia 1° de novembro, ao anoitecer, chegaram a Manaus os restos mortais dos nove expedicionários. (JORNAL DO BRASIL, N° 16)

Álvaro Paulo da Silva (Paulo Mineiro)

Jornal do Brasil, n° 198 – Rio de Janeiro, RJ
Quarta-Feira, 27.11.1968

PARA-SAR Encontra Objetos de Calleri,
mas não Consegue Localizar, os Corpos
[Álvaro Caldas e Ronald Theobald – Enviados Especiais]

Moura – Novos objetos encontrados por homens do PARA-SAR próximo ao local onde teriam sido vistos os cadáveres dos expedicionários do Padre Calleri, fortaleceram ontem a impressão de que todos foram massacrados pelos índios Atroari. Desta vez a equipe de salvamento e resgate, acompanhada pelo sertanista João Américo Peret e pelo mateiro Álvaro Paulo da Silva, desceu na área em um helicóptero e encontrou novos objetos pertencentes à expedição, entre eles alguns víveres deteriorados, um par de botas novas, lâmpadas, três chapéus de palha, um dos quais cortado à facão.

IMPASSE

A não localização de qualquer cadáver é um impasse para os homens que participaram das busca, o que deverá obrigar a equipe do PARA-SAR a modificar seus planos na continuação dos trabalhos. Esperava-se encontrar algum corpo nas malocas geminadas, posteriormente denominadas de "*Maloca da Esperança*" pelo Comando Geral da Operação.

O depoimento do mateiro, a princípio contestado em algumas áreas da FAB, está ganhando crédito cada vez mais, pois os homens da equipe de busca estão quase certos que, de fato, os dois cadáveres registrados nas fotografias tenham sido retirados pelos índios.

Durante um minucioso levantamento feito ontem no local, o mateiro comportou-se de acordo com o que havia dito antes, indo resolutamente ao ponto onde havia visto os cadáveres e guiando os paraquedistas pelos caminhos por onde passou a expedição.

NOVA VISITA

O Tenente Everaldo Ribas, coordenador das operações, informou que manterá para hoje ainda o mesmo esquema, com um novo levantamento do local pela equipe do PARA-SAR comandada pelo major Lessa e dependendo dos resultados, alterará os planos adotados até agora.

O novo planejamento para continuar a operação de busca da Expedição do Padre Calleri deverá se basear numa expedição a ser montada com o apoio da FUNAI. Esta incursão sairá do último ponto em que esteve a Expedição do Padre Calleri, às margens do igarapé de Santo Antônio e percorrerá com material de envergadura toda região habitada pelos Waimiri-Atroari, que compreende as bacias dos rios Alalaú e Jauaperí.

O helicóptero "*Sapo*" deixou Moura ontem às 8h57min, indo direto para o local das malocas geminadas. Pousou no local e lá permaneceu por mais do três horas, tempo em que a equipe do PARA-SAR, auxiliada pelo mateiro Álvaro Paulo da Silva e pelo sertanista Peret, vasculhou toda a área, principalmente o interior das malocas. As chuvas caíram intensamente toda a tarde e prejudicaram muito o trabalho, abreviando o tempo das buscas e tornando difícil a operação prevista para hoje. Os objetos encontrados foram os seguintes: 13 lâmpadas em bom estado, além de diversos bocais, um par de botas novas, um saco de macarrão e pedaços de carne seca estragada, medicamentos diversos, muitos vidros de remédio vazios, distintivos da expedição, sacos plásticos, pedras de isqueiro, espoletas para balas não deflagradas e três chapéus, sendo que um deles cortado ao meio por facão.

O uso de lâmpadas pela expedição se deve ao fato de ter sido levado um motor Honda. Quanto às botas foi revelado que o Padre Calleri levou quatro pares sobressalentes para qualquer, emergência.

O helicóptero Sapo e o Catalina 6325 deixarão Moura hoje ao nascer do Sol para efetuar uma nova busca ainda mais minuciosa, inclusive percorrendo vários pontos da região do rio Igarapé. A operação terá uma segunda fase, caso não volte a chover na região, que será uma visita à "*Maloca Queimada*", onde o mateiro e sobrevivente Álvaro Paulo da Silva ficou com grande parte do material da expedição.

Entre o local das Malocas da "*Esperança*" e a "*Queimada*" há uma distância de 25 km. Durante as buscas de ontem foi vista uma nova maloca ainda em construção e de forma diferente das outras: tem um contorno poligonal, enquanto as demais são circulares. Havia índios nas proximidades, a maioria dos quais fugiu à aproximação dos aviões. Alguns deles, no entanto, ficaram parados, olhando para cima.

FUNDAÇÃO DO ÍNDIO SUSPEITA DE ÁLVARO

A hipótese de que o mateiro Álvaro Paulo da Silva – o único participante da Expedição do Padre João Calleri até agora aparecido – tenha alguma culpa no desaparecimento da missão fortaleceu-se ontem na FUNAI com a notícia de que o PARA-SAR desceu na clareira onde o caboclo dissera ter visto quatro corpos e nada encontrou. Para o presidente da FUNAI, Sr. José de Queirós Campos, o depoimento do caboclo ontem divulgado em minúcias, apresenta inúmeras incoerências que poderiam ser o resultado de sua emoção ou então de uma história forjada.

Acha estranho, entre outras coisas, que mateiro tenha aparecido com a pistola Beretta do Padre Calleri, da qual ele nunca se separava quando estava em missão entre índios não civilizados.

PONTOS CONFUSOS

Outros pontos do depoimento do mateiro causam estranheza ao presidente da FUNAI, inclusive as declarações de que o Padre havia tratado mal alguns índios, o que teria provocado a revolta e o posterior massacre. Disse o Sr. José de Queirós Campos:

> *Ora, o Padre Calleri estava financiando parte da Expedição era dirigente da Comissão Pró-Índio da Prelazia de Roraima, um dos melhores órgãos sobre índios existentes no país. Por isso, e também pelos contatos que já havia feito com os Atroari até que as transmissões cessaram, todos amistosos, não posso acreditar nisso.*

Acha o Presidente da FUNAI que a história de Álvaro parece um álibi, embora reconheça que os pontos confusos possam ser produto da sua emoção. Acrescentou:

> *De qualquer forma, acho certos trechos de seu depoimento contrários ao comportamento dos índios e ao de qualquer Expedição Pacificadora, como era a do Padre Calleri, um antropólogo e profundo conhecedor dos índios da região.*

Estranha bastante também que o caboclo possa ter chegado até perto da maloca dos Atroari, o suficiente para ver os corpos, e não ter, ainda assim, sido pressentido pelos índios, acostumados a perceber qualquer estranho na floresta a uma grande distância.

Ainda mais estranho para o presidente da FUNAI é que Álvaro tenha voltado depois à maloca e apanhado mantimento e armas e que tenha tido tempo de fazer uma jangada para escapar do lugar.

Todos esses pontos apresentam fatos incompreensíveis para o Sr. José de Queirós Campos, que, no entanto, admite a possibilidade do caboclo estar atordoado com os acontecimentos.

Frisou, porém:

> *Mas na verdade, tudo parece Invenção.*

BUSCAS PROSSEGUEM

Até ontem à tarde, oficialmente, nenhum corpo da Expedição do Padre João Calleri havia aparecido, apesar das notícias anteriores que davam o encontro de dois e quatro corpos.

Informou-se ontem que o Padre Calleri levava em sua Expedição um patrimônio de pelo menos NCr$ 20 mil, em armas, mantimentos, presentes para os índios, remédios, etc. Suas provisões dariam para 40 dias, ou seja, já deveriam ter-se esgotado há alguns dias, pois a missão partiu no princípio de outubro. Apesar de a Amazônia estar atravessando a estação das chuvas, já começadas há algum tempo, as buscas, sempre que as condições meteorológicas o permitirem, vão continuar. Entretanto, daqui por diante – e até fevereiro – a intensidade das chuvas aumentará sempre, o que poderá obrigar a uma paralização dos trabalhos.

A minuta do Decreto que o Presidente da FUNAI entregará ao Ministro do Interior, General Albuquerque Lima, para ser enviada ao Presidente da República, pedindo a interdição da área onde vivem os Atroari, Roraima, esta praticamente pronta.

O Ministro do Interior, a respeito da missão do Padre Calleri, determinou ontem à Consultoria Jurídica do seu Ministério que, no caso de morte comprovada de qualquer membro das Expedições de Pacificação, que não seja funcionário público ou autárquico, nem pertença aos quadros da FUNAI, seja elaborada minuta de projeto de lei para que o Presidente da República o encaminhe ao Congresso, dando uma pensão vitalícia à família do expedicionário desaparecido.

Esclareceu o Ministério do Interior que esse fato já ocorreu uma vez, quando, numa Expedição aérea a Cachimbo, onde atualmente os irmãos Villas-Bôas estão pacificando os Krenakore, morreu um índio que não pertencia ao extinto Serviço de Proteção aos Índios, mas lhe prestava serviços. A lei a respeito foi sancionada este ano.

MATEIRO TEM CRÉDITO NA AMAZÔNIA

Moura [Álvaro Caldas e Ronald Theobald, Enviados Especiais] – Existem ainda algumas dúvidas quanto ao depoimento de Álvaro Paulo da Silva, mas em seu conjunto ele é considerado verdadeiro, pois nas diversas reinquirições o mateiro confirmou toda a história que contou.

A parte final de seu depoimento foi confirmada pelos dois geólogos que o levarem à Itacoatiara. A ingenuidade e a simplicidade do mateiro contribuem também para dar crédito à sua versão, que na parte inicial – ele diz que fugiu após o massacre – é contestada pelo último comunicado do Padre João Calleri, que o deu como desertor.

Os seis homens do PARA-SAR que desceram na clareira onde estão as malocas não encontraram nenhum sinal de violência nos 40 minutos que ficaram em terra, protegidos por um Catalina, os paraquedistas encontraram apenas um "*soutien*" com a alça arrebentada que pudesse ser imputado a ataque violento. O material recolhido, inclusive um coldre e uma bainha de faca, foi trazido para Moura, uma aldeiazinha situada entre os rios Negro e Branco ([20]), a cerca de uma hora de avião de Manaus, Moura não tem mais que cem habitantes, que vivem da caça e principalmente da pesca. A FAB mantem há muito tempo um campo de pouso na aldeia, transformada em centro das buscas da Expedição do Padre João Calleri.

MISSÃO IA AFASTAR ÍNDIOS DA ESTRADA

Manaus – O Padre Calleri, da Prelazia de Roraima, tinha como princípio que índio não se pacifica – porque vive em paz em suas terras – e só se aproxima para evitar choques com os brancos. Foi com essa teoria que ele partiu chefiando a Expedição destinada a fazer contato com os Waimiri-Atroari seguindo o plano concluído em 6 de agosto.

---

[20] Moura fica à margem esquerda do Rio Negro e a 26,4 km a jusante da foz do Rio Branco.(Hiram Reis)

O plano é de autoria da Prelazia, organizado em colaboração com a FUNAI, Departamento Nacional de Estradas de Rodagem [DNER], Departamento de Estradas de Rodagem do Amazonas [DER-AM], Ministério da Aeronáutica e Grupamento Especial de Fronteira, do Exército. Seu principal objetivo era a integração da Amazônia, facilitando a construção da BR-174, entre Manaus e Caracaraí.

O PLANO

O plano da prelazia de Roraima especifica os objetivos, roteiro, condições e meios da missão:

> *Para uma tentativa de solução do espinhoso problema indígena, que torna árdua realização de um extraordinário projeto a favor de nossa Amazônia e de todo Brasil: a BR-174.*

Sobre os objetivos, o plano especifica que:

> Em vista das necessidades imediatas e futuras do movimento geral da BR-174, em consideração dos fatos recentes e remotos acontecidos na região em exame, e de acordo com princípios psicotécnicos da dinâmica de trabalho entre índios, achamos conveniente fixar, no nosso empreendimento, os seguintes objetivos:
>
> 1. *Contato com todos os grupos indígenas que ocupam e região Alalaú-Jauaperí, do Rio Branco até os limites com a Guiana Britânica [hoje independente]. Até este momento só se fala de Waimiri-Atroari;*
>
> 2. *Amizade com os mesmos grupos. Deve-se, mediante uma dedicação sincera, inteligente e sistemática, conseguir tirar destes índios as más convicções que, em 200 anos de história infeliz [várias centenas de mortalidades em massacres horrendos entre brancos e índios], fizeram de nós;*
>
> 3. *Afastamento das residências deles da área total do movimento, presente e futuro, da BR-174. Julgamos suficiente, para esta operação, um raio mínimo de 120 km, equivalente a 154 km de caminho com seis dias para percorrê-los: um índio dificilmente cobre estas distâncias, a não ser que seja para visitar parentes;*

4. *Aldeamento e organização dos silvícolas numa zona estrategicamente escolhida: diferente da posse particular de qualquer tribo e, ao mesmo tempo, situada numa área de grande trânsito, a fim de por obstáculos a eventuais tentativas de fuga [medo da estrada] para os Wai-Wai, parentes deles na Guiana.*

Dispomos, neste momento, dos seguintes resultados, conseguidos pela DER-AM-FUNAI e úteis para esta lógica de trabalho [unicamente achamos que deverá ser aplicada, neste próximo futuro, mais sistemática na impostação de método e operações]: localização de duas malocas, no igarapé Santo Antônio: encontro com alguns indivíduos índios e distribuição de presentes.

ROTEIRO

Continua o plano:

O itinerário que iremos apresentar é fruto unicamente de uma lógica mental, baseada, é certo, em princípios de ética indigenista objetiva e dados de experiência indigenista concreta, mas não aprioristicamente realizável, sendo que:

1. Não se conhece meio de comunicação com estes índios;

2. O sistema de receptividade do silvícola é muito volúvel, especialmente se se considera o forte abalo a que ele, no nosso caso, foi submetido pelos acontecimentos tristes do passado.

Por conseguinte, na aplicação ao campo prático, dever-se-á ponderar todas as circunstâncias reais antes de executar ou reestruturar, e em quais termos.

1. Sobrevoo de reconhecimento por um raio de 40 km, com centro na Cachoeira Criminosa e as seguintes finalidades:

   - *Levantamento topográfico de todas as aldeias indígenas;*
   - *Localização de uma zona neutra onde concentrar os grupos indígenas de imediato contato com a estrada;*

- *Lançamento de presentes preparados em sacos e marcados cada um por um emblema particular [disco vermelho em campo branco], que servirá ao índio, para identificar as sucessivas Expedições por terra e água, pois será igualmente marcado, nas pessoas e objetos.*

2. Organização da equipe de trabalho para cobrir um período inicial e experimental de operações de três meses, até 31 de dezembro vindouro [isto foi modificado e antecipado para fins de novembro].

   Formação: Oito [só foram seis] homens, três mulheres, um Padre. Consideramos oportuna a presença da mulher, elemento novo na história destas Expedições, pelos seguintes motivos:

   - ✓ *Dá-se ao índio a impressão da uma operação "normal"; movimento de famílias que estão realizando o próprio futuro;*
   - ✓ *Tira-se dele o medo instintivo pela sorte das próprias mulheres;*
   - ✓ *Animam-se os silvícolas a respeitar a comitiva na esperança de que um dia estas mulheres venham a fazer parte de suas famílias;*
   - ✓ *Os mesmos homens da comitiva, destinados a trabalhar num campo tão delicado e perigoso, encontram na presença da mulher um piedoso complemento psicológico que favorece a serenidade do espírito, por demais necessária nessas operações.*

Inter-relações: os componentes serão, pelo que se refere o comportamento e trabalho, rigidamente submetidos às normas psicológicas e práticas da direção da expedição. Relações externas:

- ✓ *Respeito absoluto pela personalidade do índio;*
- ✓ *Demonstração calma e continuada própria superioridade;*
- ✓ *Direito exclusivo do dirigente ou do seu delegado de tratar de operações ou de assuntos importantes com os silvícolas;*

- ✓ *Uso absoluto de meios pacíficos para o alcance de qualquer finalidade;*

3. Expedição Preliminar, por ferra, entre os grupos de imediato contato com a estrada [Atroari A-B do igarapé Santo Antônio], com as seguintes etapas:

   Penetração, encontro e brevíssima permanência com os indígenas [achamos o trabalho por terra, sendo esta considerada posse deles, bastante exposta a perigo].

   Traçamento de um caminho Y até o rio Alalaú, a ser executado pelos mesmos silvícolas: uso de técnicas particulares de persuasão e início da inserção deles no nosso movimento.

   Julgamos oportuno, contrariamente a quanto indicamos em nossos planar anteriores inserir neste programa definitivo de trabalhos e operação Expedição Preliminar por terra pelos seguintes motivos:

   - ✓ *Sentimento de insegurança nos elementos da estrada já quase em contato direto com os primeiros grupos indígenas;*
   - ✓ *Vantagem decisiva para a expedição posterior se pudéssemos contar, desde o início com a amizade de um grupo pequeno, aparentemente não muito ofensivo, que nos facilitaria todo o trabalho de contato com os demais grupos.*
   - ✓ *Esta nova fase de operação será iniciada e continuada só na medida em que todas as condições forem totalmente favoráveis.*

4. Expedição definitiva por água, rio Alalaú até o ponto de saída do caminho Y, com as seguintes etapas:

   Penetração, pelo Y, até as malocas e permanência de vários dias; construção de um acampamento AL; demonstração de bondade, alegria, força e prestígio, convicção nos índios que a gente é interessante; deslocamento, pelo Y, dos grupos A-B até o rio Alalaú.

Acampamento A-2, em ilha, fora do alcance das flechas, com permanência de várias semanas; demonstração de habilidade em caça e pesca para dar convicção ao índio, que vivendo conosco ficaria resolvido o maior problema, o da fome; exploração de toda a zona, até as cabeceiras do sistema Jauaperí, com campos de pouso para helicóptero, sobrevoos de reconhecimento, localização de todas as malocas e estudo de uma área neutra e afastada [120 km do eixo da estrada] para a fase final do aldeamento; deslocamento dos grupos A-B. Centro de Aldeamento [previsto nas cabeceiras do rio Alalaú, margem direita], com:

- ✓ *Plantação de mandioca para dar convicção aos índios de que os brancos querem aí morar mais de um ano;*
- ✓ *Construção de uma casa para dar a convicção de que somos gente que está ai "vivendo" e não explorando;*
- ✓ *Inserção dos índios em todo nosso movimento, com sistemas particulares de retribuição de trabalho, à base de artifícios dinâmicos, com poder de alcance, nos tempos de "mercado" de qualquer objeto de interesse para dar entusiasmo e senso de dignidade através da descoberta de novos valores e direitos para forçar o pedido por parte deles para morar conosco;*
- ✓ *Destinação de áreas particulares para a morada dos grupos A-B;*
- ✓ *Descobrimento de outros grupos amigos dos A-B e aproximação deles ao Centro de Aldeamento.*

Centros Particulares, sempre dependentes do Centro-Base para o aldeamento dos grupos inimigos.

Organização Geral – vida, movimento, cultura – de todos os Centros

Separação definitiva da estrada:

- ✓ *Uma vez que o silvícola necessariamente voltará, para abastecimento às velhas malocas, até esgotar o aproveitamento das plantações, acha-se conveniente o contato brevíssimo dele com a estrada;*

- ✓ *Este contato mediante a participação nos trabalhos e conseguinte retribuição, sempre interessante, deveria trazer ao índio a convicção de que a estrada não é um inimigo;*

- ✓ *Aproveitando, depois do fenômeno, a grande afluência, na estrada, de pessoas, sempre amigas, mas que inevitavelmente provocam a rápida diminuição dos meios vitais de sobrevivência, criaremos no índio e convicção de que a estrada embora boa, deve ser definitivamente abandonada.*

CONDIÇÕES

Para, tentar realizar o programa acima exposto, pedem-se as seguintes condições, a serem atuadas preliminarmente:

- ✓ *Suspensão dos trabalhos de máquinas e desmatamento na zona em questão;*

- ✓ *Cessação de qualquer outro movimento de atração dos silvícolas, com o posto da FUNAI em Camanaú ou qualquer outro lugar ou oportunidade de distribuição de material agradável ao índio, a fim de evitar que seja anulada ou mesmo só reduzida a eficácia de operação da Organização Central;*

- ✓ *Autorização para essa organização poder orientar e disciplinar todo o movimento de relações com estes silvícolas, dentro e fora de área da BR-174;*

- ✓ *Fornecimento, desde agora, até 31 de dezembro vindouro, com possibilidade de prolongar este período, de todos os meios de organização e execução na relação a seguir: [...] (JORNAL DO BRASIL, N° 198)*

Jornal do Brasil, n° 200 – Rio de Janeiro, RJ
Sexta-Feira, 29.11.1968

Versão de Álvaro é Desmentida Pelo Barqueiro que o Encontrou na Selva

[Álvaro caldas e Ronald Theobald – Enviados Especiais]

Itacoatiara – O primeiro desmentido concreto do depoimento do mateiro Álvaro Paulo da Silva surgiu ontem em Itacoatiara. A reportagem do JB encontrou o material que ele afirmou haver perdido na fuga. O material foi localizado com o barqueiro Alfredo Marques de Alencar, que conduziu Álvaro em sua fuga pelo rio Apumã. Consta de uma espingarda que o mateiro disse ter perdido, uma rede, linhas de pesca, dez cortes de fazenda estampada, uma Bíblia e 60 cartuchos.

CONTRADIÇÃO

Afirmou o barqueiro que, quando encontrou Álvaro nas proximidades de uma usina de madeira, em plena selva, ele contou-lhe que fugira da Expedição porque o Padre João Calleri estava sendo muito rígido no tratamento com os índios. O mateiro afirmou também, ao contrário do que disse depois em Manaus, quando foi ouvido pelo Tenente Ribas, que não havia nenhum morto ao abandonar a Expedição.

Segundo o barqueiro Alfredo Marques de Alencar, Álvaro afirmou que viu muitas índias bonitas e que os índios da região são cabeludos e barbados. Contou, também, que preparou a fuga com cuidado e convidou um companheiro – Eduardo – para acompanhá-lo. Este, no entanto, preferiu ficar, alegando que confiava no Padre. O mateiro pediu-lhe então que fizesse segredo, não falando nada sobre a balsa que construíra para a fuga – segundo a versão do barqueiro.

SERVIÇO SECRETO INVESTIGA O MATEIRO

Manaus – A 2ª Seção do Grupamento de Elementos de Fronteira da 8ª Região Militar [serviço secreto], chefiada pelo Major Mero, esta levantando a ficha do mateiro Álvaro Paulo da Silva, até agora o único sobrevivente da Expedição chefiada pelo Padre João Calleri, diante das últimas Informações chegadas aqui a seu respeito, que o dão como "*um aventureiro inescrupuloso*". Estas informações, ainda não confirmadas oficialmente, recolhidas junto às pessoas com as quais o Mineiro conviveu ultimamente, o apontam como tendo sido vaqueiro no interior de Goiás até há bem pouco tempo, de onde fugiu depois de dar alguns golpes. O Major Mero Informou que ainda é cedo para falar sobre o assunto, pois só agora começou a trabalhar nele.

ATRITO E SAQUE

Funcionários do Departamento Estadual de Estradas de Rodagens do Amazonas [DERAM] admitem reservadamente que a Expedição deixou São Gabriel, um dos postos do Departamento ao longo do traçado da BR-174, com o mateiro já entrando em atrito com outros membros. O Padre Calleri – que sempre quis preservar o sentido de autoridade e disciplina – fez diversas advertências para evitar que os atritos alcançassem uma dimensão maior, segundo as mesmas fontes, mas as brigas continuaram com o deslocamento dos homens.

Segundo estas informações, que ganharam maior evidência com o fato de a 2ª Seção do Grupamento de Elementos de Fronteira estar investigando a vida do mateiro, havia um complô entre ele e outros membros da expedição, ainda não identificados, com a ajuda de trabalhadores da frente de construção da rodovia, para saquear a expedição, plano que teria sido abortado com a reação dos índios às brigas internas dos expedicionários.

Admitem estas fontes que uma cena de violência entre 03 integrantes da Expedição, durante a qual houve trocas de tiros e mortes, tivesse causado uma reação também violenta dos Atroari aos quais não teria cabido a iniciativa de qualquer ato de agressão.

TARIMBA E AMIZADE

Em defesa desses argumentos, estas mesmas fontes apontam dois fatos importantes. O primeiro é o de que o Padre João Calleri é um homem por demais experiente para se ter precipitado e provocado desentendimentos com os silvícolas, pois a sua tarimba e conhecimentos sobre o assunto o credenciam como um dos melhores sertanistas da região. O outro se refere aos últimos contatos dos Atroari com o pessoal da construção da BR-174, que foram por demais amistosos e cordiais para que tivessem mudado assim tão repentinamente.

Num destes contatos um helicóptero do DERAM pousou na clareira da "*Maloca Queimada*", dois homens desceram e foram recebidos amistosamente pelos índios, a ponto de, quando foram novamente decolar, não puderam levantar voo devido ao excesso de presentes que ganharam. Cachos de bananas tiveram que ser retirados para que o helicóptero levantasse voo. A Expedição levou um equipamento de valor considerável, compreendendo, além dos víveres, presentes para os Atroari e equipamentos diversos para a missão, um radiotransmissor e receptor SSB, um motor Honda, pesando 50 quilos, e uma lancha com motor de popa. Todo este material encontra-se desaparecido, com a Expedição.

CHUVA MANTÉM AS BUSCAS PARALISADAS

Manaus – As chuvas fortes de ontem voltaram a impedir qualquer ação dos paraquedistas do SAR na região onde desapareceu a Expedição. Para hoje está prevista nova descida na área dos Atroari, com maior número de homens [20] porque serão utilizados helicópteros.

As operações de vasculhamento da área onde se presume que a Expedição foi massacrada estão paralisadas há dois dias. Em Moura, base avançada das operações, os homens do PARA-SAR aguardam que a chuva amaine para continuar as buscas.

PRESENTES

Hoje serão lançados presentes sobre as malocas dos índios – saquinhos de açúcar, espelhos, caixas de fósforo. Os aviões lançarão também cinco mil panfletos com instruções para que os possíveis sobreviventes façam sinais com espelhos e cruzes de madeira em todas as clareiras.

Segundo o Tenente Ribas, coordenador das operações de resgate, o objetivo da missão é mostrar que tem intenções amistosas, para depois descer com paraquedistas em incursões mais demoradas. Acredita o militar na possibilidade de ainda haver sobreviventes, mantidos presos pelos índios. Ontem chegou a Manaus mais um helicóptero para integrar as buscas, esperando-se para amanhã a vinda de um avião Búfalo da FAB, que será utilizado pela primeira vez em operações de salvamento.

ATROARÍ É FESTIVO E GOSTA DE AÇÚCAR

Manaus – Rapazes novos, altos e fortes, com uma média de idade de 22 anos, cabelos cortados rente, que gostam de açúcar e têm dentes estragados – o que não é comum entre os indígenas – além de muito festivos, assim são os Atroari, que habitam a bacia dos rios Alalaú e Jauaperí, segundo revelou o engenheiro agrônomo e sertanista Eduardo Celestino Santana. Seu Santana, como é conhecido o engenheiro, é funcionário do DERAM e vem mantendo contato com os Atroari desde 1967, quando foram iniciados os trabalhos de construção da rodovia Duque de Caxias [BR-174], deles guardando uma impressão amistosa, pois em todos os encontros que teve não notou qualquer sinal de agressividade.

COM AÇÚCAR

Outra característica dos Atroari – que juntamente com as Waimiri, seus irmãos da bacia do Alalaú e do Jauaperí, devem somar mais de três mil na região – é a de gostar abusadamente de açúcar. Certa vez, conta o engenheiro, quando um grupo deles fez uma visita ao acampamento do DERAM, foi descoberta uma saca de açúcar num canto. Depois de enfiar o dedo no açúcar e passar na boca, o índio começou a pular de contentamento, chamando a atenção dos demais, que logo formaram uma fila, esvaziando a saca em poucos minutos. Nestes contatos, os Atroari, que usam apenas uma pequena tanga presa por um cinto de cipó à cintura, demonstraram grande simpatia pelas redes, que foram todas ocupadas, pelos cachorros, com os quais eles brincaram durante muito tempo, e pelas roupas dos brancos, tendo alguns deles vestido, uma em cima da outra, mais de quatro camisas.

Especial simpatia foi demonstrada também para com as mulheres, todas elas chamadas de Maria, única palavra conhecida por eles fora do seu dialeto. Fora isto, qualquer comunicação era feita através de mímica. Demonstrando possuir uma intuição muito grande, segundo as observações do engenheiro Eduardo Santana, os Atroari sempre que vinham ao acampamento dos trabalhadores vasculhavam todos os cantos com o objetivo de saber quantos homens existiam. Conhecendo já este hábito, nós tomávamos a precaução de colocar sempre o dobro de homens em relação ao número de índios, para evitar qualquer suposição de superioridade por parte deles.

A CULTURA

Os Atroari possuem certo conhecimento adquirido em consequência de seu trabalho, revelado principalmente na construção de suas habitações, redondas, feitas de madeira e cobertas com folha de palmeira, na cerâmica que desenvolvem e nos machados e flechas que utilizam.

Segundo seu Santana, já no quilometro 111 do trecho Manaus-Alalaú da BR-114 começaram a aparecer indícios da cerâmica indígena, com o descobrimento de alguidares, que são bacias de barro e outras peças muito trabalhadas. Com o progresso das obras de desmatamento, outras coisas foram surgindo, deixadas pelos índios, acredita-se, para facilitar a aproximação com os trabalhadores, entre elas machados de pedra, arcos e, flechas.

No primeiro contato que tiveram com os Atroari, eles foram em número de seis ao barraco do acampamento, trocaram alguns brindes e depois retornaram.

"*Fisicamente eles são como qualquer um de nós. Têm traços finos, que os identificam mais com o caboclo do que com os demais índios*" – diz o sertanista. Na outra vez que voltaram já foram em número de 22. Novos presentes foram então trocados, sendo que eles trouxeram bananas e flechas. Na hora de comer, recusaram a refeição dos brancos, preferindo peixe moqueado [assado com escama]. Os arcos utilizados pelos Atroari medem mais de dois metros e têm grande resistência. O acabamento é perfeito. Algumas flechas tem ponta de ferro, na forma de anzol, outras tem as pontas longas e afiadas, também de ferro, e as de uma terceira espécie são de madeira, com forma de rosca na ponta.

FUNAI NÃO CRÊ EM BRANCO CHEFIANDO ÍNDIOS

O diretor do Departamento do Patrimônio Indígena da FUNAI, Sr. José Maria da Gama Malcher, afirmou ontem – analisando a afirmação de Álvaro Paulo da Silva de que há um branco venezuelano chefiando os índios – que histórias como essa sempre existiram na Amazônia, sem fundamento, com o objetivo único, de justificar violências contra os silvícolas. Nenhuma notícia chegou ontem à FUNAI sobre o paradeiro da Expedição do Padre Calleri ou sobre os trabalhos de resgate. Continua a dúvida entre duas hipóteses: ou a missão foi mesmo massacrada ou está prisioneira dos Waimiri ou Atroari.

MATEIRO SUSPEITO

A história do mateiro Álvaro Paulo da Silva, de como conseguiu escapar sem ser morto pelos índios, é encarada com suspeita crescente na FUNAI. Para o Sr. Gama Malcher, até que tudo o que aconteceu à expedição do Padre Calleri se esclareça, as declarações de Álvaro são suspeitas. O Sr. Gama Malcher não admite que os vestígios encontrados há três dias pelo PARA-SAR na maloca número 2 dos Atroari – um par de botas, remédios molhados, chapéus de palha, etc. – sejam suficientes para que se afirme que tenha havido um massacre.

Para ele, até que se encontrem os corpos das possíveis vítimas os participantes da Expedição do Padre Calleri poderão estar prisioneiros dos índios. Entretanto, o Sr. Gama Malcher não afasta a hipótese de que tenha ocorrido um massacre. Se isso aconteceu, apresentam-se duas alternativas, a primeira das quais de que os índios houvessem reconhecido entre os participantes da Expedição alguém que anteriormente lhes fizera algum mal. Na hipótese de massacre, a segunda possibilidade seria a de que os presentes do Padre Calleri tivessem se esgotado antes da chegada de todos os grupos de índios. Nesse caso, os índios que chegassem por último, vendo os demais com brindes, achariam que o Padre não estivesse disposto a presenteá-los também, o que é considerado uma desfeita imperdoável. Esse caso poderia, também, explicar um possível massacre da expedição.

O Diretor do Departamento do Patrimônio Indígena, entretanto, vê com muita desconfiança a história do mateiro, ainda mais agora que surgiu o caso do branco chefiando os índios. Disse o Sr. Gama Malcher que não é de hoje a existência de histórias semelhantes na Amazónia, lembrando as hipotéticas presenças de um francês entre os índios Urubu, em Gurupi, no Maranhão, de um foragido da polícia entre os Paracanã e Açurini, na região do rio Tocantins, e muitas outras parecidas.

O objetivo dessas histórias, afirma o Sr. Gama Malcher, era justificar a presença de Forças Policiais ou Militares nas áreas dos índios, para resgatar ou prender esses hipotéticos homens brancos, que nunca foram encontrados. Até que essas Expedições terminassem, os territórios indígenas eram invadidos e muitos índios massacrados. Explicou que os índios não atacam gratuitamente o homem branco, mas é este quem invade o seu território. Com esta invasão, o índio naturalmente se torna hábil, para defender a sua terra. Disse o Sr. Gama Malcher:

> O mesmo aconteceria com os homens brancos que tivessem o seu país invadido por outra nação.

Por isso, acha o Sr. José Maria da Gama Malcher perfeitamente natural que os índios tenham atacado com flechadas o Catalina da FAB que há três dias dava cobertura a um helicóptero do PARA-SAR quando examinava a maloca n° 3 dos Atroari. A agressividade desses índios não significa que eles estejam revoltados depois de massacrarem a Expedição do Padre Calleri, mas é apenas uma atitude de autodefesa. Por outro lado, acrescenta, esses indígenas que atacaram o aparelho do PARA-SAR podem até ser de um grupo que não teve qualquer contato com a Expedição do Padre Calleri.

SEM BOMBAS DE GÁS

O Gabinete da FUNAI afirmou ontem categoricamente que em nenhuma hipótese seus sertanistas usarão bombas de gás lacrimogêneo contra os índios, nem armas de fogo, mas apenas fogos de artifício, que só assustam. Essa afirmação foi motivada pela notícia de que o PARA-SAR, se fosse atacado durante os trabalhos de resgate dos mortos ou sobreviventes, utilizaria fogos de artificio e bombas de gás para manter os índios afastados. Reafirmou a FUNAI que a ordem recebida do Ministério do Interior – ao qual está subordinado – é a de preservar, de qualquer maneira e em qualquer hipótese, a integridade física do índio.

Entretanto, a Fundação não pode garantir que o PARA-SAR vá deixar de usar bombas de gás contra os índios, pois aquela unidade militar é subordinada ao Ministério da Aeronáutica.

A necessidade da preservação da integridade física dos índios vem sendo ressaltada desde o início pela FUNAI, reafirmada inclusive em uma comunicação do sertanista João Américo Peret enviado para chefiar a missão de resgate. Com essa declaração, pretende a FUNAI evitar qualquer ação de represália aos Atroari e Waimiri, a pretexto de que homens brancos tivessem sido atacados pelos índios quando procuravam sobreviventes da Missão do Padre Calleri.

Com essa finalidade, o Presidente da FUNAI, Sr. José de Queirós Campos, enviou para a 1ª Inspetorias de Manaus, tão logo chegaram as primeiras notícias sobre o desaparecimento da Expedição do Padre Calleri, um rádio urgente determinando que não fosse permitida qualquer represália aos índios, e que se informasse, com a maior brevidade, à Fundação se alguém, algum órgão ou entidade tentasse penetrar na área dos Atroari a pretexto de procurar sobreviventes.

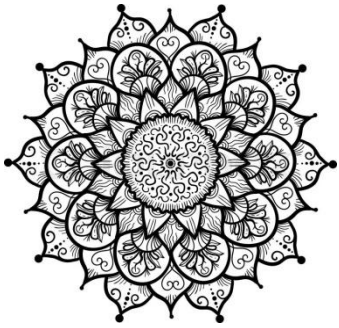
Explica a FUNAI que essa preocupação com a integridade dos índios está baseada em numerosos acontecimentos no passado, quando volta e meia surgiam notícias de massacres de brancos – quase nunca confirmadas – apenas para dar pretexto a represálias.

Essas represálias informam ainda os funcionários da FUNAI, somente encobriam os interesses dos mineradores, madeireiros, garimpeiros e outros aventureiros pelas terras dos índios. Nas expedições punitivas eram mortos muitos índios, e os sobreviventes fugiam, para outras áreas, deixando então suas valiosas terras para serem exploradas pelos brancos.

INTERDIÇÃO

A interdição da região onde vivem os Atroari e Waimiri foi pedida anteontem pela FUNAI, que enviou ofício nesse sentido ao Ministério do Interior, para ser encaminhado ao Presidente da República. O Diretor do Patrimônio Indígena, rebatendo as afirmações do Governador do Amazonas, Sr. Danilo Areosa, de que a interdição, iria prejudicar o progresso da região e a própria segurança nacional, aclarou que a medida não impedirá que a estrada Manaus-Caracaraí continue a ser construída. Lembrou o Sr. Gama Malcher que a interdição não atinge o Estado do Amazonas, mas apenas uma pequena parte do Território de Roraima, na confluência dos rios Alalaú e Jauaperí e até as suas cabeceiras. Frisou que a interdição só alcançará parte daquele Estado se isso for estritamente necessário.

Afirmou que a interdição não exigirá um novo traçado para aquela rodovia, mas a sua finalidade é permitir que um sertanista da FUNAI passe a acompanhar os trabalhos de construção, orientando os contatos com os indígenas. Explicou o Sr. Gama Malcher que o objetivo da FUNAI é atrair os índios da área para outra região, de maneira que recebam novas terras que lhes permitam viver sua própria vida sem serem incomodados pelos brancos e longe da estrada, "*onde não seriam mortos a tiros, mas pelas doenças levadas pelos civilizados*". Essa, aliás, era a principal missão do Padre João Calleri. (JORNAL DO BRASIL, N° 200)



Bibliografia

JORNAL DO BRASIL, N° 14. **Índio Matou Calleri por Estrangeiros** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, n° 14, 24.04.1969.

JORNAL DO BRASIL, N° 16. **Ação Estrangeira Será Investigada** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, n° 16, 26.04.1969.

JORNAL DO BRASIL, N° 198. **PARA-SAR Encontra Objetos de Calleri, mas não Consegue Localizar, os Corpos** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, n° 198, 27.11.1968.

JORNAL DO BRASIL, N° 200. **Versão de Álvaro é Desmentida Pelo Barqueiro que o Encontrou na Selva** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, n° 200, 29.11.1968.

JORNAL DO BRASIL, N° 209. **FUNAI Denuncia Interesses Escusos no Caso Atroari** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ, 10.12.1968.

O JORNAL, N° 14.480. **Missionários Evangelistas Sabotaram Calleri** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Jornal, n° 14.480, 08.12.1968.